

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 51 — Março, 1920

O Momento	REDACÇÃO	189
Educação Republicana	NOÉ DE AZEVEDO	191
O Romance do Chupim	MONTEIRO LOBATO	196
Pagina Relida	C. MAGALHÃES AZEREDO	204
Versos	{ PAULO SETUBAL	212
	{ BASILIO MAGALHÃES	215
	{ MILTON DE ASSIS	217
Afranio Peixoto	JACKSON DE FIGUEIREDO	218
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. A. NOGUEIRA	229
Archipelago de Fernando de Noronha	YVON	235
Calcutta	ED. NAVARRO DE ANDRADE	241
Academia de Letras	ARTHUR MOTTA	248
Autographos	SILVEIRA MARTINS	259
Bibliographia	REDACÇÃO	261
RESENHA DO MEZ: Coisas d'Antanho (<i>Conselheiro Ayres</i>) — A fome universal (<i>Micromegas</i>) — A enguia e os seus habitos (<i>Charles Bay</i>) — Nos dominios de Julio Verne (<i>Charles Mc. Cann</i>) — A ilha de Robinson — As mulheres sul-americanas (<i>Gilberto Freyre</i>) — Curiosidades postaes (<i>Boch</i>) — A data de hontem (<i>Antonio Torres</i>) — Americanadas — Canhões historicos (<i>L. A. W.</i>)		
Caricaturas do mez		272
Ilustrações — no texto.		282

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Coritiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam sempre em junho ou dezembro.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4

ETABLISSEMENTS

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

Bloch

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

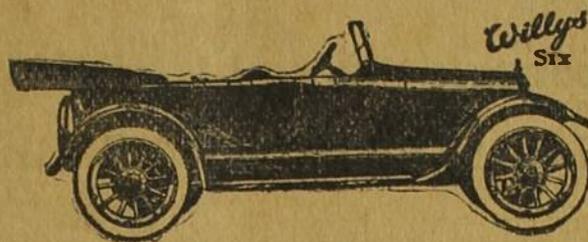
116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscripto £ 2.000.000

Capital Realizado £ 1.000.000

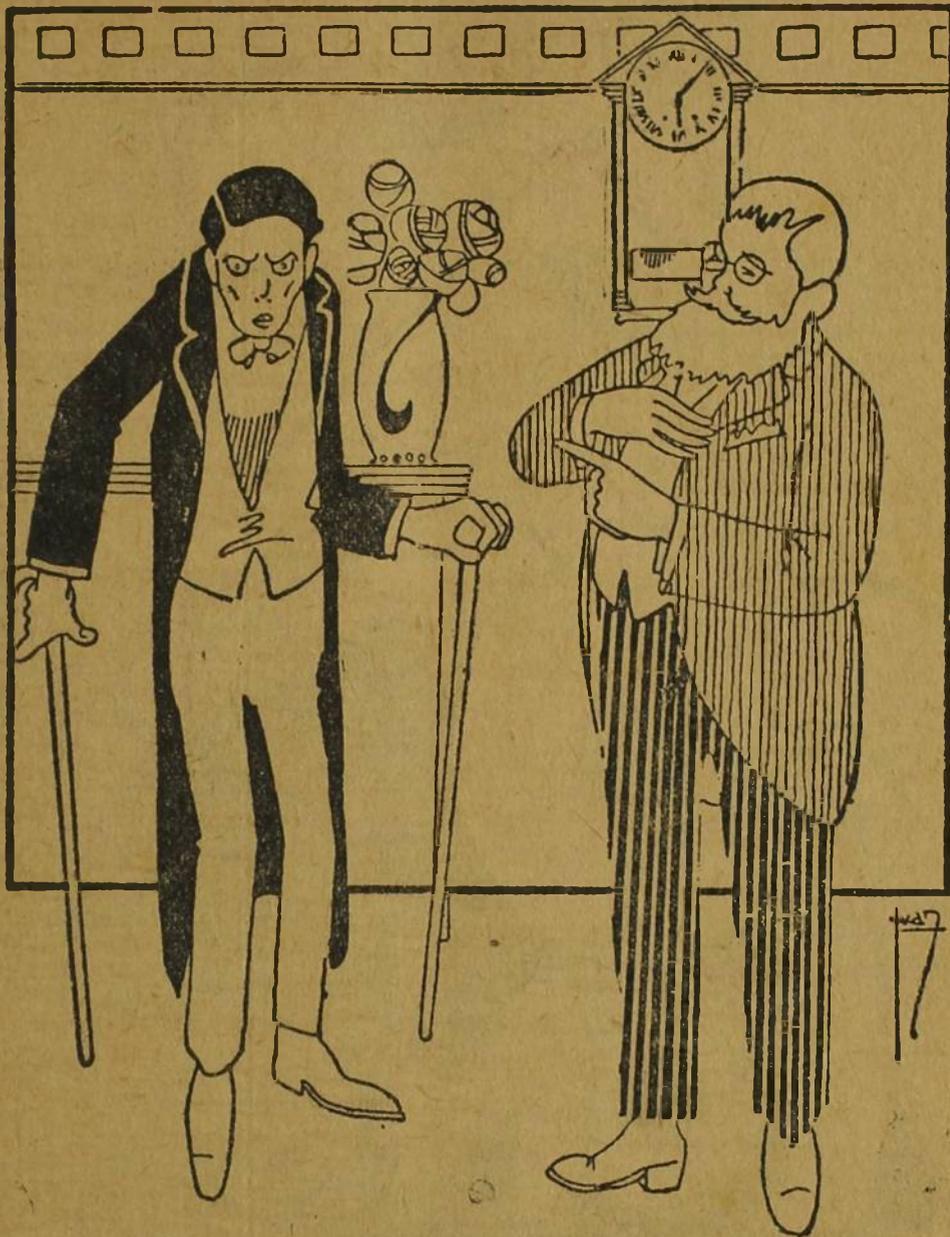
Fundo de Reserva £ 1.000.000

SUCCURSAES : - Manchester,
Bahia, Rio de Janeiro, Porto
Alegre, Montevidéo, Rosario
de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

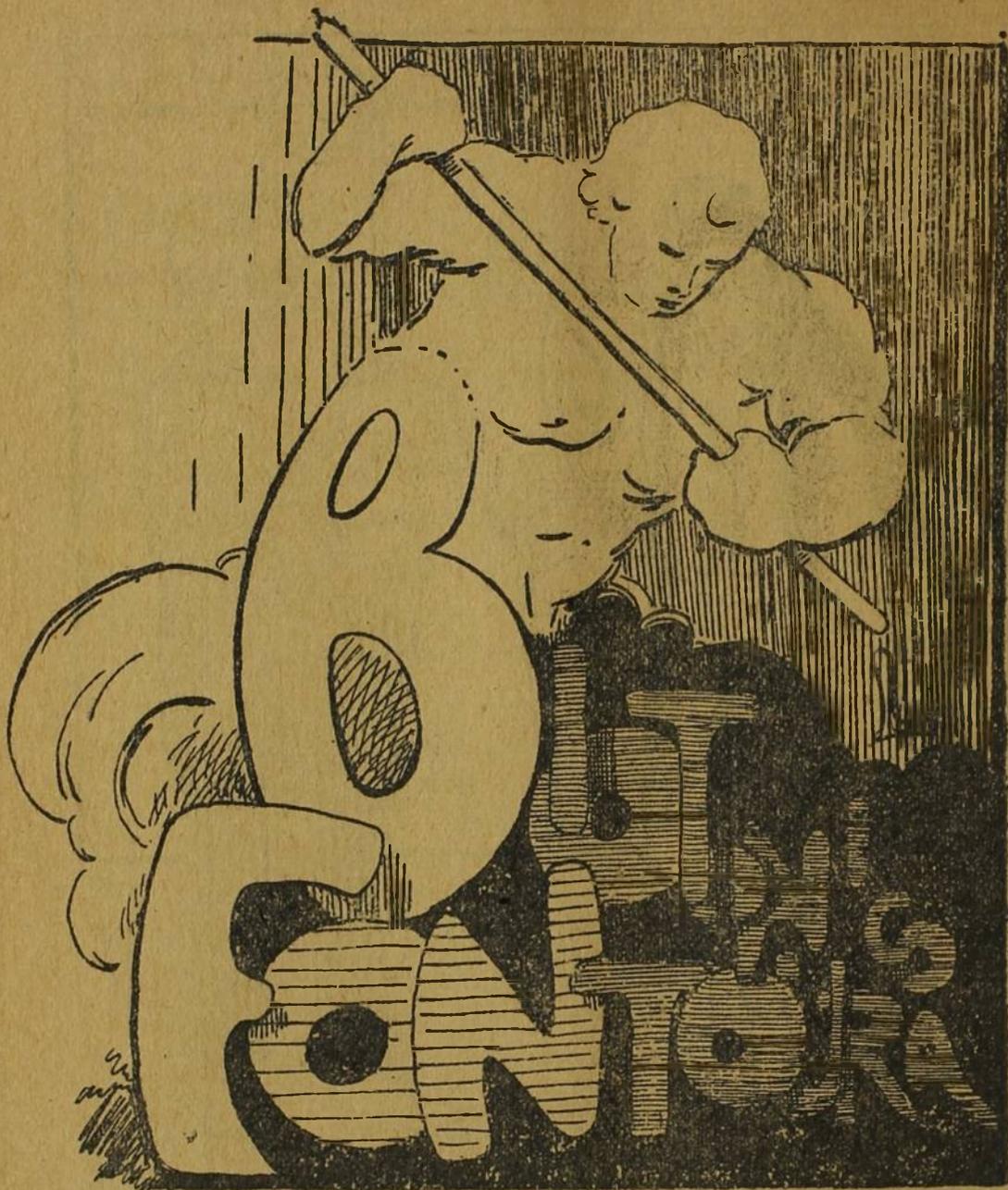
RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



1° VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. “Usei tudo” e nada me curou.

2° VELHO — “Usei tudo” — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.

**COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS.
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"**



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** e o mais completo fortificante. Exerce accção benefica sobre todos os orgãos, produzindo sensaçõ de bem estar, de vida, de saude. **O BIONICO** cura todas as fórmas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua accção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

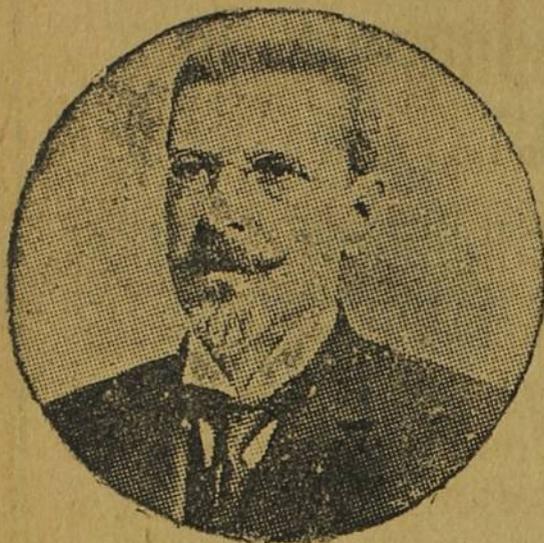
IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.

O Vinho Reconstituente

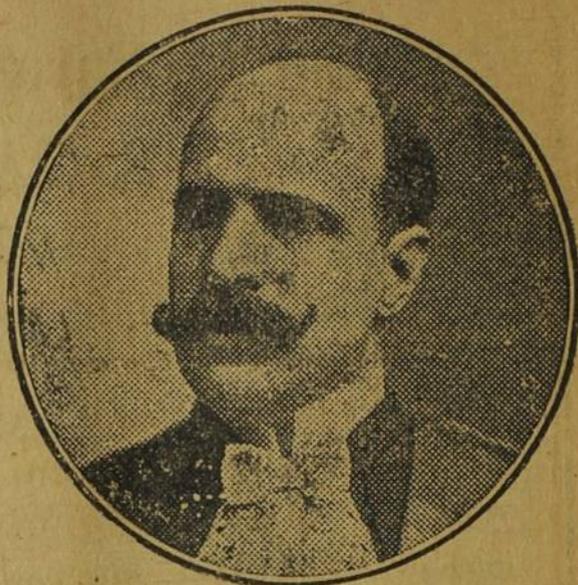
Recommendado e preferido por
einentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



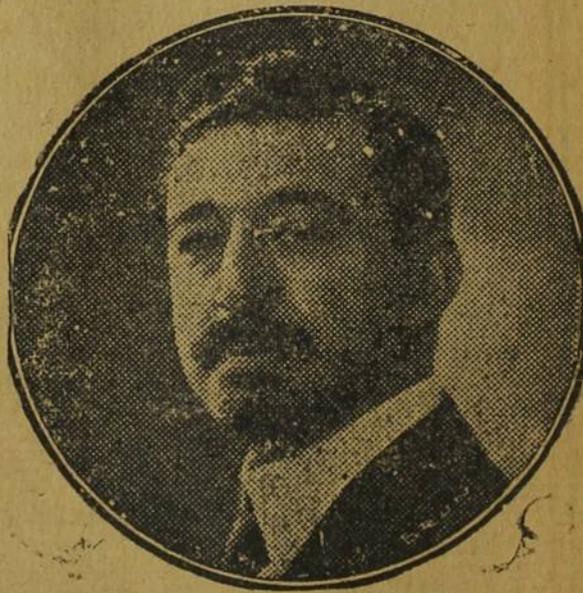
"excellente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellente tonico nervino e hematogeinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE
INAPPETENCIA

ANEMIA

ESCROPHULOSE.

RACHITISMO

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

O nó das supremas angustias constringe todas as gargantas. A doce esperança de resurreição com que nos embalamos até aqui, desde o inicio da presidencia-Epitacio, acaba de ruir com fragor. O presidente da Esperança rendeu-se á charanga. A charanga volta, gargalhante, a estrangular a nação.

O caso é simples. Um Estado cahira, de ha longos annos, nas unhas duma piolheira politica. Amesquinhado, sugado, suffocado, saqueado, estrangulado pelos parasitas, tenta, um por um, todos os remedios legaes.

Recorre á justiça : inutil — a justiça republicana não dá sentença contra os prostibulos.

Recorre á eleição : inutil — a validade da eleição republicana depende do placet dos prostibulos.

Recorre á imprensa : inutil—a voz da Imprensa é abafada pela voz da contra-imprensa alugada aos prostibulos.

Em desespero de causa, recorre ao Supremo Tribunal da consciencia brasileira — Ruy Barbosa. O apostolo das liberdades attende, e não se limita a dar parecer : vae em pessoa, velhinho, encanecido — mas com vinte annos n'alma — vae correr os sertões, e ensinar áquelles povos a força do direito. Prega o Dever. Ensina a Consciencia. Esperta o Brio. Galvanisa a Dignidade Humana que dormia nos peitos rudes. Que quadro! Não ha outro mais bello em toda a nossa historia.

E o espesinhado, retesando os musculos, resurge homem. Abandona lar e filhos, querencia e lavoura, e vae, como póde, a cavallo ou a pé, com as armas que póde, as armas toscas dos soldados do ideal — a picapáu, a foice, a faca, a peroba, a chuço — vae em levas que crescem pelo caminho, arrastando tudo em sua passagem, de rumo feito á caverna onde Ali-Babá e os quarenta asseclas se ceavam como jovardos.

O país inteiro, fremente de entusiasmo, acompanha, commovido, o levante sublime. A bastilha dos ácaros cahirá. As piolheiras não resistem aos assomos da dignidade humana em revolta.

Approximam-se os heroes ingenuos. Chegam ás portas da Cova. Ao defrontal-as, porém, que é que lhes surge á frente ?

Os ácaros ? Os inimigos ? Os prostibularios ?

Não. Essas Agulhas-Negras da covardia lá estão nas alcovas palacianas, entrincheirados, batendo o queixo de pavor. Para guardal-os com seus corpos, para defendel-os com seu sangue, para eternisar-lhe o dominio com o seu prestigio, o que os sertanejos em armas encontram é...

... o exercito brasileiro!

E' o cidadão que o Brasil disciplina, militarisa e paga para defendel-o contra o inimigo exterior.

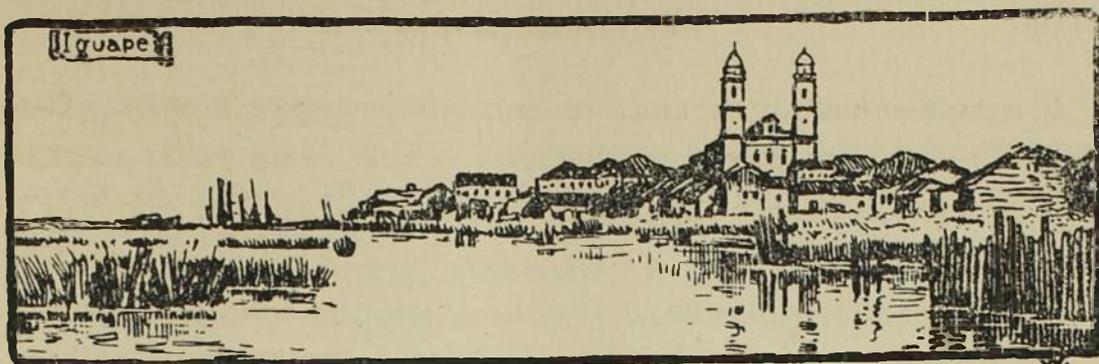
E' o exercito, transfeito em capitão do matto.

E' o exercito, guarda-costas da piolheira.

E' o exercito — nação em armas — contra a Nação, mobilisado contra o Brio da Nação, atirado, como mordança, contra a Vóz da Nação...

Gloriosa campanha ! Deixar os quarteis para descarregar metralhadoras contra um dos mais bellos assomos da Dignidade Humana!...

E o exercito vae...



EDUCAÇÃO REPUBLICANA

POR

NOÉ DE AZEVEDO

A afirmação de que não estávamos ainda preparados para receber o regimen, que em 89 nos arranjaram, é coisa já sedição. Não obstante os que propalam essa toleima, costumam emittir o seu juizo acompanhado de tantas e tão sisudas elucubrações que essa banalidade toma ares de profunda philosophia. Dizem que as revoluções sociaes não se fazem de subito; que as instituições politicas devem acompanhar o desenvolvimento da nação; que um povo é, sob muitos aspectos, como um homem, e como elle não muda de habitos num dia; que sem a necessaria preparação não podia a nossa gente bem comprehender e avaliar a importancia da reforma, por que faziam-na passar; que, em taes circumstancias, a grande conquista democratica não passou de um “presente de gregos”. No bojo do vistoso machinismo politico vinham os inimigos, que deviam explorar e opprimir esta malsinada gente. Lá se abrigavam aquelles que, mais tarde galardoados com o pomposo apellido de republicanos historicos, haviam de ser os chefes das anniquiladoras e despoticas oligarchias. Lá estava, com o nome de autonomia municipal, o germen de um nefasto e immoralissimo regimen feudal. Lá se achavam os que, invocando serviços inolvidaveis na propaganda da abolição e da republica, obteriam a mercê de mandar na sua aldeia, como em propria feitoria. Lá se escondia, emfim, todo um exercito de patriotas, que jamais conceberiam essa abstracção anti-natural das doutrinas politicas, que nos pintam a patria como filha de nossos sacrificios, em vez de mãe sollicita, creadora de rubicundos filhos. Era impossivel acreditar-se que aquelle povo “bestificado” de 15 de Novembro poderia impedir que a nova

organisação democratica fosse assim, tão grosseiramente, sophismada. Mais valia termos continuado sob as instituições imperiaes, mais atrasadas, é certo, porém mais conformes aos nossos habitos e á nossa cultura. E' melhor sustentar o jugo de um autocrata bem intencionado e esclarecido, que soffrer os choques dos movimentos revolucionarios e o vacuo asphixiante da desorganização social. E' mais prudente mesmo aturar as arbitrariedades de um tyranno, que atirar-se aos azares das rebelliões, arriscando cahir sob as garras de muitos tyrannetes. As leis devem reflectir o estado intellectual do povo para que são feitas: devem representar fielmente os seus usos e costumes, que são o producto espontaneo da sua cultura.

Na philosophia juridica estes postulados tão repetidos são, que, por axiomas, já muitos os têm.

Não obstante, para mim tenho que só em parte são verdadeiros.

Concordo que quando foi proclamada a republica ainda não estavamos preparados para recebê-la. Mas quem pode asseverar que o estariamos hoje, ou daqui a 50 ou 100 annos, se não ensaiassemos o novo regimen? A França viveu mais de mil annos sob instituições monarchicas. Vieram, ao fim de tantos seculos de escravidão, trazer-lhe a liberdade os mais pugnazes doutrinadores dos tempos anteriores á guerra. Todos sabem que a pregação omnimoda dos empolgantes ideaes humanitarios não n'a deixou mais apta para viver sob as normas equalitarias da democracia, do que haveria deixado o Mexico ou a Algeria.

O povo já estava affeito á constituição monarchica; havia necessariamente de sentir-se mal, collocado em novas condições. Teve que retroceder. Mas a experiencia não foi de todo inutil; ficaram algumas boas reminiscencias, que o levariam a outra tentativa. Assim a terceira republica que, hoje, se acha inteiramente consolidada, assignala o triumpho dos habitos democraticos, que as gentes foram adquirindo com a pratica do novo regimen. Se ella tivesse continuado prudentemente a supportar as velhas instituições, as idéas libertarias se não teriam propagado com tanta rapidez, e era bem provavel que, em logar dos discursos de Wilson, os francezes estivessem, agora, ouvindo as prozas estolidas de um Luiz XXIV qualquer.

Se ha trinta annos ainda não eramos republicanos, o somos hoje um pouco, e amanhã mais o seremos. Dizem-me que num paiz atrasado, como o nosso, declarar a autonomia municipal era o mesmo que dispersar as forças da collectividade: equivaleu a substituir as mesquinhas pretensões d'aldeia aos altos interesses nacionaes. Para que fosse benefica uma reforma de tanta magnitude, ponderam, era preciso que os habitantes da mais remota

villa sertaneja comprehendessem que fazem parte de uma grande communitade, para cuja manutenção todos têm o dever de cooperar, porque, se a patria depende da cidade, tambem esta não póde viver sem a protecção daquella.

Esta idéa de solidariedade entre todos os elementos de uma nação é tão simples que o mais embrutecido cerebro póde accital-a. Uma educação nacionalista bem difundida é capaz de levar-a a todos os recantos desta grande terra. Mas nem toda idéa simples é uma idéa-força. Eu me explico. Nós armazenamos no cerebro muitas idéas que, se fossem praticadas, elevariam admiravelmente o nivel da moralidade social; idéas que, postas em acção, transformariam este valle de lagrimas no eden das escripturas; idéas estas de realisação facillima, que, entretanto, nenhuma influencia exercem sobre nossa conducta. Exemplos. Todos nós estamos certos de que, se levassemos mensalmente um pequeno obolo a uma instituição de caridade, não ficaríamos tristes, a todo instante, de vêr tantos mendigos pelas calçadas e pelas estradas. Uma vez ou outra este raciocinio se nos apresenta com tanta viveza que nos dirigimos, com a nossa dadia, ao asylo ou hospital mais proximo. Mas estes actos de beneficencia são factos accidentaes na nossa vida. Entretanto, sempre que um aleijado, ou doente, nos estendem a mão, correspondemos ao cumprimento com a nossa moeda; e, se temos dinheiro trocado e não damos, vem-nos logo um certo descontentamento. Com os inglezes, dizem os autores, dá-se justamente o contrario: não dão esmolos; mas os hospitaes e asylos abundam por toda a parte. Como explicar esta differença de conducta. Parece clara a explicação. Nos primeiros tempos do christianismo a miseria do pobre não commovia o rico. Mas as parabolos, as legendas e tantas outras lições tocantes foram apregoando a idéa piedosa de Jesus, até que, ao fim de muitas gerações, aquelle pensamento de um homem bom se tornou sentimento, impulso, idéa-força de todos os christãos. Para explicar a conducta dos inglezes, basta que lembre o seu egoismo esclarecido.

As idéas, que mais têm agitado a humanidade, nasceram das elucubrações d'alguns espiritos geniaes; ganharam adeptos entusiastas nas classes intellectuaes; mas só depois de uma pregação afanosa e demorada chegaram a empolgar as massas populares. Emquanto os homens mais rudes limitavam-se a comprehendel-as, ellas não tinham existencia real, entre elles, porque o pensamento da multidão não se exterioriza. Só quando as idéas se transformam em sentimentos, impulsos ou forças, conseguem dominar a multidão, que não discursa nem philosopha, mas age. A sua actividade intellectual é insignificante, mas a acção material é formidavel.

Entendo, por isso, que não vale a pena andarem a metter muitas idéas na cabeça do povo, ainda quando sejam muito simples. Elle consegue, muitas vezes, apprehendel-as, mas ficam constituindo uma carga inutil. Mais sensatos seriam os estadistas se seleccionassem entre as mais sedutoras doutrinas sociaes alguns preceitos capazes de orientar uma nova moralidade politica. Não quero equiparar a politica ás religiões. Acho que ella precisa formular alguns mandamentos, que servam de molde para a educação dos cidadãos. A politica como sciencia não deve ter dogmas, porque estes são verdades que a revelação deixou crystallizadas como rochas, que se não corrompem nem demudam por mais que as esfole a corrente dos tempos e das theorias novas. Essa immutabilidade de principios torna a religião instituto oppressor, ás vezes, retrogrado, sempre, e objecto fossilifero, quando as sociedades se esclarecem e a sciencia domina. A politica dogmatica seria um instrumento proprio para talhar uma sociedade retrograda e tyrannizada. Mas a religião que se encarcera nos dogmas, propaga-se e conquista mundos pela divulgação e pela pratica dos seus mandamentos ou preceitos. Assim a politica, que não póde, por absurdo, basear-se em dogmas, deve formular preceitos, que sirvam de norma de conducta aos bons cidadãos. Serão esses preceitos as armas da politica militante, da politica chamada arte. Ha a politica sciencia e a politica arte.

A sciencia estuda as forças sociaes, observando a sua direcção historica e pesquisando os seus objectivos. A arte ensina a combinar essas forças em um systema, cuja resultante tomará a direcção scientificamente determinada.

Assim o campo scientifico ficará aberto a quantos sociologos e estadistas o queiram explorar afim de levantar novas hypotheses e constituir doutrinas mais avançadas. E a arte politica não andarão ao léo dos ventos corruptores da immoralidade, favorecendo a ganancia e os instinctos perversos dos aventureiros de toda a sorte: ella encontrará base solida em preceitos que só mudarão se os principios em que assentam soffrerem qualquer mudança, devida a estudos mais ponderados ou a investigações scientificas mais acuradas. E esses preceitos serão, como os mandamentos das religiões, apregoados por toda a parte, através dos tempos para que, ao fim de muitas gerações, consigam incorporar-se á mentalidade de todos os individuos. Só então estará a idéa, nascida de uma investigação scientifica, transformada em sentimento, impulso ou idéa-força, capaz de dirigir os actos dos bons cidadãos, levando-os á pratica fiel e honesta do regimen politico em que vivem.

E não ha melhor pregador de bons mandamentos do que aquelle que os pratica com entusiasmo e devotamento. "Sabeis que

és la mayor de las immoralidades predicar a otros las virtudes que no se practican, segun nel risueño consejo de los teólogos: haz lo que digo, no lo que hago" (José Ingenieros).

Se queremos viver numa verdadeira republica, nosso primeiro cuidado deve ser a formação de verdadeiros cidadãos republicanos. E uma perfeita educação republicana só adquire quem nasce, cresce e vive sob um regimen republicano perfeito.

E' possível que não alcancemos a perfeição, mas ella deve constituir o nosso ideal. Se os nossos estadistas quizerem, por esse meio, conseguiremos não só comprehender, mas applicar também as instituições que temos.

Tudo se reduz a um intelligente trabalho de adaptação.

Seria muito engraçado, se, querendo acostumar um homem ao clima das zonas equatoriais, nós o levassemos á Groenlandia, e lá lhe ministrassemos sabias lições sobre a theoria do calor e eruditas narrações de costumes das populações do Sudão.

Pois não é menos comica a philosophia desses respeitaveis senhores que dizem: nós queremos a republica; mas ella veio cedo de mais; o povo ainda não estava preparado para recebê-la.

Se não estava, então, menos estaria hoje, se continuasse a soffrer o influxo da organização monarchica. Pouco importaria o alastramento da propaganda republicana. Era bem possível que, hoje, qualquer fazendeiro do sertão soubesse discorrer, com a proficiencia do Snr. Assis Brasil, sobre a democracia representativa. Mas, todas essas bellas idéas lhe não dariam o mais rudimentar dos habitos republicanos. Diga-se a coisa em forma chan: as suas orações, como as falas dos tribunos arrebatadores, não passariam de conversas fiadas.

Estas considerações foram escriptas para certo politico, representante de uma das mais poderosas e funestas oligarchias, que temos a infelicidade de sustentar. Dizia-me elle, o outro dia, mais ou menos isto: "Vocês vivem a gritar que nós demudamos a politica em politicalha; que falsificamos as eleições; que mantemos nos municipios uns como satrapas, mandatarios fieis da nossa vontade; que impedimos a livre manifestação do pensamento e da vontade nacional; e que deturpamos assim o regimen representativo. Mas o que nunca vocês pensaram é que entregar este paiz, sem preparação republicana, ao azar das opiniões variaveis e insensatas das massas, seria o mesmo que encaminhal-o para a mais completa ruina".



O ROMANCE DO CHUPIM

POR

MONTEIRO LOBATO

Ouvíamos no cinema a valsa precursora da primeira fita quando penetrou na sala um casal curioso. Ella, feiarrona, na idade em que a natureza começa a recolher uma a uma todas as graças da mocidade. Tirara-lhe já a frescura da pelle e o viço da côr, deixando em troca as sardas e os primeiros pés de gallinha. Tirara-lhe tambem os flexuosos meneios do corpo, a garridice amavel, os tiques todos que, sommados, formam essa teia de sedução feminina onde se enreda o homem para proveito multiplicativo da especie. Quasi gorda, as linhas do rosto entravam a perder-se num empaste balofo. Certa pinta da face, mimo que aos dezoito annos inspiraria sonetos, virára verruga, com um torcido fio de cabelo no pincaro. No nariz amarellecido cavalgava o *pince-nez* classico da professora que se preza.

Em materia de vestuario suas roupas escuriças, mais attentas á commodidade que á elegancia, denunciavam a transição da moda para o “fóra da moda”.

Elle, bem mais moço, tinha um ar vexado e submisso de “coisa humana”, em singular contraste com o ar de dona da companheira. O curioso do casal residia sobretudo nisso, no ar de cada um, senhoril do lado fraco, servil do lado forte. Inquilino e senhorio; quem manda e quem obedece; quem dá e quem recebe.

Ella falava d’alto, sem volver o rosto.

Elle ouvia de baixo, humilde, attento.

Visivelmente um caso conjugal onde cantava a gallinha e o gallo chocava os pintos.

Meu amigo apontou o homem com o beijo e murmurou:

— Um chupim.

— Chupim? repeti interrogativamente diante da palavra que ouvia pela primeira vez.

— Quer dizer, *marido de professora*. O povo alcunha-os assim, tirando analogias do passarinho preto que vive á custa do tico-tico. Não o conheces?

Lembrei-me da scena tão commum em nossos campos, e puz-me a observar o casal com maior interesse, mormente depois de começada a fita, relissima salgalhada com o enfadonho adulteriosinho francez. Já elles não tiravam os olhos da tela, salvo o marido, que para ouvir melhor algum commentario da esposa não se limitava a dar-lhe ouvidos, dava-lhe olhos tambem.

— Os chupins, proseguiu o meu cicerone, são homens falhos, *ratés* da virilidade — a moral, está claro, que a outra lhes é indispensavel ao bom desempenho do cargo.

— Cargo ?

— Cargo, sim. Elles desempenham o cargo importantissimo de *maridos*. Em troca disso as esposas ganham-lhes a vida, dirigem os negocios do casal, desempenhando todos os papeis attribuidos normalmente aos machos. Taes mulheres apenas fazem aos maridos a concessão suprema de engravidarem por obra delles, já que lhes é impossivel a revogação de certas leis naturaes.

Quando a mulher vae á escola fica o chupim em casa, cocando os filhos, arrumando a sala, ou mexendo a marmellada. Ha sempre para elles uma recommendaçãosinha á hora da sahida para a aula.

— As vidraças da frente estão muito feias. Você, hoje, quando as Moreiras sahirem, passe um panno com gesso. (As Moreiras são as visinhas da frente).

O chupim acostuma-se á submissão e acabam usando em casa as saias velhas da mulher, para economia de calças.

— Pára ahi, homem de Deus ! Do contrario acabas-me contando a historia de um que deu á luz um creanço.

A fita chegára ao fim. Surgiu o gallo vermelho do Pathé, boleou o pescoço num có-ri-có-có mudo e sumiu-se para dar lugar ao reaccender das luzes.

A mulher ergueu-se, espannejou-se e sahiu, seguida pelo chupim solícito. Acompanhamol-os de perto, estudando o caso, e na rua, depois que os perdemos de vista, o meu amigo retomou o assumpto.

— Em materia de chupins conheço um caso typico, que segui desde os primordios reveladores da vocação. Havia na minha terra um menino de nome Eduardinho Tavares. Filho de tio e sobrinha nascera sem tára apparente, a não ser uma extrema duhiedade de character, uma timidez de menina — de menina do tempo em que a timidez nas meninas era moda. Especie de creatura intermediaria entre os dois sexos.

Em creança, brincava de boneca de preferencia ás nossas tou-
radas, ao jogo dos "caviunas", ao "pegador". Em meninote, em-
quanto os da sua idade descadeiravam gatos pela rua elle lia Pau-
lo e Virginia á sombra das mangueiras, chorando lagrimas sen-
tidas nos lances lacrimogeneos.

Fomos collegas de escola e lembro-me que um dia appareceu-
nos lá com um papagaio de missanga verde, obra sua.

Eu, estouvadão de marca, ri-me d'aquillo e escangalhei com a
prenda, enquanto o maricas, abrindo uma bocarra de urutáo,
rompia num choro descompassado, como choram mulheres. Irri-
tado, dei-lhe valentes cachações. Não reagiu, acovardou-se, hu-
milhou-se e acabou feito o meu carneirinho. Só procurava a mim
dentre cem companheiros. Acamaradamo-nos dahi para diante o
que não me impediu de o fazer armazem de pancada. Por qual-
quer coisinha uma "cacholeta". Elle ria-se, meigo, e cada vez
mais me rentava. Puz-lhe o appellido de Maricota.

Não se zangou, gostou até, confessando achar mais graça nesse
nome do que no de Eduardo.

Hoje eu estudaria esse typo á luz da sciencia como caso deve-
ras notavel; naquelle tempo feliz de sadia ingenuidade limitava-
me a tirar partido da sua submissão, transformando-o em pete-
ca, em escravo, em coisa de que se põe e dispõe.

Fóra do collegio continuamos camaradas de modo que pude
acompanhal-o por um bom pedaço da vida afóra. Nunca perdeu
a timidez donzellesca. Fugia ás meninas, sobretudo se eram ro-
manticas, ou accentuadamente femininas — o meu genero.

Fez-se misogyno.

Por essas alturas casei-me — casei-me com a moça mais femi-
nina da epocha, uma romantica escapulida a Escrich, dessas que
tem medo ás baratas e cahem de fanico se um rato corre pela
sala — o meu genero, emfim.

Eduardo permaneceu solteiro, sempre ás sopas do pae até que
este morreu e lhe deixou de herança uns predios, mais uns titu-
los. Sem tino commercial, passaram-lhe a perna, comeram-lhe
casas e apolices e o pobre rapaz, quando abriu os olhos, estava a
nenhum. Recorrendo a mim para um bom conselho de arrumação
de vida, vi que não dava para coisa nenhuma e receitei-lhe
casorio.

— Casa-te. Incapaz de acção como és, tua sahida unica está em
tirar partido da tua qualidade de macho. Casa com moça rica, ou
então com mulher trabalhadeira.

Nada valeu o conselho. Eduardo não tinha geito para reques-
tar uma mão, quer bem annelada, quer muito callejada. Embara-
çava-o a irreductivel timidez.

Mas o diabo as arma. Um bello dia appareceu na terra uma professora nova, mais ou menos ao molde desta de ha pouco. Typo de mulheraça mascula, angulosa, ar energico, autoritaria. Gostava de discutir politica, entendia de cavallos, lia jornaes, tinha opiniões sobre a secca do Ceará e o saneamento dos sertões. Apezar de bem conservada. andava perto dos quarenta, não fazendo mysterio disso. Se não casara até então, não é que fosse infensa ao matrimonio — não achara ainda o seu typo d'homem, dizia. Pois não é que o raio da pedagoga vê Eduardo e se engraça d'elle? Examina-o fulminantemente como quem examina um cavallo, mira-o d'alto abaixo, interpella-o, dá-lhe balanço ás idéas e sentimentos, pesa-lhe o valor monetario, pede-lhe, ou antes, toma-lhe a mão, leva-o á igreja e casa-o comsigo.

Foi um relampago tudo aquillo. Em tres tempos namorado, noivado, casado e mettido no gyneceu, Eduardo, quando abriu os olhos, estava chupim para o resto da vida.

D. Zenobia sabia avir-se com a vida. Ganhava-a folgadamente. Além da escola particular que dirigia tinha a premio um pequeno capital que não cessava de crescer, collocado de 4 a 5 % ao mez sob garantias de toda a ordem. Casada, continuou á testa dos negocios; o marido, se apparecia nominalmente nalguma transacção, era pró-forma.

Encaramujado em casa da professora, Eduardinho foi sonegado ao mundo e o mundo acabou esquecendo Eduardinho.

Nunca mais o viram na rua ou nas festas sem ser pelo braço da mulher, na attitude encolhida daquelle chupim do cinema.

Um filho nasceu-lhes nesse entretempo e começa aqui o mais engraçado da comedia. A tantas, D. Zenobia deu de gabar as qualidades artisticas do esposo. Eduardo era um grande talento literario capaz de obras deveras notaveis.

— Voces — dizia ella ás outras professoras do collegio — não sabem que thesouro perderam. Eduardo sahiu-me uma verdadeira revelação. E' dessas creaturas privilegiadas que possuem o dom divino da arte mas que passam ás vezes a vida sem se revelarem a si proprios. Aquelles seus modos, aquella timidez: genio puro, minhas amigas ! Vocês hão de vel-o um dia apparecer como um meteoro, alcançar a gloria, cahir como um bolide dentro da Academia. Está escrevendo um romance que é uma belleza. Lindo, lindo !...

Esse romance levou mezes a compor-se.

Todos os dias, no quarto de hora de folga que reunia as professoras na saleta de espera, D. Zenobia dava noticias da obra.

— Está ficando que dá gosto ! O capitulo acabado esta manhã parece uma coisa do outro mundo !

E desfiou o enredo. Era o caso dum moço loucamente apaixonado por uma donzella de cabellos loiros e olhos azues. A primeira parte do romance ia toda na pintura desse amor, lindo, lindo, como não havia outro. Puro poema em prosa.

E D. Zenobia revirava os olhos, em extase. As outras professoras acabaram por interessar-se a fundo pelo romance de Eduardo — *Nupcias fataes*, o qual virara folhetim vocalisado aos pedacinhos, dia a dia, pela pittoresca D. Zenobia. A noticia correu pela cidade e isso acabou rehabilitando Eduardo da sua fama de Zé-faz-fôrmãs, pax-vobis, e mais pechosos appellidos amari-cados de que é fertil o povo. Como a gente se engana ! — diziam — parecia uma lesma de pernas, ninguem dava nada por elle e no entanto é um grande romancista...

Como as professoras davam á tréla, o enredo das *Nupcias fataes* corria de bocca em bocca, pela cidade; os lances de effeito eram gabados com citação das melhores tiradas. O "Lyrio", noticiando o anniversario do moço, consagrou-o — festejado homem de letras.

D. Zenobia sabia dosar a narrativa de modo a deixar as professoras suspensas nos lances mais commoventes. Houve um trecho que as pôz pallidas de espanto. Era assim: Lucia fôra pedida pelo rival de Lauro, o galã infeliz. O pae de Lucia e toda a familia querem o casamento, porque o monstro é riquissimo, tem casa em Paris, hiate de recreio e um titulo de conde promettido pelo Papa. O pobre do Lauro, coitado, para cumulo de desgraça, perdeu aquella demanda da herança e está mais pobre que Job. As cartas em que elle conta isso a Lucia são de chorar!... Todos estão contra o coitado e a favor do monstro. O pae fez uma scena horri-vel!: Antes ver-te morta do que ligada a esse miseravel... poeta!

E a coitadinha, alanceada no mais dolorido do coração, doida, doida de amor, chorava noite e dia encerrada n'uma cella escura.

— Desgraçados! intervem com um nó na garganta a mais compassiva das professoras. Porque não ha de sahir a sorte grande para um desditoso destes? Peça ao seu marido, D. Zenobia, que lhe faça sahir a sorte, sim?

— Não pode. Isso prejudicaria o resto, e, demais, não é esthetico, respondeu preciosamente D. Zenobia.

E assim corria o tempo. O romance era á moda antiga, em varios volumes, systema Rocambole. Já tinha acontecido o diabo. A moça fugira de casa, raptada em noite de tempestade pelo cavalleiro gentil; mas o dinheiro do monstro vencia tudo: foram presos e encarcerados, ella no convento, elle n'um calabouço infecto. Mas quem pode vencer o amor? O cavalleiro conseguiu, illudindo os guardas, abrir um subterraneo que ia ter ao convento

Que obra aquella ! Como as professoras deliraram acompanhando a obra desesperada do homem-toupeira, escavando a terra húmida com as unhas sangrentas ! Afinal, venceu, alcançou o pavimento da cella onde Lucia chorava de amor, conseguiu falar-lhe. Que lance este, quando Lucia comprehende o estranho murmúrio de voz subterranea que a chamava ! Era a redempção final. Tudo combinado para a fuga, um barqueiro os esperaria no lago, á meia noite etc. e tal.

D. Zenobia parava nos trechos mais empolgantes, deixando a assemblea, ora em lagrimas, ora em arroubos de indizível extase. A's vezes, quando estava em seus dias azedos, não adiantava a novella de um só passo, sequer.

— Hoje, descanso. Eduardo está com um pouco de dôr de cabeça e não escreveu uma linha.

As professoras ficavam pensativas.

Afinal, chegou o dia da fuga, ponto culminante da obra. D. Zenobia, perita na arte de armar effeitos, annunciou-o de vespera.

— E' amanhã, o grande dia !

— Mas escapam, D. Zenobia ? — disse uma torturada do romantismo, com a mão no seio, arquejante.

— Não sei...

— Pelo amor de Deus, D. Zenobia ! Eu não posso mais ! Se o monstro ganha a partida mais esta vez, diga, que eu tiro umas ferias e vou para a roça esquecer de vez este maldito romance que já me está deixando hysterica.

— Paciencia, filha. Como eu posso saber o que está na imaginação do artista ?

— Mas peça a elle, peça por nós todas, que não deixe os espiões do monstro descobrirem os fugitivos desta vez. Pelo menos agora. Mais tarde vá, mas agora elles precisam uns mezes de recompensa. Arre, que tambem é demais!...

No dia seguinte D. Zenobia appareceu sorridente. As professoras anciosas, ao vel-a assim, criaram alma nova.

— Então ? disseram, palpitantes.

D. Zenobia fez um muxoxo.

— Esperem lá. A coisa não vae a matar. Eduardo neste momento attinge o ponto culminante, o Itatiaia da obra.

Deixei-o com o olhar em fogo — o fogo da inspiração, os cabellos revoltos, a cabeça febril. E' o momento supremo do *fiat!* Toda a obra depende deste fecho de abobada. Como a solução do caso vem das profundas do subconsciente esthetico, e inda não veio até á hora de eu sahir, pedi-lhe que me communicasse o resultado pelo telefone. Esperemos.

As moças puzeram os olhos no ceo e a mão no peito.

— Meu Deus! disse uma — estou com o coração aos pinotes! Se Lauro é preso, se os emboscados o matam... O monstro é capaz de tudo!

Nisto vibrou a campainha do telefone. D. Zenobia piscou para as amigas estarrecidas e foi attender.

Ficaram todas no ar, immoveis, palpitantes, trocando olhares de interrogação. No compartimento visinho D. Zenobia conversa com o grande artista:

— Elle não pára de chorar, Zenobia. Ao meu ver é colica que elle tem. Desde que você sahiu está que é um berro só. Já fiz tudo, dei chá de herva-doce, dei banho quente, nada! Berra que nem um bezerro!

— Você já cantou o Guarany?

— Cantei tudo, o Guarany, o “tutu já lá vem”, “Somos da patria a guarda”... Mas é peor.

— Deu camomilla?

— A camomilla acabou. Quiz mandar a negrinha buscar um pacote na botica mas não achei o dinheiro...

— Lerdo! E aquelles 400 reis que te dei hontem? Não sobrou metade?

— E'... é que... que eu comprei um maço de cigarros...

— Sempre o maldito vicio! Olhe, atraz do espelho, perto da saboneteira azul, está uma pratinha de 500. Mande buscar a camomilla, mas no Ferreira, a do Brandão não presta, é falsificada. Ferva uma pitada numa chicara d'agua e dê ás colherinhas. Dê tambem um clyster de polvilho. Mudou os panninhos?

— Trez vezes, já.

— Verde?

— Verde carregado, como espinafre.

— Bem. Eu hoje volto mais cedo. Faça o que eu disse, e fique com elle na rede. Cante a area da *Mignon*, mas não berre como daquella vez, que assusta o menino. Em surdina, ouviu? Olhe: ponha já as fraldas sujas na barrela. Escute: veja se tem agua no bebedouro dos pintos. A marmellada? Ora bolas! Deixe isso para amanhã. Bom, até logo!

D. Zenobia largou do phone e voltou ás companheiras, que continuavam immoveis, suspensas.

— Estes artistas!... — começou ella dizendo. Que é que voces pensam que Lauro fez?

— Fugiu! disse uma.

— Deixou-se prender, disse outra.

— Suicidou-se, declarou terceira.

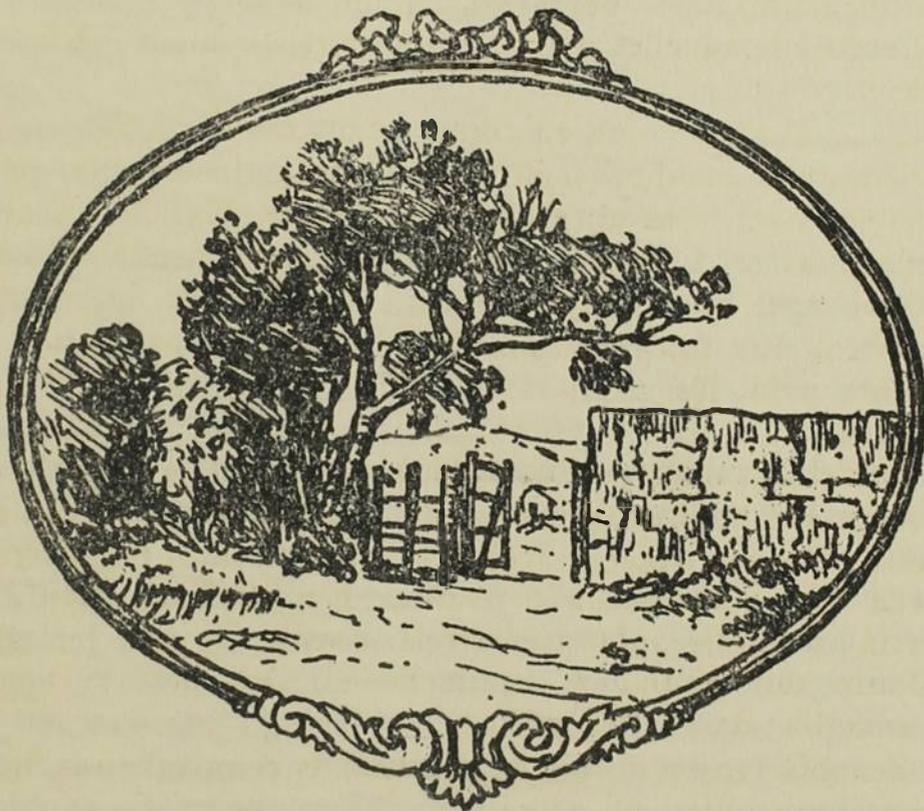
— Ninguem adivinha. Lauro rompeu o pavimento, entrou na cella, e depois de uma grande scena resolveu metter-se frade!!...

Foi um "oh!" geral de desapontamento. De dó dellas, porém, D. Zenobia voltou atrás:

— Estou brincando. Eduardo está hoje com uma dôr de cabeça damnada e eu o aconselhei a descançar um bocadinho. Fica o lance adiado para outro dia.

As românticas respiraram...

O romance do chupim tem hoje onze annos. Já é menino de escola. Chama-se Lauro e para reabilitação do sexo masculino puxou o character da mãe.





PAGINA RELIDA

POR

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

(Do livro a sahir — “*Ariadne*”)

Por que me volta aos olhos, hoje, a tua imagem, depois de um hiato escuro de annos e annos ? Deixa que eu te contemple, comovido, e um pouco perplexo. A tua imagem é sempre bela. A tua lembrança é doce.

*
* *

Dona Julia me parece, com bem claros contornos e bem vivo encanto, longe, longe, lá, no termo da infancia, no limiar da adolescencia. Ela foi para minha alma, um pouco para os meus sentidos, a primeira mulher. Era uma senhora já; uma joven senhora. E eu era um menino; tinha a selvageria do collegio, e o vexame fisico do crescimento. Ia visital-a nas ferias. Não havia crianças na casa; era propriamente Dona Julia que eu ia visitar.

Estava quase sempre só; o marido prisioneiro da Câmara, do Fôro, dos clientes de que era poderoso patrono, ficava fóra até a noite. Excepto aos domingos; quase nunca ia eu vel-a aos domingos; não sabia então, e ainda hoje não comprehendo, se nisso repenso, por que, naqueles raros domingos, a casa me agradava muito menos. Sim; digo-o ingenuamente agora: não havia motivo devéras, naquela minha tenra idade; ou seria algum laivo obscuro de precocidade sexual, inocentíssima por que inconciente de todo... ou mero ciume tolo, tão comum nas crianças, quase desde o berço ?

Dona Julia me recebia — não falo mais dos domingos — na sua grande chácara do Flamengo, cujo secular arvoredado fragrante se estendia até o mar, mesclando ao das vagas o

profundo sussurro das suas frondes. Havia lá, junto da velha balaustrada de granito, um caramanchel forrado de heras e madresilvas, que, de tão espessas, mantinham, mesmo nas horas mais luminosas, uma penumbra densa de perfumes; aos d'elas se iam unir os das magnolias, das mangueiras, copiosas na chácara avoenga; e o mar contiguo trazia tambem o tributo das suas acres emanações. Era no caramanchel que eu a encontrava, sósinha, as mais das vezes, com o galgo predileto, dorso de ouro e ventre branco, deitado a seus pés. (Se acaso estava a seu lado alguma amiga, era pungente a minha decepção, e eu não lograva disfarçar-a). Dona Julia, estendida na preguiceira de vime, sôbre coxins de "foulard" japonês, com um livro aberto, ou um recamo começado, nos joelhos... lia? bordava? ou cismava simplesmente?

A sua postura se impregnava de languidez tropical, de denguiço genuinamente fluminense... e melhor combinava com a indolencia errante da fantasia, que com qualquer comêço ou esbôco de acto...

Certo, ela abandonava o livro, o recamo, voltava para mim com gesto de infinito donaire a cabeça fina, o rosto muito claro, os olhos muito negros (divino contraste!), e punha-se a conversar, a conversar comigo, horas e horas. Como essa atenção me lisongeava o amor proprio nacente! Não era uma menina, uma mocinha... era uma senhora; e conversava comigo horas e horas! Sentia-me promovido de repente a homem; cimo da minha ambição inconfessada, altura vertiginosa! Entrando naquela atmosfera de simpatia feminina, que nada tinha de materna, pois vinha de amiga tão jovem, o meu espirito criava azas, bailava e brilhava como uma d'aquelas elegantes borboletas iriadas, que zigzagueavam pela grande chacara, adejando aqui, pousando acolá... Devia eu dizer cousas bem engraçadas, por que Dona Julia ria por vezes com gôsto aquellas suas belas risadas joviais e cristalinas, único traço porventura, que ainda nela permanecia de resistente infantilidade.

Passado algum tempo: "Carlinhos..." dizia ela: oh! o meu nome, assim pronunciado por Dona Julia, ainda canta aos meus ouvidos, com capciosa melodia. Quantas pessoas me chamavam então com esse diminutivo! mas que!... não parecia, nem por sombra, a mesma palavra, que na sua boca se tornava pura ambrosia. "Carlinhos — dizia Dona Julia — vai correr pela chácara; não queres? vai apanhar abios e grumixamas; vai brincar com os papagaios; não queres?"

Oh! coqueteria instintiva da mulher! "Não queres?" era todo um poema d'ela, e para um pequeno de doze annos!

Não; eu não queria: o que queria era ficar ali, conversando, e fartando-me de miral-a, com perfeita inocencia, e por isso mesmo sem reбуços. Dona Julia era para mim, por excellencia, a "senhora bonita". Em casa eu ouvia gabos frequentes á sua formosura, na sala entre damas e cavalheiros, na copa e no córadouro entre as mucamas. E a cada novo encontro com ela, eu descobria argumentos novos para consagração da sua glória. Quedava, pois, ali, enlevado, no recolhimento propício do caramanchel, contemplando-a, escutando-a. O galgo, com o infalível tato proprio dos animais domésticos em prezar os amigos de seus amos, distribuia as suas festas entre mim e Dona Julia...

O mar, lá em baixo, entrevisto apenas por entre as cortinas da folhagem, murmurava infinitas cousas, poéticas, deliciosas, e confusas, como as que embalavam, no mesmo instante, o meu coração de criança...

Depois, com o refrescar da tarde, era o passeio lento, lânguido, lado a lado, entre as alas silenciosas da chácara; as magnolias, as mangueiras desprendiam nessa hora, beijadas pela brisa do mar, os seus mais agudos perfumes; nós vagávamos, um tanto aturdidos pelos vapores invisiveis d'aqueles incensos. Parávamos, no jardim, á orla de varios canteiros; ela cortava com finas tesouras, algumas das rosas de luxo que ali se cultivavam, e feixes de cravos, e ramos de fucsias, e galhos de azuleas; e m'os dava a carregar. Os seus dedos alvos e afilados, cintilantes de aneis, se imergiam ageis, buliçosos, entre a verdura fôfa, húmida da rega recente; eu os seguia com os olhos, e levava ufano o doce pêsso floreal, gosando nas mãos e no rosto as brandas caricias das pétalas de veludo... O galgo nos acompanhava saltando, com breves latidos festivos quando passava, a roçar preguiçosamente as plantas, alguma borboleta retardataria...

Era, ainda, a merenda — ela e eu, sósinhos, á mesa, ornada das flores pouco antes colhidas, faiscante e sonora de cristais; era a comprida e quase dormiente conversa, em tórno ás fruteiras e compoteiras transbordantes. Era uma última paragem, no terraço, embevecido ambos nas cismas pálidas do crepúsculo, ao badalar dos sinos, que numa igreja visinha rezavam o "Angelus"; os papagaios, empoleirados, ao fundo, nas suas guaritas de pau, zargunchavam o ar com os seus gritos estridentes, como blasfemando da harmonia religiosa... E eu partia por fim, já enternecido de saudade, já contando os dias que me separavam da próxima visita...

Uma tarde, Dona Julia não estava no caramanchel sobre a praia. Opaco, plumbeo mormaço sufocava a terra e o mar. Ameaçava chuva; vibrações soturnas, precursoras de tempestade tropical que se armara improvisa, deciam das grossas nuvens reboantes. Relampagueava a espaços.

Fizeram-me entrar para o quarto de "toilette"; não era eu uma criança, e tão familiar na casa? Muito mais fresco do que fóra, se sentia ali, na penumbra das venezianas cerradas, no ambiente pulverisado de finíssima agua de Colonia.

Dona Julia estava sentada em frente ao grande espelho do toucador. Vestia um amplo roupão de seda crua côr de ambar, guarnecido de rendas. O seu busto esbelto, de longa e esguia cintura, dominava erecto os quadris robustos; arqueavam-se-lhe os rins, estufavam-se-lhe os seios nos movimentos de sua "toilette", em quanto os dedos alvos e afilados, cintilantes de aneis, mexiam em objectos mimosos e luzentes colocados sôbre o toucador: pinças e brunidores de prata, pentes e escovas de tartaruga loura, frascos de cristal facetado com tampas de ouro e esmalte.

Os dedos iam e vinham, a conversa enlanguecia, bem que o acolhimento houvesse sido cordial, como sempre. Naquele momento, Dona Julia pensava só em si; contemplava-se, como numa auréola de justa complacencia. O grande espelho era-lhe melhor e mais grato transmissor da sua propria imagem, do que o seriam olhos amantes e amados... não digo os meus, pobre criança!... os do marido, por exemplo. Entre os seus se acentuava, frequente, o vinco da atenção profunda, em quanto os beicinhos se lhe apertavam num muxoxo adoravel, segurando alfinetes ou grampos...

De repente, a um gesto mais rápido e mais alto, as largas mangas do roupão caíram, e os seus braços me apareceram nus até os hombros... Ah! eu nunca vira cousa tão branca! "Biscuit", alabastro, mármore, gardenias, camelias, colos de cisnes, espumas do mar, neblinas da manhan, nuvens do meio dia em ceu azul ferrete... tudo o que na minha memoria se associava á idea de brancura, como esmorecia e desmerecia diante d'aqueles braços! braços perfeitos, raros, nao só na côr mas na fórmula, torneados a primor, largos mas não em demasia junto ás espaldas, adelgaçando-se gradualmente até os cotovelos, continuando ainda mais mimosos até os pulsos tocados apenas na sua neve rutilante por tenues veias aniladas, para terminar nas mãos liriaes de palmas levemente roseas, como em duas corolas vivas e maravilhantes...

E eis que, desnastrados por eles, os cabelos de Dona Julia rolaram em ondas tenebrosas sôbre as espaldas, rolaram, de tão longos, até roçarem a fimbria rendada do roupão, e os arabescos variegados do tapete de Smirna. E os seus dedos alvos e afilados, cintilantes de anéis, que eu tantas vezes vira com delícia imergirem-se ageis, buliçosos, na verdura fôfa das plantas, imergiam-se agora, nervosos, enérgicos, naquela opulenta floresta de ébano, sacudiam-na, repartiam-na, davam-lhe sussurros e voos, communicavam-lhe mil vibrações estranhas, desprendiam d'ela essencias tão subtis e capitosas como as de um bosque do Líbano ou de um vergel de Ispahan...

Símiles em atrazo, figuras de reflexo, que não me acudiram então; nem, ao facinarem-me tão vivos e maravilhantes também eles, vivos sôbre tudo, terrivelmente vivos, aqueles cabelos negros (juraria ainda hoje ter visto jorrar, das suas mórbidas volutas, rápidas faiscas elétricas), me teria acudido a lembrança das serpentes da Gorgona. Oh! não; tão outros eram, balsâmicos e lenientes no fundo sob a superficial procela, que eu quereria sómente envolver-me neles, sonhar dentro d'eles, perder-me naquela selva, naufragar naquele oceano...

Dona Julia virou-se para mim, de súbito: "Carlinhos... estás mudo hoje? em que pensas?"

Havia na pergunta uma intenção de ironia? Nem com a fria experiencia de agora ousaria atribuir-lh'a. Estou certo que Dona Julia nem suspeitava que os encantos da sua intimidade feminina, do que eu via, entrevia, adivinhava, pudessem perturbar, como intensamente perturbaram, os sentidos e a alma de uma criança. Como imaginar nela a perversidade de expôr-me assim ao perigo? e como imaginaria ela em mim a perversidade de miral-a com olhos de homem? Não se tratava de perversidade, se quer da perversão, mas da precocidade natural de um temperamento predestinado para a beleza e para o amor.

Para mim é que foi reveladora aquela tarde; reveladora, aliás, não com absoluta clareza; reveladora um tanto sibilina. Deu-me a vertigem do abismo; não a sonda e a lanterna para explorar-lhe os vórtices. Se até então eu pensava, e gostava de pensar, com simpatia, com afeto, na jovem senhora, como num ideal de formosura e gentileza, d'ahi por diante esse pensamento se me transmudou em obsessão doentia, frenesi selvagem e misterioso quebranto, êxtase paradisíaco e mortal. Perto ou longe que eu me achasse d'ela, era-me a sua presença companhia constante; e eu oscilava entre o desejo e o terror, tentando por instantes fugil-a, mas logo, arrependido da minha

audacia, como de um sacrilegio, voltando a buscal-a, a agarral-a, em desatino, com redobrada veemencia. Chegava a esconder-me de todo, a isolar-me na solidão mais intransigente, no fundo do meu quintal ou no desvão de uma janela escura do sotão, para pensar nela á minha vontade, para fartar-me, quasi orgiã-camente, d'esse prazer e d'essa dor.

Entre duas visitas a sua casa, arrastavam-se mancos os dias, e oh ! que monótonos, que áridos, que vãos, que estúpidos ! Quando, por fim, devia lá ir, empolgava-me desde manhan um júbilo tão expansivo, tão exclusivo, tão prodigioso, que eu andava ás risadas pela cousa mais futil, ou mesmo pela cousa mais séria, a ponto de escandalisar involuntariamente pessoas graves, que não entendiam ser tratadas com irreverente hilaridade por um rapazinho de doze annos; diante dos seus severos cenhos, colhia-me um medo súbito de que me desvendassem o segrêdo, e o sangue me escaldava as faces, e os olhos se me abaixavam, enfiados. Assim tambem, apenas batia o minuto suspirado, eu me atirava pelas escadas, corria, voava pelas ruas, atropelando a gente, devorando o espaço; mas, tão depressa alcançava o portão da chácara, todo o entusiasmo, todo o valor se me desvaneciam. Extranho temor se apoderava de mim; arrepios me crispavam a epiderme, banhada em gélido suor; o coração me badalava tão violento, que me parecia tel-o ao mesmo tempo no peito e na cabeça... A mão erguida para puxar a corrente da campainha tremia suspensa, em longa hesitação, antes de tocal-a; e quando o som metálico retinia insistente a travez da chácara silenciosa, aferrava-me um impulso louco de fugir, de precipitar-me pelas ruas fóra, até o seio de algum matto inacessivel onde pudesse esconder-me a todos os olhos, especialmente aos de Dona Julia...

Não fugia; ficava; entrava. Mas então, em contraste e em conflito com a voluptia de que me inundavam todo a sua vista, a sua voz, o seu gesto, os seus incomparaveis e inefaveis encantos, oprimia-me, torturava-me uma angústia ainda maior, tanto maior por ignorar-lhe eu as origens verdadeiras e a intima essencia. D'onde provinha, a final, e em que consistia a singular influéncia d'aquela mulher ? por que, ausente d'ela, com tal fervor eu a desejava, e quando ahi a tinha, a meu lado, bondosa e acolhedora como sempre, sofria talvez ainda mais ? que ambicionava eu d'ela ? que me faltava d'ela ? A simples idea de posse amorosa estava, por certo, longe do meu espirito: a minha inexperiencia, mesmo téorica, da união dos sexos era ainda completa. Mas, vagamente, confusamente, eu cogitava que sería feliz, oh ! tão feliz, que nada mais poderia desejar,

se ela me acariciasse com os seus finos e alvos dedos, cintilantes de aneis, se ela fechasse em tórno á minha cintura aqueles seus braços de deslumbrante brancura, nus como na tarde fatídica, se me fosse permitido respirar a largos haustos aqueles seus cabelos negros tão opulentos, tão macios, tão fluentes, tão aromais... ..

E compreendia, vagamente, confusamente ainda, o absurdo de um tal anhelos. E de comprehendel-o, padecia. E padecendo, não achava mais aquela naturalidade, aquela graça inocente e jocunda, com que antes a interessava, a divertia nas nossas longas palestras de horas e horas. E um pavor, agudissimo, me investia: se ela percebesse ! se ela se ofendesse ! se ela, muito justamente, se zangasse, e não me quizesse receber mais !

Sentia-me lamentavel, e não ousava impetrar a sua piedade. Peor, muito peor: sentia-me ridiculo; e como é pungente, humilhante, a sensação do ridiculo para as crianças ! infinitamente mais que para os adultos ! As palavras me expiravam nos labios, uma expressão envergonhada e birrenta me confrangia a cara, e era-me preciso um esforço ímprobo para recalcar as lágrimas, que, por momentos, me inchavam o coração, e me avermelhavam as pálpebras...

Esse drama infantil, inconfessado, estava exigindo imperiosamente um desenlace. Trouxe-o, banal como havia de ser necessariamente, o termo das ferias. Amargos foram os prantos com que eu parti para o collegio distante; mas, a travez d'elles, a minha razão lúcidamente distinguia o epílogo libertador, benéfico, de um romance que se ia tornando perigoso. O tempo foi pouco a pouco abrandando a minha dor, cicatrizando a minha chaga. Não era para a minha idade a luta estrenua com a paixão. Todavia a saudade permaneceu por muitos mezes. Foi o "leitmotiv" do enervamento poético desencadeado pela primeira crise da puberdade. Quantas vezes, no comprido dormitorio do collegio, em quanto, nas duas extensas filas de camas, os companheiros jaziam imersos em plácido sono, a diletta imagem de Dona Julia veio sentar-se á minha cabeceira, na mesma perturbadora attitude em que eu a vira no seu quarto de "toilette"! Eram os seus braços as minhas "noites brancas", sob o ceu tenebroso e faiscante dos seus cabelos...

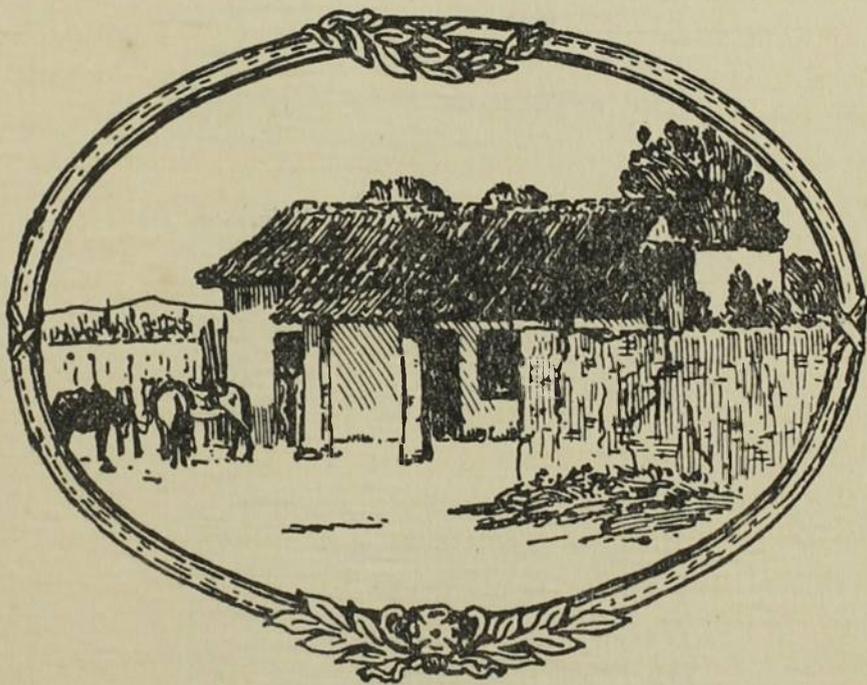
A voz conhecida e amada me sussurrava, branda, como outr'ora: "Carlinhos..." E ao mesmo tempo eu sentia em minha face o sôpro do seu hálito fresco e recendente. Parecia-me então que ele se transfundisse no oflato, mais amplo, da brisa que colhia perfumes pelas aleas da chácara, e que á meiga palavra, ao meu nome sussurrado de leve, dêsse grave acom-

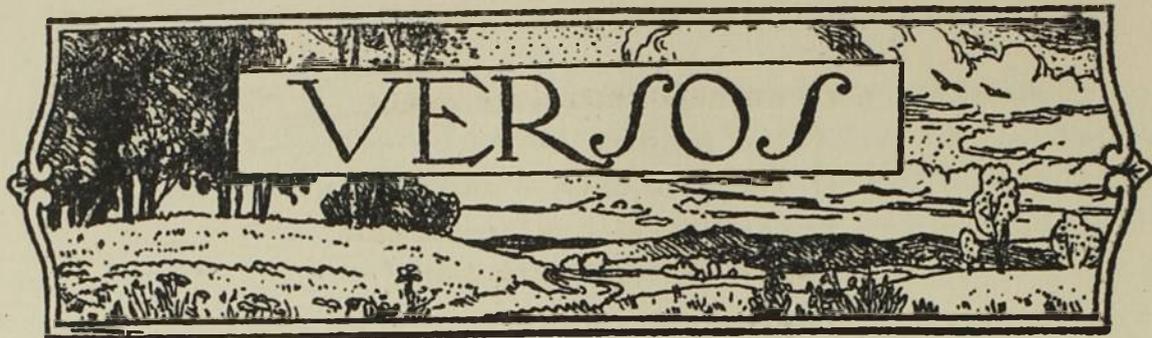
panhamento a sinfonia dolorosa do mar... E chorava, eu só desperto no imenso dormitório; mas chorava docemente. Era uma delícia o fluir das lágrimas lentas e tépidas ao longo do rosto...

*

* *

Mais tarde agradei comovido, lendo Homero, a insistência com que ele chama, á deusa Juno, a dos cândidos braços; e exultei aprendendo, em Catulo, que se fizera uma constelação dos cabelos de Berenice...





SÃO JOÃO

PAULO SETUBAL

(Do livro a sair—*Alma Cabocla*).

*E' noite... O santo famoso,
O doce, o meigo S. João,
Tivera um dia glorioso,
Todo de bulha e de goso,
Que encheu de vida o sertão.*

*Cedo, por entre os clamores,
E os "vivas" do povileu,
Todo enramado de flores,
Um mastro de vivas côres,
Subira em triumpho ao ceu!*

*E agora, enquanto palpita
A clara noite hibernal,
Toda a fazenda se agita,
Nessa alegria infinita
Da festa tradicional.*

*Dentro, com grande apparato,
Brilha, enfeitado, o salão:
Que ha, nessa festa do matto,
Pessôas de fino trato,
Chegadas para o São João...*

*Destaca-se entre essa gente,
A flôr da elite local:
O padre, o juiz, o intendente,
— O proprio doutor Vicente
Que é deputado estadual.*

*E ante o auditorio pasmado,
Que, num enlevo, sorri,
A Isabelhinha Machado
Batuca, sobre o teclado,
Uns trechos do Guarany...*

*E tudo quanto assassina,
Recebe immensa ovação:
Todos, quando ella termina,
Põem-se a exclaimar: "Que menina !
Dá gosto... Que vocação !"*

*E ella, entre ingenua e brejeira,
Com ares de se vingar:
"Agora, queira ou não queira,
Seu Saturnino Pereira
Ha de tambem recitar."*

*Surge, á força, o Saturnino...
Rugem palmas em redor !
E' um typo, esgalgado e fino,
Que sabe, desde menino,
Dizer Castro Alves decór.*

*Na sala, muda e tranquilla,
Retumbam os versos seus:
E elle, o letrado da villa,
Ao som da velha Dalila,
Diz: "Foi desgraça, meu Deus..."*

*E após ouvir a estupenda
Flammancia do seu fallar,
No amplo salão da fazenda,
Os velhos jogos de prenda
Reclamam o seu lugar.*

*Começa então a berlinda...
Risos. Cochichos. Zum-zum.
— De pé, donairoza e linda,
Pergunta a D. Florinda
Os dotes de cada um:*

*Porque razão, seu Martinho,
Foi á berlinda a Lêlê?
— “Porque olha muito ao visinho”.
“Porque é má”; “porque é um anjinho”;
“Porque é vaidosa”; “porquê...”*

*E todo o mundo, á porfia,
Requinta na indiscreção...
E emquanto, ingenua e sadia,
Essa camponea alegria
Faz palpar o salão,*

*Lá fora, alegre e gabola,
Num terreiro de café,
Ao rude som da viola,
A caboclada rebóla
Num tremendo bate-pé!*

*A filha do Zé-Moreira
E' o mimo deste São João:
A' luz da rubra fogueira,
Requebra a guapa trigueira
Ao lado do Chico Peão.*

*Candoca, a noiva do Jango,
Baila num passo taful;
E' a flor, que, neste fandango,
Tem labios côr de morango,
Vestido de chita azul.*

*E no tumulto se nóta,
Aos risos dos que lá estão,
Nho Lau, de esporas e bota,
Dansando junto a nha Cóta,
Viuva do Conceição...*

*E á voz do pinho que chora,
Por sob a paz do luar,
Fremindo vae, noite afóra,
Essa alegria sonora
Da caboclada a bailar !*

*E do salão, que inda brilha
Num faiscante esplendor,
Chegam os sons da quadrilha,
Que alguém ao piano dedilha
Com indomavel furor.*

*E no sarau campesino,
Nessa festa alegre e chã,
Ruge a voz do Saturnino,
Que grita, esgalgado e fino:
“Balancez ! Tour ! En avant...”*

AJURICABA

BASILIO MAGALHÃES

*Desde quando Maciel Parente acaudilhara
Possante expedição, que, por mezes e mezes,
A indiada amazonense extinguiu ou tomara,
Odiava Ajuricaba os crúeis portuguezes.*

*E odiava-os com razão sobeja. Ah ! quantas vezes
Uma colligação geral não planejara,
— Entre tupís e gês e aruaks montanhezes, —
Contra o invasor da sua immensa terra cara !*

*Certo dia, no Hiiá, remontando a corrente
Do Negro, a conquistar a selvicola gente,
Entrara uma legião de lusitanos máus.*

*Mas, reunindo a cabilda indomita e altaneira,
Coagira á retirada a barbara “bandeira”
Ajuricaba, o chefe amado dos manáus.*

*Ajuricaba amava a formosa Corema,
Tanto quanto esta amava o forte Ajuricaba,
Que a ia ver além da malóca, na extrema
Do Hiá, onde o poder dos seus manáus se acaba.*

*E o branco, que de leal sempre se orgulha e gaba,
Porque do indio revél muito e muito se tema,
— Para render, emfim, o audaz morubixaba,
Recorre ao mais traiçoeiro e infando stratagemá.*

*Perto do tejupar de Corema, um vil bando
De lusos se occultou por alta noite, e, quando
Da amante estremecida, após campos e váus,*

*O beijo resorvia em prolongado espasmo,
Viu-se, subito, preso, entre colera e pasmo,
Ajuricaba, o chefe amado dos manáus.*

*Peiado aos rijos nós de solida corrente,
Algemado aos quadris de celere canôa,
Ajuricaba desce o rio tristemente,
Emquanto o portuguez a victoria apregôa.*

*A' bellicosa tribu e á linda amante vôa
O pensamento do indio, e impreca, de repente,
Que o soltem, promettendo, em jura que alto echôa,
Não fugir, nem mais ver a sua terra e gente...*

*E, livre dos grilhões que lhe tiram os lusos
(Logo após, de erro tal repesos e confusos),
Alli, na conjuncção, que é liquefeito cháos,*

*Do Negro e Solimões, cae e desaparece,
— Mas seu celebre nome, esse ninguem o esquece, —
Ajuricaba, o chefe amado dos manáus.*

A PESCADORA

MILTON DE ASSIS

*Todas as tardes, quando, contente,
A' pescaria vaes a cantar,
Minha alma triste vontade sente,
Vontade sente de soluçar.*

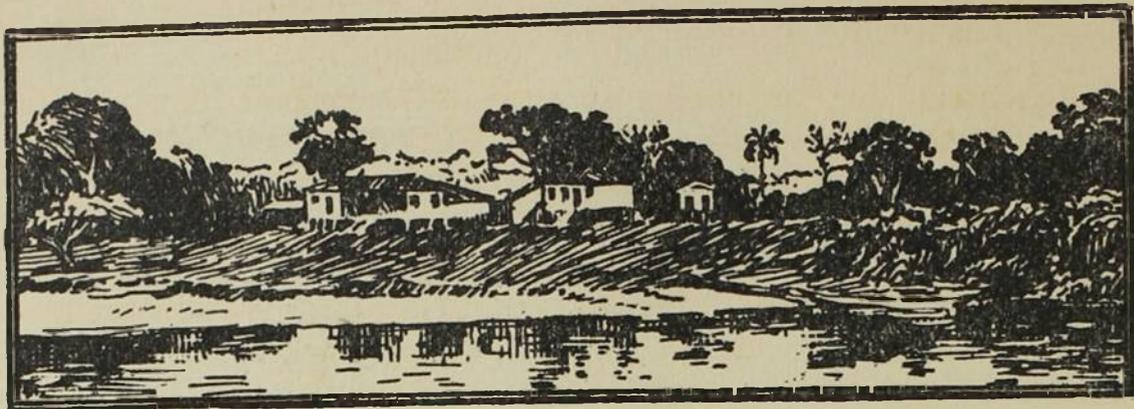
*As grandes maguas por mim sentidas
São mais profundas do que as do mar,
E ha muito tempo que ás escondidas,
A's escondidas vivo a chorar.*

*Cala essa bocca, linda morena,
Cala essa bocca, não cantes mais;
Tua alma canta, minha alma pena,
Porém não deixam de ser iguaes.*

*Teus labios finos são duas rosas
Muito vermelhas... Que bello par!
Teus olhos meigos são languorosas
Duas nascidas para chorar.*

*O' pescadora de olhar maguado,
O' pescadora que vaes pescar,
Sem ser ao menos teu namorado,
Vivo somente para te amar.*

Sergipe



AFRANIO PEIXOTO

POR
JACKSON DE FIGUEIREDO

I

Afranio Peixoto foi durante muito tempo para mim uma especie de fascinação contraditoria: tive-lhe sympathia porque, graças a Deus, sympathiso todo esforço intellectual legitimo; olhei-o com desconfiança por diversos motivos. Um destes foi a lenda que o apresentava como detractor de Farias Brito.

Desfel-a Mario de Alencar deante de mim e a Farias Brito mostrei a sem razão de qualquer queixa. Mostrei devéras, não com insinuações que só vingam quando são más, e o que é certo é que a Afranio offereceu Farias Brito um exemplar de seu ultimo livro e de Afranio recebeu palavras de carinho e admiração.

O trecho em que Afranio Peixoto, no seu discurso de recepção na Academia de Letras, se refere ao Concurso de Logica em que, no Gymnasio Pedro II, foram contendores Farias Brito — victorioso — e Euclides da Cunha — vencido — é o seguinte:

“Tentou — fala de Euclides da Cunha — tentou o magisterio concorrendo a uma cadeira de logica no Gymnasio Nacional: vieram-lhe então no encalço todas as mediocridades que elle tinha o dom perigoso de açular. Parecia não haver logar para elle, onde tanta gente andava indevidamente. Comtudo, e isso é digno de ser assignalado, ao contrario, do que seria de esperar, veio-lhe a justiça da escolha” (1).

Se acaso fôra meu o elogio a Euclides da Cunha, nem seria preciso logar em que o louvor fosse obrigatorio, para que tivesse sido muito mais enthusiastico, menos vacillante, do que foi o de Afranio Peixoto, no momento em que tomava posse da cadeira

(1) Afranio Peixoto — *A poeira da estrada* — 24.

da Academia, que pertencera ao autor d'*Os Sertões*. Assim, falo com absoluta insuspeição. Admiro Euclides da Cunha como admiro o Brasil — semi-barbaro e gigantesco, rude nas suas linhas geraes, mas brilhante, deslumbrador, ás vezes, a este sol glorioso da America. A verdade, porem, é que só a paixão do momento poderia levar Afranio Peixoto á affirmação infundada de que fôra obra de justiça a que dera a Euclides da Cunha as palmas da victoria... conquistada por Farias Brito, ante os que ajuisaram do pleito, ali, onde o autor da *Finalidade do Mundo* se apresentara quasi desconhecido de todos, vindo do extremo norte da Republica, pobre, tendo feito o sacrificio de quase tudo quanto possuia, e, ousando dar tal passo, sem contar, ao menos, com o mais leve bafejo de protecção official.

Bem sabe Afranio Peixoto que este não era, de modo algum, o caso de Euclides da Cunha, pois, alem de ser no Rio, o escriptor victorioso que era, se alguem teve ali, naquelle encontro memoravel, alem do talento e da cultura, forças outras que combatessem a seu favor, foi, diga-se verdade, foi o autor d'*Os Sertões*, e só estas lhe valeram bem mais, por fim, do que a Farias Brito o esforço com que venceu todas as desconfianças, todas as más vontades, todas as difficuldades do grande meio intellectual que ousava olhar de frente, pela primeira vez.

Até ahi a injustiça praticada por Afranio Peixoto.

Entre esta, porem, e a de ter collocado Farias Brito entre as mediocridades que sahiram no encalço de quem, como Euclides, tinha o dom perigoso de açulal-as, vae grande differença, e só o animo previnido poderia emprestar tal extensão a uma phrase que só peccou, de facto, pelo vago da generalisação. Mas é evidente que Afranio Peixoto não poderia esperar uma tal interpretação da parte de um publico que fôra presente a todas as peripecias daquella luta, pois é sabido que Farias Brito e Euclides da Cunha mantiveram, até o fim, as mesmas cordeaes relações do primeiro momento, e sabido tambem que os mesmos foram os detractores de ambos, quando a luta sahiu do terreno proprio para o da imprensa.

Fosse como fosse, porem, durante muito tempo, o amigo que fui de Farias Brito e tenho fé em Deus que serei de sua memoria, recebeu de bôa fé a insidia e suffocou a viva sympathia que me inspirava Afranio Peixoto. Erro perdoavel, como perdoavel seria mesmo o de Afranio Peixoto se a injustiça para com o espirito genial e infeliz de Farias Brito tivesse tido de sua parte a extensão que já se lhe quiz dar.

Quem lhe sacudiria a primeira pedra? Eu proprio vi Farias Brito commetter injustiça não pequena... elle que teve alguma cousa de santo a irradiar-lhe continuamente do coração. Não a

applaudi tambem. Condemnei-a mesmo, mas condemnei-a como quem sabe que até a Revelação que a Deus aprouve dar de si mesmo é obscura e difficil aos nossos olhos mortaes. Que se dirá do que vem do coração do homem?



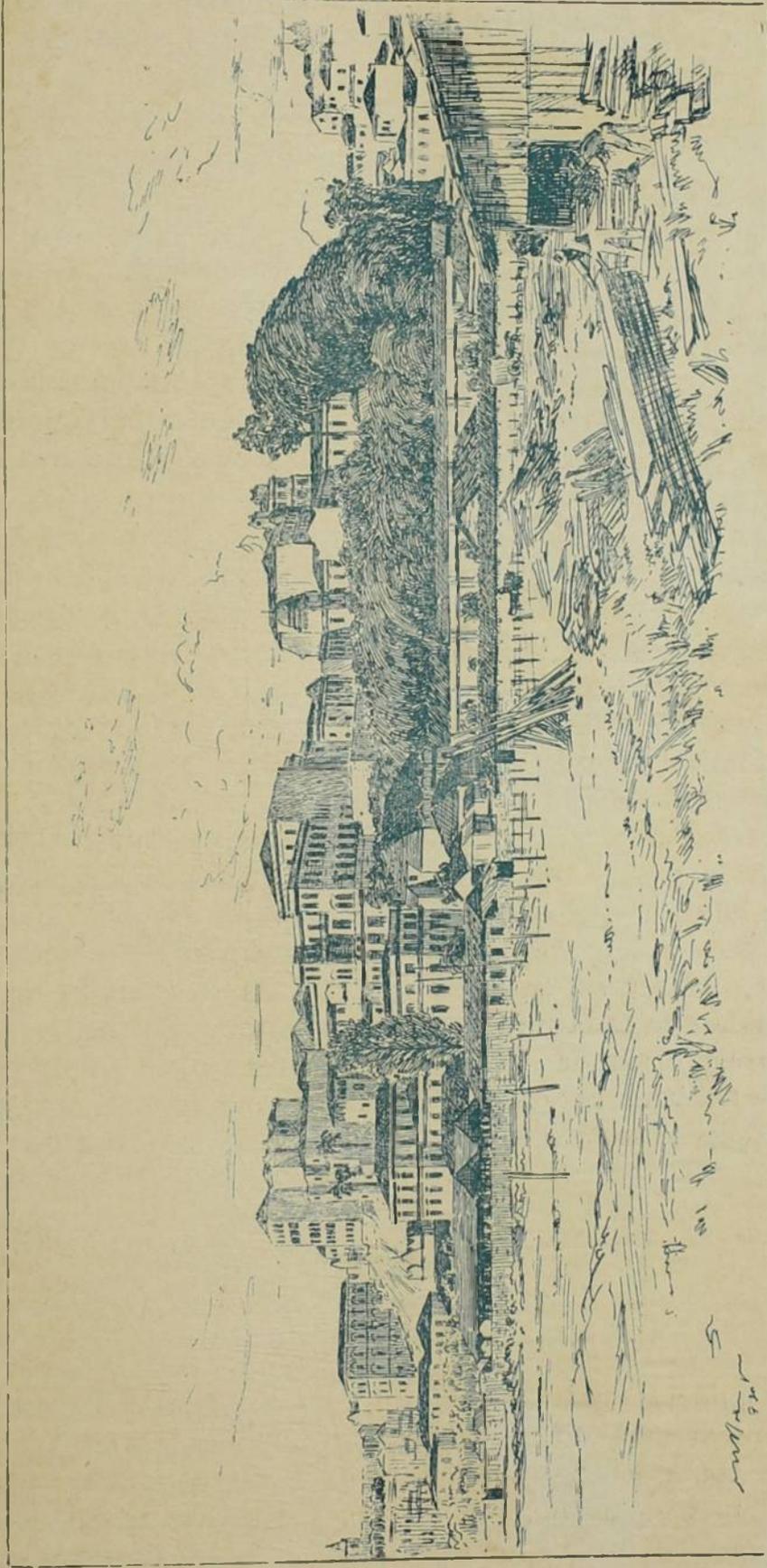
Da leitura meditada que tenho feito de quase tudo quanto ha publicado Afranio Peixoto e até de uma convivencia levada sempre a extremos de franqueza, pela finura de seu tacto, pela minha natural rudez, julgo que tenho da sua intelligencia aquelle conhecimento que dá direito a um juizo, senão verdadeiramente verdadeiro, pelo menos tão verdadeiro quanto o que um homem sincero pôde fazer de outro homem.

Cousa singular, entretanto, é que o que me encanta ao emprehender dar este juizo publicamente, entre contemporaneos, por conseguinte, entre gente suspeita e suspeitosa, é, justamente, repetir-se entre o seu e o meu espirito, se bem agora um pouco modificado, o phenomeno da fascinação que é, por um lado, pura admiração pelo artista, que elle é, por outro, sem deixar de haver tambem admiração, uma quase absoluta discordancia de idéas e sentimentos, em relação a quase todos os problemas da vida em geral, e, sobretudo, em relação ao Brasil. Somos, deante das questões mais graves que atormentam a nacionalidade brasileira. dois julgadores — elle, de alto renome — eu, humilde e desautorizado — dois julgadores, digo, que, amando-se talvez porque sejam tão differentes, se atormentam naquelle mundo de ideaes e doutrinas a que cada um de nós, como tantos outros, leva muito das melhores forças de seu espirito, no desejo de concorrer com um pouco de bem para o futuro do Brasil e, por conseguinte, queira on não o “metequismo” nacional, para o futuro do mundo.



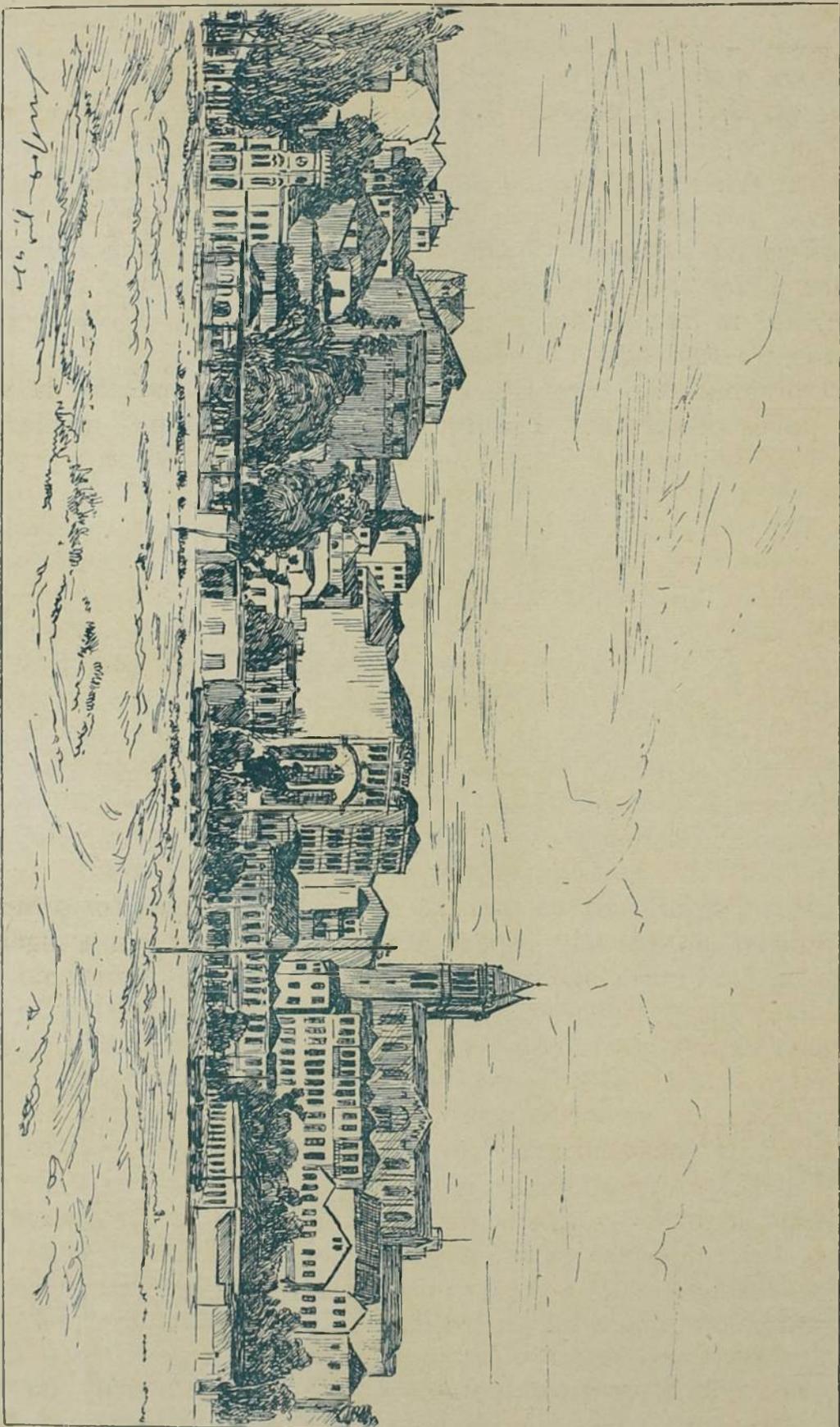
Alguem poderá notar, entretanto, que é Afranio Peixoto creatura em quem será difficil encontrar opiniões extremadas a tal ponto que assim se chocassem com as duras arestas de um espirito como o meu, absolutamente arregimentado numa escola de opiniões cimentadas em dogmas de fé.

ASPECTOS DE S. PAULO



Desenho de Wasth Rodrigues

A collina do Palacio



Desenho de Wash Rodrigues

Vista tomada da Varzea do Carmo

Direi, porem, que é justamente aquella feição amoravel de seu espirito, aquelle blandicioso meio termo em que se compraz, em face da vida, o que mais nos distancia nos dominios do pensamento.

Quando sondo a desordem que vae por este mundo, penso, ás vezes, que o *não* está de facto, no terreno das idéas, mais proximo do *sim*, do que aquelle termo medio em que a sophistica genial do pantheismo moderno baseou toda uma logica digna de si mesma. Assim, do que pude saber por noticias esparsas de imprensa, nada mais triste a meu vêr — máu grado o sorriso e a gentileza da palavra — nada mais triste que a attitude francamente pragmatista adoptada por Afranio Peixoto no Curso de Religião de que se encarregou na Faculdade de Philosophia e Letras, no decorrer de 1919.

O pragmatismo teve isto de util, em certo momento da vida dos povos occidentaes. Foi um movimento da "elite" intellectual que logo se impoz á attenção de todos, porque tivesse conseguido mostrar as falhas do ingenuo materialismo que tudo queria dominar, em nome da sciencia. Dizem os pragmatistas: não devemos desprezar nada do que é o homem e na "totalidade humana" a religião é força a que se não pode negar papel importante. Já Bergson, o metaphysico do pragmatismo, atrelou o seu pensamento, pelo menos de um modo geral, ás formas tradicionais da philosophia, e o pragmatismo poude merecer, como mereceu, a sympathia de alguns pensadores catholicos. No Brasil, porem, não precisavamos nós desta philosophia de transição. Entre nós nunca o materialismo tivera victoria de monta, a não ser no reduzido circulo dos chamados homens de sciencia, incapazes de philosophar e sem influencia sobre a massa popular.

Este materialismo dos homens de sciencia sempre foi o menos prejudicial, porque não impede a actividade util e tem a ingenuidade da fé. Contra as correntes mais largas do agnosticismo que pareciam querer dominar a nossa vida intellectual, surgira, como violenta expressão da nossa revolta, a obra de Farias Brito, já de um ponto de vista muito mais alto que o de Bergson proclamando o valor da metaphysica, reivindicando o espirito e o testemunho da consciencia no conjuncto das forças universaes.

Ora, não é o pragmatismo mais do que uma pequena victoria do individualismo contra si mesmo e, se a sua base é individualismo, é claro que lhe escapa o verdadeiro sentido da religião.

Em verdade, não poderá nunca a religião ser analysada ou historiada por quem encare o dado religioso como um dos muitos de que se compõe a vida humana, no seu aspecto social.

E' ella o laço espirital entre o homem e tudo o mais que não seja o homem, é ella a origem da vida moral, o que quer dizer

a razão de ser da nossa actividade — a base, o fundo noumenico — digamos assim — da nossa vida, em face do qual, tudo o mais, desta mesma vida, é phenomeno.

Mais triste é vêr, porem, que uma alma tão viva como a de Afranio Peixoto, apesar do bom orvalho de luz que lhe veio da idéa — força do pragmatista, — em que, pelo menos, se salva o sentimento religioso — ainda hoje se deixe dominar pela seccura do falso philosophismo que forjou com successo, durante tanto tempo, as mais variadas historias da religião, com tanta segurança, em taes dominios, onde não é possivel a experimentação, quanto em outros em que, com esta, andou dialogando, com *batthibius* e *pitecanthropus*.

A idéa, por excellencia, do pragmatismo é, como disse, a do aproveitamento utilitario de todas as nossas energias sentimentaes e intellectuaes, e Afranio della não se desviou porque desse da religião esta ou aquella explicação. O pragmatismo é uma especie de corredor de hotel que dá sahida a todas as doutrinas, disse o proprio James... excepto, já se vê, á doutrina catholica. O que admira é que Afranio nem no convivio de uma tal idéa sentisse reflorir em sua alma o sentimento religioso. Porque este, mesmo na mais individualista das suas formas, lhe escapa e eis porque não lhe repugnam companhias realmente indignas da sua intelligencia. O arido pedantismo judaico de um Salomon Reinach, por exemplo, em que a má fé se casa tão bem á certeza de espirito, e certos criticoides modernos, incapazes de dar um só passo, em taes dominios, que não caiam, immediatamente, envolvidos nos erros mais grosseiros, jámais poderá aguçar o senso critico de quem queira entrar essas regiões mysteriosas de nossa historia sobre o planeta.

Porque é preciso dizer com franqueza que não são ali essenciaes cotejamentos de datas e comparações quase sempre felizes, graças ás sombras de que a magestade solemne da ignorancia, que se rotula de liberdade scientifica, ousa tocar as questões mais simples e mais claras.

Ninguem póde imaginar maior absurdo que o com que se apresentam taes espiritos no scenario das lutas religiosas. Declarados inimigos da metaphysica, por conseguinte da logica, fazendo alguns até gloria desta confissão, não se comprehende como ousem enfrentar problemas de tal transcendencia, como os da religião, os quaes envolvem a natureza metaphysica do homem e ainda supõem mais dilatados dominios á personalidade humana. No circulo em que se move esta mesma personalidade ousam negar os mysterios religiosos, com a só autoridade das suas convicções, estas, ninguem sabe bem baseadas em que, dado que toda especie de mysterio tambem as punje e maltrata, mesmo no terreno

puramente scientifico, da melhor e mais acatada sciencia, materialista ou não.

Falem por mim os proprios sabios.

Eis aqui a palavra de um crente; mas é Pasteur quem fala:

“Que existe alem desta abobada estrellada? Novos ceus estrellados. Seja! E alem? O espirito humano impellido por uma força invencivel, não deixará de perguntar: Que ha para alem? Quer elle parar no espaço ou no tempo? Como o ponto em que pára é sempre uma grandeza finita, somente maior do que todas as precedentes, mal começa a observal-a, logo volta a implacavel questão e sempre, sem lhe ser possivel fazer calar o grito de sua curiosidade. De nada vale responder: para alem ha espaços, tempos, grandezas sem limites. Ninguem comprehenderá taes palavras. *Aquelle que proclama a existencia do infinito* — e ninguem pode escapar a isso — accumula nesta affirmacão mais sobrenatural do que existe nos milagres de todas as religiões; porque a noção de infinito tem este duplo character: impoe-se e é incomprehensivel. Quando esta noção se apodera do entendimento, não ha remedio senão prostrar-se”.

Fale agora o mais endurecido dos materialistas — ouçamos Virchow:

“Ninguem conhece — diz elle — um unico facto positivo que prove que uma massa inorganica mesmo da Sociedade Carbonio & Cia. se tenha transformado em massa organica. Portanto, se não quero crer que houve um creador especial, devo recorrer á geração espontanea; isto é evidente: *tertium non datur*. Quando se diz: — Não admitto a creação e quero uma explicação da origem da vida — apresenta-se uma these; mas com vontade ou sem ella é preciso chegar á segunda: *ergo*, admitto a geração espontanea. Mas desta não temos prova alguma; ninguem viu uma producção espontanea de materia organica; *não são os theologos, mas os sabios que a regeitam*. E' preciso optar entre a geração espontanea e a creação; a fallar com franqueza, nós, os sabios (materialistas) deviamos ter uma pequena preferencia pela geração espontanea. Ah! se apparecesse alguma demonstração... Mas a mim parece-me que temos de esperar muito tempo... com o Bathybius mais uma vez desapareceu a esperança de uma demonstração” (1).

Ora, é a religião condição da Igreja, isto é, da comunidade que se julga ao mesmo tempo terrestre e divina, mundana e sobrenatural (2). Alli se adora o mysterio e tambem pelo amor

(1) V. *Apologia Scientifica* de Senderens — trad. port. 106-151.

(2) Alzog — *Hist. da Igreja* I-2 — trad. port.

se o quer penetrar. Por isto jamais o mysterio poderá deprimir o verdadeiro crente, e a religião jamais negará o que mais existe, como faz tantas vezes a sciencia, que assim se nega a si mesma.

Como fazer historia da religião se não se possui sentimento religioso que, unico, poderia esclarecer a propria razão entre as difficuldades com que se ha de deparar, por força? Em terreno bem mais facil de ser abordado, que historia faria de qualquer arte em geral, um individuo desprovido de sentimento artistico?

E ainda que se ouse tentativa desta ordem, como fazel-a relativamente autorisada quando, com a só ajuda da razão, não se fez estudo serio das formas exteriores communs a todas as religiões, e a analyse aprofundada da base logica ou philosophica em que repousam os dogmas? (1)



Pode-se dizer que o homem é o ente essencialmente historico (2) porque é o ente essencialmente religioso — isto é — um ser com finalidade moral, e foi por isto que J. de Muller “reconheceu, depois de muitos esforços, que só o Evangelho podia dar o fio conductor para o estudo da historia universal” (3).

Esta a unidade interior que a historia universal requer, e cuja necessidade já Polybio proclamava. Tire-se á historia, principalmente á historia da religião esta elevada idéa do plano divino, a que o homem está enquadrado — o homem, ser livre, capaz de a si proprio determinar-se e tudo o mais que se fizer será romance fantasista com maior ou menor numero de personagens. (4)

(1) Não se faz mister mais do que lembrar aqui que, sendo, como sou, catholico, acceito a explicação que dá a philosophia da Igreja da existencia de outras religiões, que não só a verdadeira, e, nellas, de muitos pontos de fé semelhantes ou quase identicos aos do Mosaismo, que a revelação de Jesus Christo inundou de nova luz. A não ser nos cinemas, ou romances de datas fabulosas sobre a antiguidade do homem, vão passando de moda, e a Biblia, novamente, vae sendo tida pelo documento de mais valor desta mesma antiguidade. E é assim apezar de, na propria Igreja, desde Sto. Agostinho, reconhecer-se que ha nella signaes de recomposições artificiaes e systematicas (V. *Apologia Scientifica* de Senderens — 307) e negar-se o valor e até a existencia da chronologia biblica (obr. cit. cap. XIX). O ponto de vista em que se colloca o verdadeiro catholico é o seguinte: “O judaismo preparava a humanidade de um modo directo e positivo para a vinda do Messias; o paganismo fazia o mesmo de modo indirecto e negativo. Este havia chegado, no imperio romano, ao apogeo de seu desenvolvimento interior e exterior” (H. Bruck — *Manuel de l'Historie de l'Eglise* I-21 — trad. franc.)

(2) Alzog — Obr. cit. I — 6.

(3) Alzog — Obr. cit. I — 6.

(4) Já Cicero assim entendia: “As idéas fundamentaes derivam de uma Lei suprema anterior aos Codigos e ás Cidades, e destinada a todos os seculos” V. *Hist. des croyances* I — pag. I.

Afranio Peixoto neste seu curso fez o que fazem todos os sociólogos sem fé: deu mostras de conhecer todas as tentativas de explicação do phenomeno religioso — de Stacio ou Petronio a Spencer ou Durckheim e, por fim, lá deixou escorregar tambem uma applicação propria da doutrina dos tropismos....

Das explicações que a religião dá de si mesma, de como nasceu, nada. Mesmo porque, se entrasse tal circulo, das duas, uma: ou teria que mostrar conhecimento seguro da dogmatica de todas as religiões ou teria que lhe negar valor em relação á vida mental do homem religioso, o que implicaria, é claro, a sua propria vida moral. Ora, não é a primeira daquellas obrigações materia facil de ser resolvida, sem grande saber da vida interior das religiões, no que ella tem de mais mysterioso e é, a cada hora, motivo de espanto, e até de dilaceramento para todos os que ousam aprofundar os enigmas de que se reveste o porque de nossa singular attitude em face do universo. Tambem o que Afranio desejou, e pensa ter conseguido, foi não ferir nenhum dos crentes que o ouviram, maximé áquelles do culto a que o ligam tantos laços de coração e o que de mais delicado da sua esthesia.

Julgou-se Afranio capaz de imparcialidade e como garantia desta procurou demonstrar que entre sciencia e religião não ha antagonismo, sendo ambas methods de sensação e comprehensão do mundo: uma partindo do relativo para o absoluto, outra vindo do absoluto para o relativo.

Não viu Afranio Peixoto, porem, que já nesta definição lançava duro remoque áquella das duas que se dá como fundada na Revelação, e a quem repugna a idéa de methodo, isto é, de perfectibilidade alcançada com esforço puramente humano.

Sem o querer reponta em tal definição o materialista... Eis a verdade.

Imparcialidade a estas alturas é, de facto, impossivel e isto mesmo teve que confessar Strauss que, a principio, tão longe levou a pretensão de possuil-a. “Não ha ninguem completamente imparcial — diz com razão Hettinger (1) — especialmente numa questão que domina e envolve o homem inteiro, rege e forma todos os seus pensamentos, dá uma direcção a toda a sua existencia e para toda a vida é de importancia maxima, como nenhum outro assumpto”.

A demais força é confessar que quem ousa vestir a vida da formula geral — evolução — é tambem um hierarchisador da mesma vida. Fossem dois methods religião e sciencia e a um delles — é evidente — caberia legitima superioridade. O que é

(1) Hettinger — *Apologia do Christianismo*, trad. port. I — 27.

verdade, porem, é que nos dominios bem mais vastos da religião, cabe a sciencia, que lhe é subordinada, cabe aquillo que era para Farias Brito, por exemplo, toda a religião, isto é, o governo mais natural a que o homem se deve sujeitar — pois ahi não se comprehende senão um dos caracteristicos da religião, uma das suas manifestações objectivas — cabem todas as formas da vida social que lhe reflectem a luz vinda do alto.

Para affirmar o contrario seria mister demonstrar o illogismo da Revelação e isto é difficil.

De que os homens não foram crescendo em religiosidade até á organização dos grandes systemas religiosos que dominam ou fazem a historia do mundo, ainda não é preciso acrescentar mais provas ás seis formuladas pelo velho Bergier, principalmente ás 3.^a, 4.^a e 5.^a, todas resumidas neste simples raciocinio: “A historia nos ensina que o homem não foi, primitivamente, tão estúpido, nem, posteriormente tão illustrado, como o supõem os philosophos. Accrescentemos que se o genero humano houvera sido creado no estado de brutalidade e barbarie, em que se acharam alguns individuos por espaço de muitos seculos, nelle houvera continuado, quiça, na actualidade, ainda assim se achasse. Para saber o que ha de certo sobre este ponto, recorreremos á historia, aos monumentos, ás tradições populares, e não a raciocinios e conjecturas” (1). Siga-se-lhe o methodo a tal altura e ver-se-á, em toda a parte, que os testemunhos da passagem de um homem mais perfeito, de que todos nós somos filhos decahidos, em maior ou menor gráu de miseria, são patentes, obrigando já a que meditassem sobre tão fortes indicios sabios como Martius e Humboldt, philosophos como Renouvier, Secretan, Farias Brito. (2)

(1) Bergier — *Tratado historico y dogmatico de la verdadeira religion* —1—6 trad. hesp.

(2) As palavras de Humboldt são tão eloquentes que devo aqui registral-as: “Estas antiquissimas tradições do genero humano — diz elle — que encontramos espalhadas, semelhantes aos restos de um grande naufragio em toda a superficie da terra, inspiram o maior interesse ao philosophico investigador da historia da humanidade: em toda a parte apresentam a forma e caracteres de semelhança, que nos excitam á admiração, as tradições cosmogonicas de todos os povos.

Assim numerosas linguas que parecem pertencer a ramos isolados e distinctos da familia humana, nos transmittem os mesmos factos. A essencia dos acontecimentos sobre as gerações extinctas e o renovamento da natureza não soffrem alteração; mas cada um dos povos lhe transmittem o seu colorido particular; Quer nos grandes continentes, quer nas pequenas ilhas do Oceano Pacifico existe sempre um monte mais elevado, onde se refugiaram os restos do genero humano, que poderam escapar á catastrophe. Quem estuda attentamente as antiguidades mexicanas dos tempos que precederam o descobrimento do mundo novo, e conhece o interior das florestas do Orenoco, a pequenez e disseminação dos estabelecimentos europeus em relação com as tribus indigenas independentes, mal pôde attribuir as notadas semelhanças á influencia dos missionarios, e do Christianismo ás tradições nacionaes”.

O proprio Kant, a seu modo, explicou o estado actual do homem: “Uma propensão corrompida germinou no homem; é inutil dar disto uma demonstração formal, já que uma multidão infinda de exemplos frisantes está patente a nossos olhos



Não comprehendeu Afranio Peixoto que, sobre a movediça base pragmatista, em que os principios são mesmo negações mais ou menos disfarçadas de todos os principios, não cimentada por conseguinte, uma tal base, com a forte liga de uma logica sem descontinuidade, todo pensamento, mesmo o bom, em qualquer ordem em que fructifique, é fructo malsão, incapaz de alimentar aquelles a que se destina.

No seu caso as adivinhações da arte são como um contraveneno ao scepticismo que se assenhoreou de sua alma — uma das mais vivas que tenho conhecido — com encantos realmente poderosos.

Mas até onde a arte póde amparar um espirito, uma consciencia?

E' o que veremos, após a analyse da acção deste mesmo espirito, quando, armado de outras forças, tem procurado surpreender a realidade e reduzi-la a pensamento, a verdades, que teem tambem a sua belleza. A Platão ou a Plotino ha quem attribua a definição, senão verdadeira, pelo menos, formósa, de que o bello é o esplendor da verdade. O artista que sempre foi e é Afranio Peixoto não regeitou encontrar em outros dominios, que não os da pura esthesia, a verdadeira belleza — e se fez homem de sciencia.

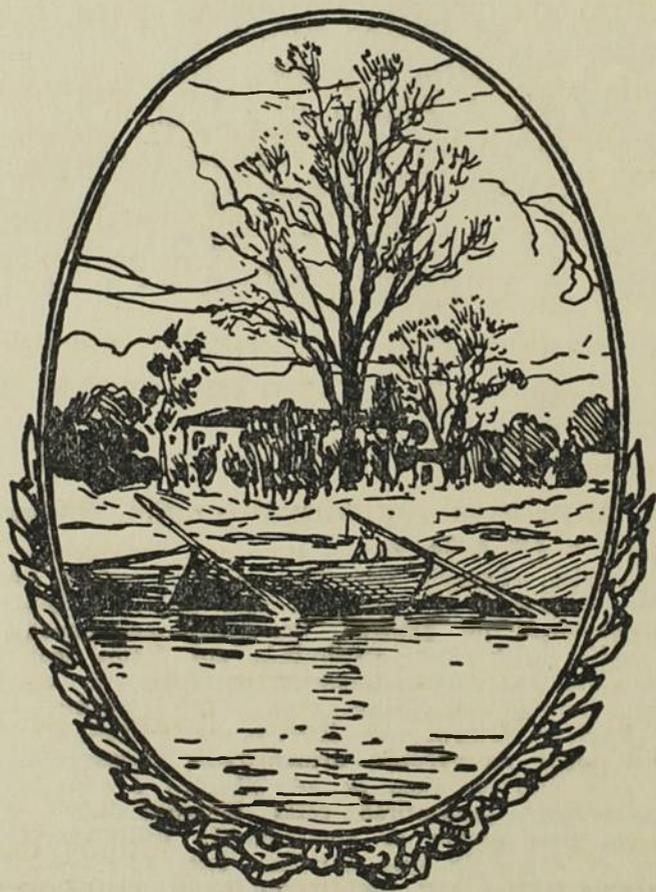
pela experiencia e pelos factos dos homens" — V. Hettinger — *Apologia do Christianismo* — III — 232 e 22, v.

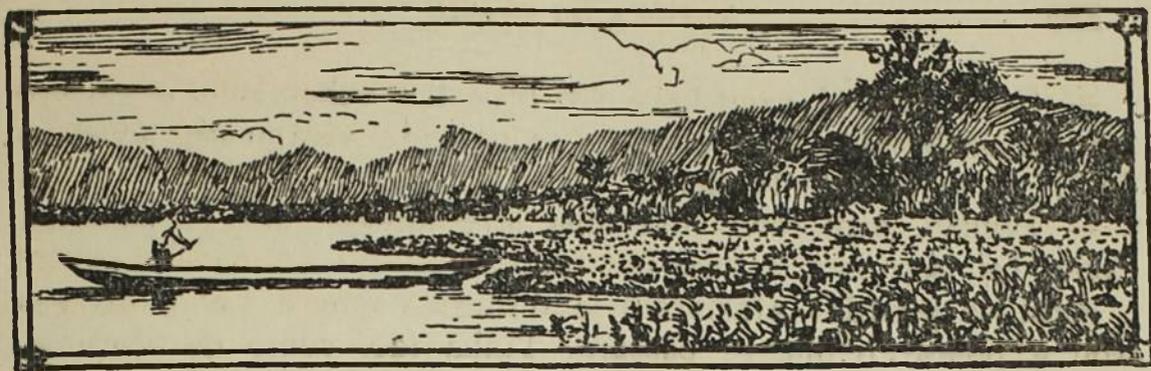
Desta critica historica, chamada scientifica, a que se filia Afranio Peixoto, disse bem Döllinger: "Uns deixar-se-hão conduzir com intima satisfação pelos escriptores que atrapalham as memorias do passado, lisongeião ao demonio malicioso sempre de emboscada ao peito do homem, attribuindo aos factos mais grandiosos motivos impuros e causas ridiculas, e especialmente envolvem as questões religiosas por meio de voluntaria alteração dos factos, com imagens arbitrarías e a exhibição do que é universal e humano. Outros pelo inverso, por virtude do seu sentimento profundamente moral e amor da verdade demonstrada, recusam sua fé e confiança a taes historiadores, com acertado dom de adivinhação; e onde mesmo lhes não seja dado reconhecer as origens, presentirão estas indignas traças, e penetrarão muitas vezes a verdade, ou, pelo menos se approximarão della através da nuvem d'uma artificiosa alteração. A exposição que havemos feito nos conduz á conclusão que todos os conhecimentos teem o seu fundamento na moral, ou no dominio da moral; se isto assim não fôra os homens de talento e os sabios levariam grande vantagem aos pobres e illustrados até no conhecimento do bem e do mal. Mas não é assim por uma justa e sabia lei, que o homem não póde metter na sua cabeça aquillo que o seu coração não sabe: e quando o homem obdura a sua vontade, tambem contra a vontade se obdura a sua intelligencia" (V. Hettinger — *Obr. cit.* I — 27, 8). A taes palavras póde accrescentar estas outras do proprio Hettinger: "Porque o homem nada comprehende, quando pretende saber tudo e até o que é impossivel saber-se e quando o sobrenatural lhe foge á percepção desespera e desanima-se facilmente até de conseguir conhecer aquillo que está nos limites da sua esphera intellectual" *Obr. cit.* I — 43.

Será esta a explicação mais fiel do seu enorme labor no nosso scenario scientifico? Póde ser e eu o affirmaria não fosse o temor de susceptibilidade que não são só riqueza de artistas, mas tambem de grammaticos e até de sabios.

O facto é que Afranio Peixoto é tambem autoridade, entre nós, em diversas ordens do conhecimento scientifico, e dado o seu scepticismo — de origem, aliás, puramente scientifica, e, por conseguinte, a meu ver, dada a falha que lhe é propria de principios capazes de lhe fornecerem uma firme orientação, em meio de tantos e tão complexos problemas, sigamol-o atravez o labyrintho das idéas.

(*Continúa*)





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXVIII

Já ia quasi em oito horas da noite quando Angelo obteve, na repartição central da policia, permissão para fallar com Leonardo.

O delegado de plantão, áquella noite, era um sujeitinho meudo, muito amavel, que não poz nenhuma difficuldade em mandal-o acompanhar por um guarda até a prisão. Esta era em baixo, nas trazeiras do predio, e a sombria escada, mal alluminada, que a ella conduzia, dava a impressão de levar a um subterraneo dos ominosos tempos da Santa Inquisição.

— E' aqui, *seu* doutor, disse a final o soldado, parando no escuro, deante de uma grade, que o encarregado das chaves não tardou a abrir.

— Vossa senhoria pôde entrar...

A principio Angelo não distinguui nada. Deu alguns passos para dentro, sem ver a ninguem. Era um aposento humido, paredes nuas, com uma pequena aberta guarneçada de barras de ferro, no fundo, ao alto, dando para o necroterio.

Com o ruido que fizeram, Leonardo, que estava recostado num enxergão, unica alfaia que lá havia, levantou-se extremunhado.

— Quem é? perguntou.

— Sou eu, Leonardo... Sou o Angelo...

Abraçaram-se sem palavras, tomados ambos de grande commoção. Foi necessario um esforço para romperem o doloroso silencio.

— Olha, Léo... E' preciso que saias daqui hoje mesmo. Conta-me o que houve ao certo, que não socego enquanto não deslindar essa infamia de que estás sendo victima... Ou quizeste, meu pobre irmão, realisar o teu sonho de amor livre, ou cousa que o valha... Vamos, abre-te commigo... Sê franco...

— Oh! Angelo! exclamou elle com tão vehemente e sincero tom de sentimento, que o outro se corrigiu vivamente, apertando-lhe as mãos com força:

— Perdão, meu caro! Foi uma leve duvida, que já passou... Como foi isso então? Dize-me tudo...

Aqui os guardas afastaram-se discretamente e Leonardo entrou a relatar o que se passára. Tinha ido, como de costume, jantar em casa de Gina. Esta, que ficára a sós com elle na sala, mostrava-se singularmente nervosa e preocupada com alguma cousa. Observára com extranheza que por diversas vezes ella se approximára a modo de se deixar abraçar e beijar. Ria, mas de um riso agitado, sem nenhuma espontaneidade... De repente abre-se a porta da rua e apparece a mãe descabellada, a clamar que eram umas desgraçadas, que tinha só aquella filha, que tivessem piedade dellas... Seguiam-n'a agentes de policia. Houve escandalo. Foram conduzidos á presença do delegado... Assistira a tudo como que num estupor. Custava-lhe a crer na armadilha infame habilmente urdida pelas duas mulheres, de collaboração talvez com algum miseravel digno de fôrca... Defendêra-se entretanto com firmeza, certo de que toda a intriga cahiria por terra. Qual não foi, porém a sua estupefação, a sua humilhação e desespero, quando o concurso da medicina legal poz fóra de duvida a atroz realidade! Nem uma punhalada em pleno coração! Eram todos os seus sonhos que se mudavam em lama!

Leonardo fallava com os olhos fulgurantes de colera, ao reviver a scena horrivel.

— Figura-te que fizeram vir á sala mãe e filha... Eu estava aniquillado de dor, de vergonha e de espanto... Parecia-me impossivel que aquellas duas mulheres, que eu protegi, como sabes, tivessem a coragem de accusar-me falsamente, alli, em minha presença... Pensei que ao menos Gina, tão nova ainda, não fosse capaz de tamanha infamia...

— E' verdade... Causa pasmo! exclamou Angelo tremendo de indignação.

Era impressionante a agitação do pobre moço. Os cabellos, raros e empastados, na grande cabeça disforme, davam-lhe um aspecto desolador.

— Pois até ella, Angelo! O delegado perguntou-lhe se me reconhecia como o seu seductor... Nisto ella teve um accesso de pranto... Então a autoridade, um tal dr. Mendonça, dirigiu-se a mim espectacularmente, perguntando-me se não estava disposto a reparar o acto criminoso, de que fóra victima aquella "infeliz menina, miseravel e orphã de pae"... Foram as suas palavras... Repliquei que sentia profundamente—e sabes se eu fallava verdade! — a desgraça da pobre *raggasa*, a quem tinha dedicado

immensa affeição; mas que não era o autor de sua deshonra... *Per tuti ii dii!* Eu estava como louco, desvairado de dor...

E dizendo isto, levou as mãos, num gesto de desespero, ás farripas em desordem.

— Acalma-te, Leonardo, obtemperou Angelo em voz tremula. Ainda has de ter a felicidade que mereces...

— Mas ouve o mais extraordinario... Quando neguei a minha responsabilidade no caso, Gina, que se havia conservado chorando, de cabeça baixa, ao lado da mãe, que por sua vez esfregava os olhos com o avental... que comedia infame!... Gina virou-se então para mim como uma fera... Até agora não comprehendo nada, Angelo! Virou-se para mim — *Dio Santo!* — e gritou-me com furor que tinha sido eu quem a perdêra... Disse-me isso com uma raiva incrível... A desgraçada parecia odiar-me sinceramente naquelle momento... Ainda vejo o olhor de furia que ella me lançou... Era capaz de enganar a todos os juizes do mundo... Senti que me odiava, como se realmente eu fosse um miseravel... Não comprehendo porque assim procedeu... Teria ella enlouquecido!...

E apertava com desespero a enorme cabeça entre as mãos angulosas.

Angelo quedou pensativo alguns instantes. Fazia esforços por mostrar-se calmo, a fim de não aggravar-lhe ainda mais os sofrimentos.

— Não é nada, meu caro... Tem paciencia... Esquece essa rapariga indigna... Quanto ao mais, tudo ha de se arranjar... Vou sem perda de tempo fallar com um advogado... Não podes continuar preso... Essa prisão é uma inqualificavel arbitrariedade...

Leonardo, pela primeira vez, chorava deante do irmão. Re-bentavam-lhe lagrimas irreprimiveis. E o aspecto daquelle gigante desengonçado e infeliz apertou de tal forma o coração a Angelo, que não se poude conter. Voltou o rosto para a escada a modo de observar alguma cousa, para que Leonardo não lhe visse os olhos rasos de agua. Não sabia que dizer para o consolar, pois sentia que, apezar de toda a infame machinação e no meio de todas as coleras e invectivas, o grande sonho de amor, tanto tempo alimentado, ainda não morrera inteiramente — agonizava pertinaz, agarrando-se a quê? — a uma cousa vaga e insignificante, na esperança talvez de que a revelação subita de um mysterio viesse rehabilitar a imagem de amada... A sinceridade da colera ou do odio com que a moça o calumniara ficara-lhe no espirito como um signal estranho, indicativo de algum enigma salvador... Bem dentro nos refolhos obscuros de sua alma prendia-se a essa esperança, cuja natureza elle proprio não poderia

explicar. Que significaria aquelle furor por parte de Gina? Porque o odiaria ella?

Estas perguntas, pelo facto mesmo de não terem resposta, pareciam-lhe portas abertas a todos os impossiveis... E o seu sonho agonisava dolorosamente.

Sentiu-o Angelo e ficou perplexo, sem saber ao certo como proceder deante de tão profundo e nobre padecimento. Advertiu de si para consigo que a raiva manifestada pela rapariga não tinha sido mais do que uma arma, um meio de lucta, um modo de tornar viavel a infamia, e nada mais. Estava claro. A sangue frio certo se trahiria, desfalleceria durante a acareação. Um impulso nervoso dera-lhe alento para levar ao cabo todo o plano infernal.

Pobre Leonardo! exclamou interiormente, guardando-se, porém, de communicar-lhe as suas reflexões. Sabia bem qual a grandeza do desmoronamento que se dava naquella alma boa e generosa, e cuidou de o consolar do unico modo proficuo na occasião, isto é, fallando-lhe dos passos que ia dar para o libertar, indignando-se contra a prepotencia da autoridade que illegalmente o detinha preso, mostrando-se apaixonado, mas fugindo sempre de tocar o ponto sensivel e vulneravel daquelle coração arrazado.

—Olha, Leo... disse com carinho. Não suspeitas quem tenha sido o verdadeiro seductor?

Leonardo levou a mão aos olhos, meditando. Depois observou em voz rouca:

— Só se foi algum companheiro de trabalho na chapelaria... Porque não sei de nenhum outro homem que frequentasse a casa... Eu era o unico... As apparencias são realmente contra mim... Além das horas que ella passava no emprego, pouco sahia de casa... Não tinham relações intimas com os vizinhos... De repente, como quem só então começava a descobrir com precisão as pequeninas circumstancias que rodeavam a vida das duas mulheres, exclamou:

— Espera... Afóra o emprego, sahia ás vezes a fazer compras... Mas as compras eram quasi todas feitas por minha conta na venda do Lorenzo Pataracchi... Lá não havia nenehum caixeiro, que eu saiba...

— E não suspeitas do proprio Pataracchi? indagou Angelo. Mas, não obstante a angustia do momento, ambos riram-se a tal idéa, tão picaresca lhes pareceu.

— Depois Pataracchi, ha cerca de um mez fechou a sua casa de negocio...

— E' verdade... Disse-me que fez um contracto com o governo...

— Anda mettido em altos negocios... Ouvi dizer que obteve a municipalidade que lhe desapropriasse uma casa e terreno que não valiam vinte contos por mais de duzentos... Parece que a metade dessa importancia ficou com os intermediarios... Mas ainda assim... São os fructos do nosso regimen social... Emquanto os operarios suam sangue para ganharem uma miseria, os velhacos da peor especie enriquecem, tratam directamente com os governos... *Ecco!*

Esta digressão, que já ia raiando pelo terreno das idéas libertarias, foi um derivativo que alliviou um pouco a dolorosa oppressão de ambos os irmãos.

— Bem, meu caro, atalhou Angelo. Deixo-te mais conformado... Não podemos perder um instante... Quero ver se hoje mesmo ainda te faço sahir deste horror... Tem coragem... Vou procurar um advogado... Adeus...

XXIX

Dahi a instante um automovel voava para a rua Aurora, onde residia o advogado Polycarpo Feitosa, a quem Angelo já tinha por diversas vezes recorrido com exito. Derreado de cansaço e de emoção o joven italiano ia confusamente vendo o desfilar vertiginoso das casas e luminarias, devaneando em si que tudo aquillo bem podia não passar de um pesadelo.

— 39, *seu* doutor? Deve ser aqui, gritou o *chauffeur*, apontando para uma linda casa apalaçada.

Era alli mesmo. Lá estava a placa, junto ao portão. Angelo desceu, mandando que o esperasse. Ainda havia luzes no interior do predio. Passava de nove horas, poucos minutos. Tocou e foi logo recebido.

Polycarpo Feitosa não era homem para rodeios. Pequenino, esperto, o nariz em fórma de garra e uns olhitos brilhantes de rato a verrumarem o espaço em todas as direcções, mal que foi inteirado do caso, sentenciou:

— Tem logar o *habeas-corporis*, não ha duvida. Mas, pelo que me diz, o sr. quer andar mais depressa que a lei...

— Queria que meu irmão fosse posto em liberdade hoje mesmo...

— Qual é o delegado a quem está affecto o inquerito?

— E' um tal dr. Mendonça...

— O Mendonça! Ora veja só... Logo o Mendonça!

E parecia muito contrariado.

— Mas que é que ha? acudiu o moço assustado. Acha que esse delegado porá difficuldade?

— Dificuldade, diz o senhor? E' quasi impossivel... Está o diabo... Infelizmente o rapaz é bobo... Toma a serio demais o seu papel de autoridade... E' capaz de já ter requerido prisão preventiva...

Emquanto fallava agitava na cabeça o gorro, com que se defendia dos golpes de vento, e fazia dançar os pequeninos olhos pontudos e luminosos.

— Mas não tem nada... O sr. conhece o dr. Pinto da Silva, medico e politico residente lá no seu bairro? E' deputado federal...

— Conheço... Dou-me com elle...

— Dá-se?

Aqui o homemzinho levantou-se de um impeto, extendendo a mão a Angelo:

— Olhe, meu amigo... Não perca tempo... Vá ao Pinto da Silva... O Mendonça é escravo d'elle, não lhe digo mais...

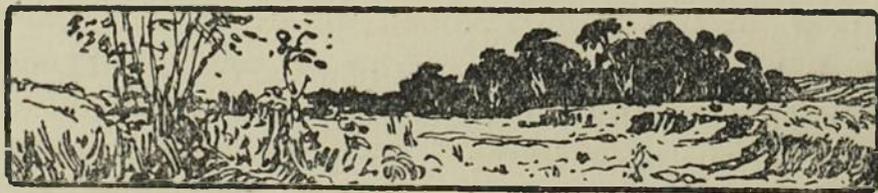
— Mas, doutor...

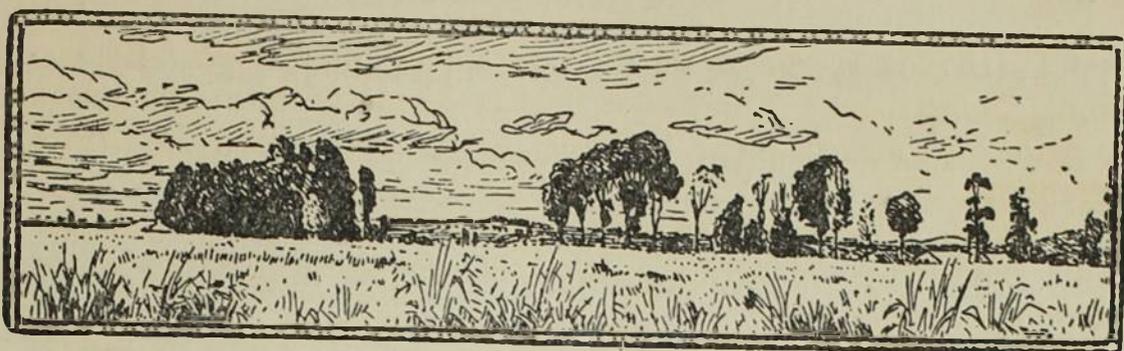
— Não perca tempo... Vá ao Pinto da Silva... Desculpe-me de não o acompanhar até a porta. Tenho medo de apanhar uma friagem... Sou muito doente...

— Uma palavra ainda, doutor... Se eu não conseguir...

— Ora se consegue!.. Tão certo como dois e dois serem quatro... Fique sabendo que a justiça dos tribunaes é incerta e demorada, ao passo que essa ao que o sr. vae recorrer não falha, porque assenta, não na lei, mas na omnipotencia da politica... Ao Pinto, meu caro, ao Pinto sem perda de tempo...

(*Continúa*)





ARCHIPELAGO DE FERNANDO DE NORONHA

NOTICIA HISTORICA POR YVON

“fernam de lronha” é o nome do descobridor e primeiro donatario do archipelago de Fernando de Noronha, tal como o escrevia El Rei D. Manuel em 1504. O documento em que esse rei o tornára donatario desse archipelago, segundo Varnhagen, (Diario da armada de Martin Affonso de Souza — pag. 62.) é do seguinte teôr:

“Dom Manuel per grana de Deus rei de portugall e allgarves daquem e dalem mar em africa senhor de guinee e da conquista navegacam comercio detiopia arabia persya e da India.

A quantos esta nossa carta vyrem fazemos saber que avendo nos Respeito aos serviços que fernam de lronha cavaleiro de nossa casa nos tem feitos e esperamos ao diante dele receber e querendo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vindo se a povoar em allgum tempo a nossa ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio 50 leguas alamar de nossa terra de Santa Cruz lhe darmos e fazermos merce etc...
...dada a nossa cidade de lixboa a desesseis dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos quatro.”

Os autores que tratam do assumpto em causa, em geral dão significação pejorativa ao trecho — “que ele ora novamente achou e descobrio” — para ridicularisarem fernam de lronha e negarem ter sido elle o descobridor desse archipelago: parece-me haver nisso erro de julgamento consequente talvez de excesso de malicia.

Parece absurdo suppor-se que D. Manuel tivesse empregado a expressão em causa com a significação que se lhe quer attribuir, num documento cujo fim evidente era exalçar serviços prestados e estimular serviços a prestar. O que parece claro é que elle quiz dizer que fernam de lronha tinha estado novamente, isto é,

tinha estado segunda vez na ilha de sam Joam, já por elle achada e descoberta.

E dadas as difficuldades da navegação de então, não seria demais usar de tal expressão, pois ir novamente a uma ilha em tal situação bem se poderia chamar descobril-a de novo.

Ao meu espirito não resta, pois, a menor duvida sobre esse ponto: fernam de lronha foi o descobridor da ilha de sam Joam, ou o que é o mesmo — Fernando de Noronha foi o descobridor do archipelago que hoje tem o seu nome.

Não se póde fixar com precisão a data desse descobrimento; no emtanto é evidente que ella está comprehendida entre os annos de 1500 e 1503.

A doação dessa ilha foi confirmada a 2.º de Maio de 1559, por D. Sebastião, em favor de um neto do primeiro donatario, e ainda a 8 de Janeiro de 1693, por D. Pedro II, em favor de João Pereira Pestana, trisneto do primeiro donatario.

E' este o ultimo documento regio em que esse archipelago apparece desligado da capitania de Pernambuco e constituindo como que um feudo dos descendentes do seu descobridor; pois uma carta regia desse mesmo rei Pedro II, implicitamente o annexava á capitania de Pernambuco em 7 de Set. de 1696, annexação essa que se tornou explicita nos termos da carta regia de 24 de Set. de 1700.

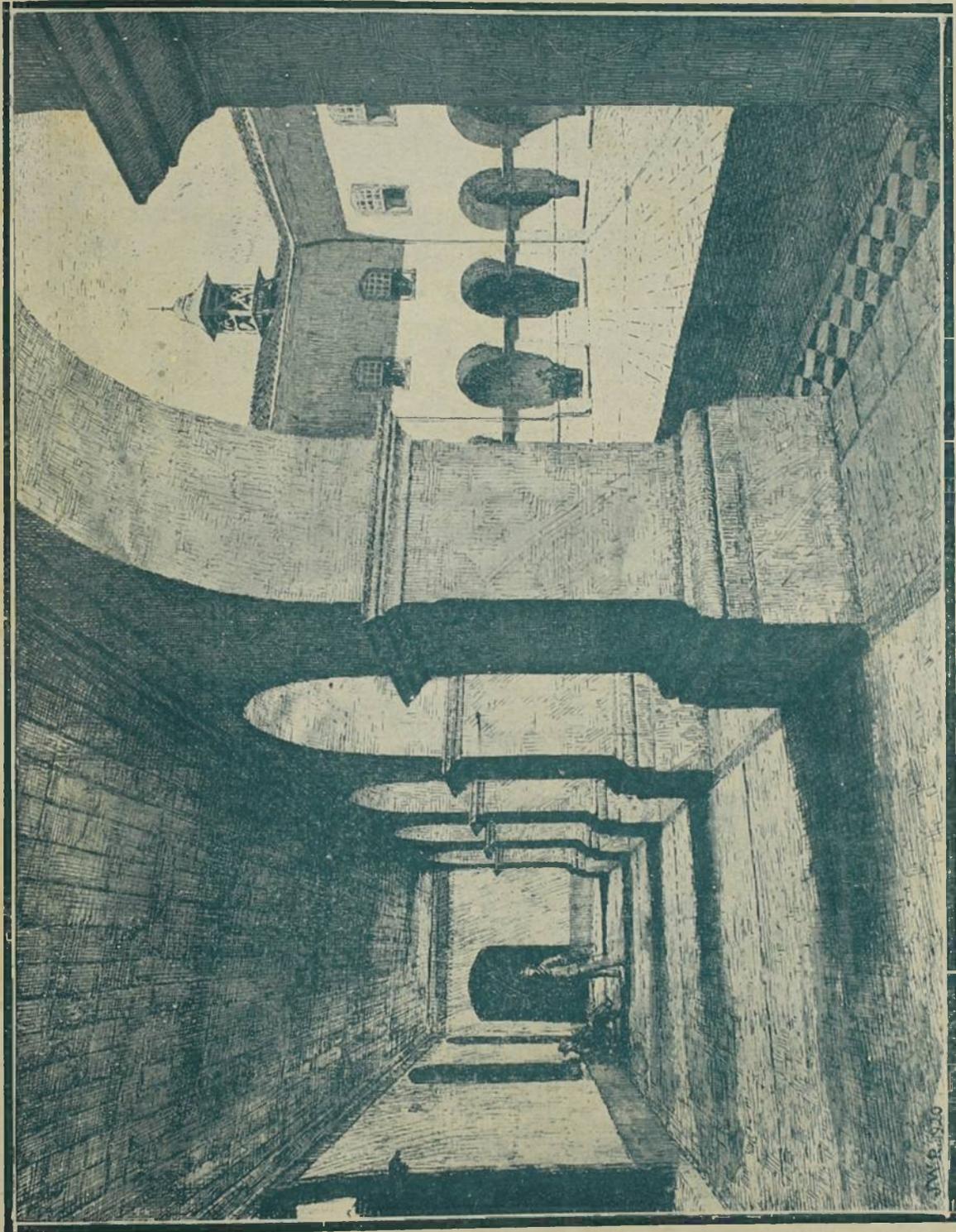
Durante esse longo periodo de cerca de 150 annos, esse archipelago não foi mais que uma especie de titulo de grandeza para o seu descobridor e respectiva descendencia, que nunca se occuparam d'elle, nem mesmo quando por duas vezes occupado pelos hollandezes em 1629 e 1635

No emtanto parece que essa terra bem merecia de seus senhores; pelo menos é o que se deve inferir da descripção que della fez o missionario capuchinho francez Abbeville, que fez parte da expedição franceza que conquistou o Maranhão.

Escreveu esse missionario: "No dia 26 de Jul. de 1612 ancoramos de fronte da ilha. Tem esta ilha 5 a 6 leguas de circumferencia; é bonita e agradavel e uma das melhores terras, si assim se póde dizer, muito vigorosa, extremamente fertil, capaz de produzir tudo quanto seja util.

Demoramo-nos ahi 15 dias para refrescarmos e beber agua fresca.

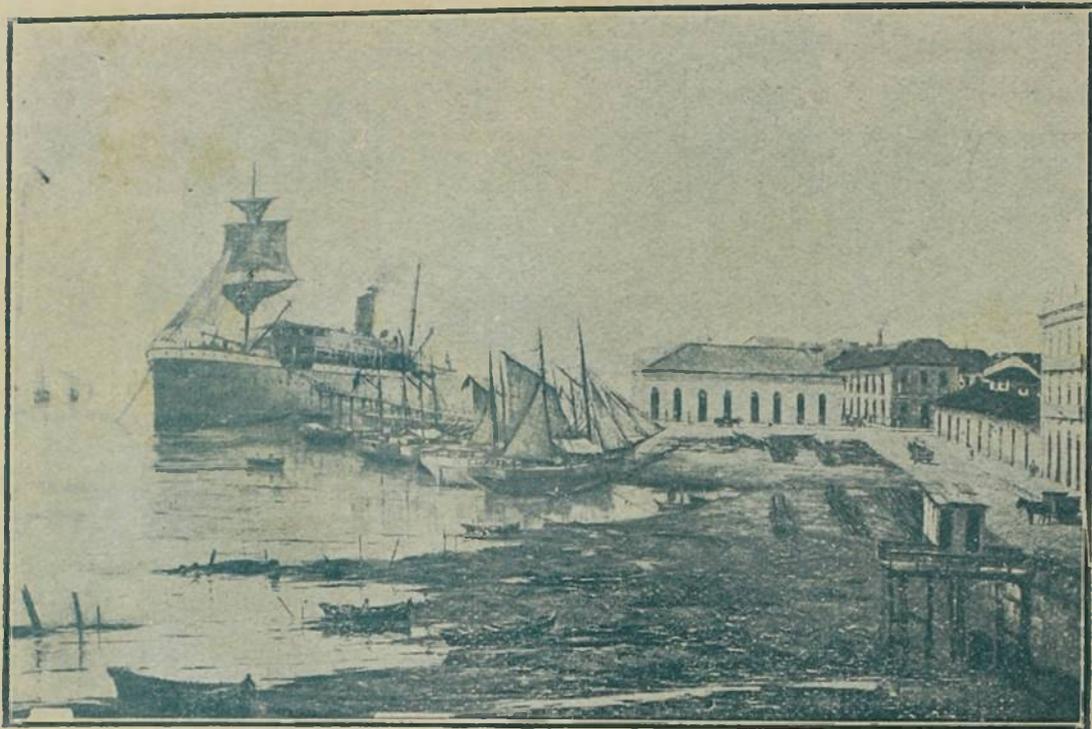
Encontramos melões, girimuns, batatas, ervilhas verdes e outros fructos excellentes, muito milho e algodão, bois, cabras bravias, gallinhas triviaes, porém maiores que as da França, sobre tudo grande quantidade de passaros de diversas especies desconhecidas e em numero infinito o que muito nos agradou por se-



(Desenho de W. Rodrigues)

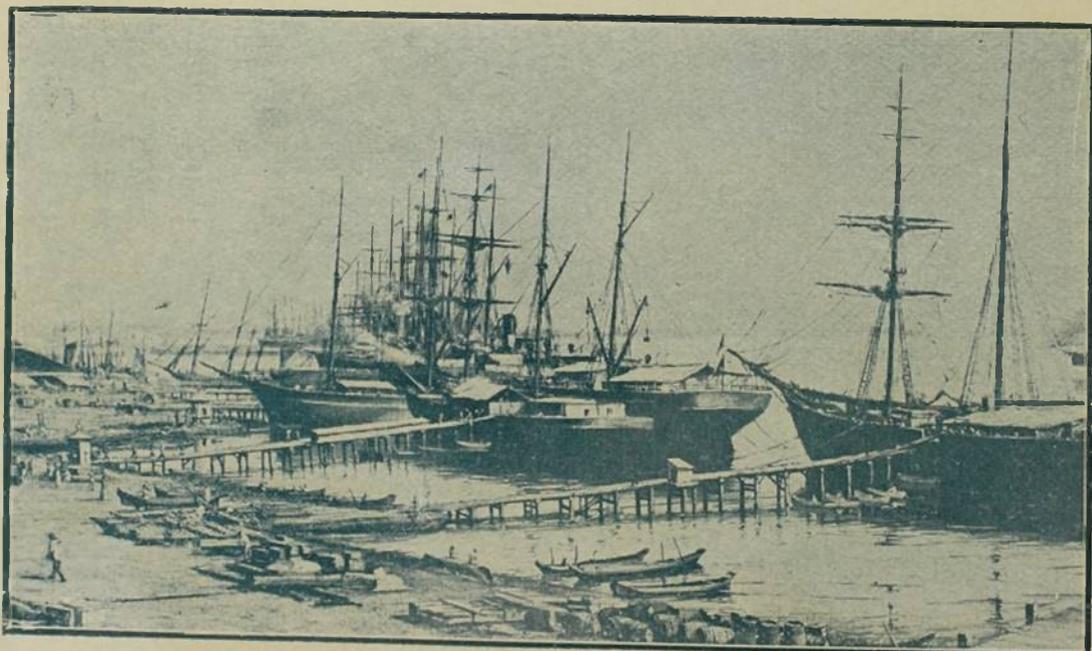
Pateo interno.

SANTOS ANTIGO



A praia do Consulado em 1889.

(Quadro de B. Calixto)



Porto do Consulado em 1888.

(Quadro de B. Calixto)

rem bons para comer e de facil caçada, pois podiam ser mortos no vôo ou sobre as arvores a varadas e a cacetadas, e até á mão em seus ninhos.

A maior parte delles poem ovos sobre hervas ou mesmo na terra e não se retiram desses logares embora sejam empurrados a ponta-pés, sem duvida com receio de se esmagar os ovos.

Parece incrível a quantidade de passaros ali existente e eu mesmo não acreditaria si não visse.

Entre as arvores mais notaveis da ilha ha uma muito bonita e agradável, que tem as folhas verdes e muito parecidas com as do loureiro; si por acaso tocades essas folhas com as mãos, e depois coçades os olhos, sentireis logo tão forte dôr por tres ou quatro horas a ponto de perderdes a vista. Junto a esta arvore se encontra ordinariamente outra qualidade ali posta por antidoto por bondade divina, tendo as folhas a propriedade de tirar a dôr, e restituir a vista apenas esfregades com ellas os olhos, e como vi acontecer num individuo de nossa companhia.

Habita a ilha um portuguez em companhia de 17 a 18 indios homens, mulheres e creanças todos escravos e para aqui desterrados pelos moradores de Pernambuco.

Baptisados a maior parte delles, casamos dois, depois de havermos plantado a cruz no meio de uma capella, que preparamos para a celebração da santa missa.

Estes pobres indios bem como o portuguez, receberam dos senhores de Rasily e de Ravardierre tantas finezas que, sabendo de nosso projecto de ir plantar no Maranhão a fé e a crença do verdadeiro Deus, para o que levavamos quatro padres capuchinhos, pediram-nos com instancia para tiral-os desse logar e leval-os conosco. De muito boa vontade foi satisfeito o seu pedido com alegria delles, e consolação de todos os seus parentes e amigos residentes no Maranhão.

Depois de demorarmo-nos 15 dias na ilha de Fernando de Noronha partimos no Domingo, 8 de Julho, ás 6 horas da tarde, trazendo conosco os ditos indios e o portuguez."

Como vemos da narrativa acima, essa terra era digna de um melhor senhor, e ficára, com a retirada dessas 19 pessoas que lá viviam, completamente abandonada. Não admira pois que tivesse ella sido occupada com a maior facilidade em 1629 pelo almirante hollandez Carmeliszoon, commandante dos navios "Otter" e "Hawick", que della só foi expulso pelo capitão Calaza em Janeiro de 1630, por ordem de Mathias de Albuquerque.

Em 1635 porém foi ella novamente occupada pelo mesmo almirante, que nella fez desembarcar tropas de Hollanda. Esta segunda occupação durou até 1654, anno em que foi ella entregue

ao mestre de campo Francisco Figueirôa, como consequencia da Capitulação assignada pelos hollandezes em Recife, a 26 de Janeiro desse anno

Esses factos, accrescidos ainda de duas cartas regias, de 7 de Set. de 1696 e de 24 de Set. de 1700, ambas providenciando no sentido de ser esse archipelago povoado e fortificado, não foram sufficientes para o conseguir. Permaneceu elle assim abandonado até que em 1736 foi occupado pela Companhia Franceza das Indias Orientaes, que mudou-lhe o nome para Isle Delphine.

Só então o governo de Lisboa providenciou com energia no sentido de expulsar delle os francezes e em seguida povoal-o e fortifical-o.

Sua reconquista foi realisada pelo tenente coronel J. Lobo de Lacerda, a quem o capitão Lesquelin, commandante dos francezes que o occupavam, o entregou sem resistencia alguma em Oct. de 1737.

Póde dizer-se que data dahi a verdadeira occupação desse archipelago pelo governo de Lisboa, com a construcção dos fortes dos Remedios, Santo Antonio e Conceição, e com o inicio do povoamento e da cultura de seu solo.

Um novo projecto de conquista por parte dos francezes, abortou antes mesmo de ter inicio de execução, em virtude de medidas tomadas pelo governo de Lisboa. O archipelago passou de facto a fazer parte da capitania de Pernambuco, da qual em theoria já fazia parte desde 1696, como vimos acima; sua administração passou a ser feita por commandantes militares, sob a directa jurisdicção dos governadores dessa capitania.

Em 1817 o governo revolucionario de Pernambuco mandou o capitão Falcão de Lacerda ao archipelago com o fim de desmantelar as fortificações e trazer comsigo todo o pessoal que lá estivesse. Elle assim o fez, mas ao regressar com o pessoal, os navios em que vinham foram obrigados a arribar á bahia da Trahição, na costa da Parahyba, que se achava já em poder dos realistas em cujas mãos cahiram, perdendo-se assim todo o archivo do archipelago.

Proclamada a nossa independencia, continuou o mesmo systema administrativo, porém sob a jurisdicção do ministro da guerra.

Fernando de Noronha foi o ultimo territorio brasileiro a ter noticia da nossa emancipação, pois cerca de um anno depois de proclamada nossa independencia ainda se içava a bandeira portugueza em seus fortes.

Em 1877 houve uma modificação no regimen administrativo do archipelago, que passou a ser administrado por directores sob

a jurisdição directa do ministro da justiça, até 14 de Fev. de 1891, data em que, por imposição do ministro da justiça de então, sr. barão de Lucena, (Proclamada a republica, convidado para ministro da justiça, o barão de Lucena, declarou o benemerito pernambucano ao chefe do governo que acceitaria, com uma condição: voltar Fernando de Noronha ao dominio de Pernambuco — Archipelago de F. de Noronha, Mario Melo, 1916, Recife.) o governo da republica baixou um decreto em cujo artigo primeiro se escreveu: "O territorio do archipelago de Fernando de Noronha continua a pertencer ao estado de Pernambuco."

Foi assim o archipelago transformado em presidio estadual de Pernambuco, e é administrado por directores nomeados pelo governo desse Estado.

Durante todas essas phases de sua vida historica, Fernando de Noronha tem sido sempre presidio: presidio para os moradores de Recife que para lá desterravam criminosos, mesmo antes de pertencer o archipelago á capitania de Pernambuco; presidio geral a partir de 1737, e creio que até mesmo para os criminosos do reino de Angola a partir de 1755, até á proclamação de nossa independencia; (Pelo menos é o que se deve inferir do facto de terem os cofres desse reino concorrido com 4 contos annuaes para as despezas do presidio, desde 1755 até á proclamação de nossa independencia.) presidio militar e degredo para moedeiros falsos até 1877, presidio para criminosos de crimes communs e degredo para moedeiros falsos, contrabandistas, e até mesmo para capoeiras, até 1891, ainda hoje é presidio para os criminosos do estado de Pernambuco.

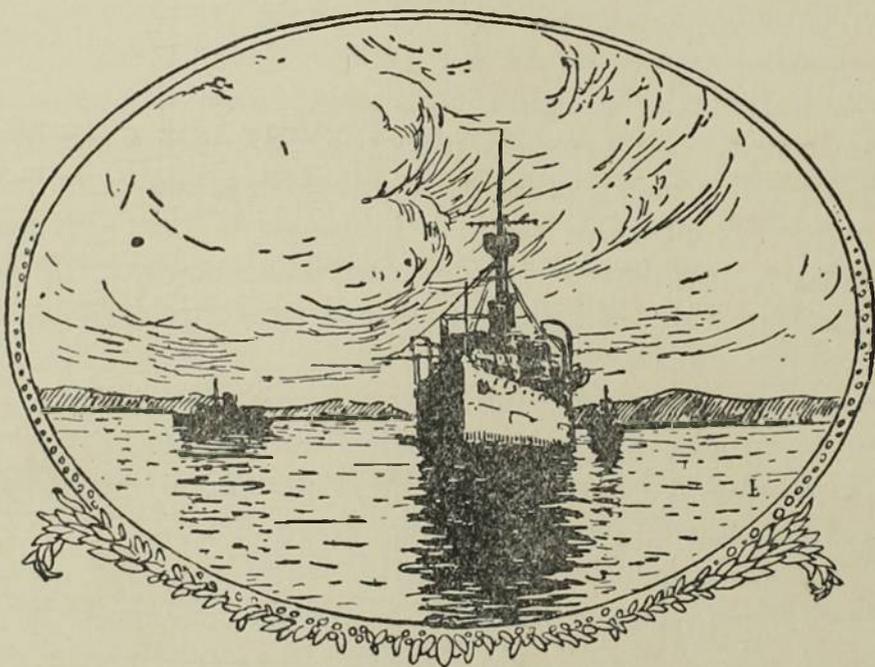
Julgo não dever omittir nesta noticia historica, que o felizardo Americo Vespuccio, a quem o destino cumprimentou com o chapéu de Colombo, passou pelo archipelago de Fernando de Noronha em 1503, em sua terceira viagem ao Brasil.

Isso se deve concluir da narrativa feita por elle ao Gonfaloneiro de Veneza, datada de Lisboa, a 4 de Set. de 1504.

Escreveu elle: "E partindo daqui (altura de Serra Leôa) pelo S. O., quando teriamos andado bem trezentas leguas pela immensidade deste mar, estando já além da linha equinoxial para o S 3.º, descobriu-se uma terra de que então podiamos estar 22 leguas, o que nos serviu de maravilha, achando que era uma ilha no meio do mar, extremamente alta e notavel por não ter mais de duas leguas, e uma de largo e nunca foi habitada por gente alguma. O capitão-mór me mandou com minha náu áquella ilha, em procura de algum surgidouro onde pudessem ancorar todos os navios. E achei nella um bello porto onde seguramente podiam ancorar todas as náus. Esta ilha é deshabitada, tem aguas doces

e correntes, infinitas arvores e innumeraveis aves maritimas e terrestres tão simples que se deixam apanhar á mão, e assim caçamos tantas que carregamos um batel dellas. Não vimos outros animaes sinão ratos muito grandes, lagartas com duas caudas e algumas serpentes”.

E assim, com essas duas descripções, de Abbeville e de Vespuccio, poderemos fazer uma ideia approximada do que foram essas ilhas e do proveito que ellas tiraram de dezeseite quartos de seculo de civilisação em nossas mãos





CALCUTTA

POR

ED. NAVARRO DE ANDRADE

(Do livro no prelo: "*A' volta do mundo*").

Creio que me cabe o dever de explicar aqui a razão por que digo e escrevo Calcutta e não Calcuttá, como o faz a grande maioria de meus patricios. A capital de Bengala, antiga capital da India, tirou o seu nome de Kalighat, localidade situada á margem do Tolly Nullah, mais ou menos nas proximidades do actual jardim zoologico da cidade. Em Kalighat existe um templo em honra de Kali, mulher de Shiva. Diz a lenda que, quando o seu corpo foi cortado em bocados por ordem dos deuses, um dos seus dedos cahiu no lugar em que se levantou depois o templo, ainda hoje visitado por milhares de peregrinos de todas as partes da India, e onde se realizam grandes festas no mez de outubro. Quem pronunciar este nome, á ingleza, verá que, pela simples substituição do g por c, se obtem a exacta pronuncia da majestosa cidade indiana. Não sei como justificarão a irritante mania de dizer Calcuttá, a não ser que, ainda uma vez, se desculpem com a pronuncia franceza, que estropia atrozmente tudo e cuja imitação nos torna ainda mais macacos do que somos.

A Calcutta caberia, de pleno direito e justiça, o titulo de cidade de marmore e granito, impropriamente dado a Lisboa. Calcutta é a cidade grandiosa, de monumentos e palacios, pôdre de rica. A sua população, de mais de milhão e meio, tem representantes de todos os credos existentes e por existir, inventados e por inventar. O seu commercio é importantissimo, o

seu porto figura entre os de maior movimento do mundo, e as suas 250 fabricas empregam diariamente mais de 300.000 operarios. Para se calcular a importancia deste colosso será bastante dizer-se que o valor da exportação annual pelo seu porto era, antes da guerra, superior á do Brasil inteiro !

A cidade é enorme e a sua parte central é verdadeiramente grandiosa. No centro, no coração de Calcutta, está a formosa Esplanada, ou Maidan, immensa praça trapezoidal, de cerca de duas milhas de comprimento por $\frac{3}{4}$ de milha na parte mais estreita e uma milha e um quarto na mais larga. Isto representa uma área superior a 500 hectares, o que é quasi fantastico no coração de uma cidade como Calcutta em que o terreno se vende a peso de ouro. Que seria Calcutta, com o seu clima infernal, sem este formidavel respiradouro, sem este gigantesco pulmão ? ! Em Maidan ha de tudo: jardins, prado de corridas, monumentos e... grandes pastagens em que pastam diariamente mais de trezentas cabeças de gado e, coisa singular, sem que isto em nada prejudique a esthetica da cidade.

Os edificios publicos são verdadeiros palacios, destacando-se pela sua belleza a Secretaria de Agricultura, a um dos lados de Dalhousie Square, praça em cujo centro ha um lindissimo lago de margens ajardinadas e onde tambem se erguem os grandiosos edificios dos Correios e Telegraphos; o Supremo Tribunal, inspirado no paço municipal de Ypres; o Palacio do Governo, o Museu Imperial, o Museu Economico, o edificio de Army and Navy, a Faculdade de Medicina Tropical e dezenas mais de construcções monumentaes, de impecavel architectura.

Infelizmente, toda esta sumptuosidade é estragada pelo mais nefando dos climas, pelo calor mais insupportavel que se possa imaginar. Estive em Calcutta dois mezes, dois longuissimos mezes, com pequenas soluções de continuidade, e não me lembro de ter alli passado um unico dia em que me fosse possivel achar toleravel, sequer, a temperatura. Devo confessar que estive alli exactamente na peor epocha do anno e que todo o mundo me asseverava ser realmente deliciosa a sua temperatura nos mezes de dezembro a janeiro. Seja como fôr, uma conclusão positivissima eu tirei de tudo isto: A mim nunca mais, por dinheiro nenhum, me tornam a apanhar nas margens do Ganges.

Em Calcutta, hospedei-me no "Great Eastern Hotel", que passa por ser o melhor da terra, posição que muitos attribuem ao "Gran Hotel". O que é verdade é que nenhum dos dois é de primeira ordem e que, se num a comida é má, no outro os quar-

tos são pessosimos. Não deixa de impressionar mal a quem viaja pelo Oriente e se habituou a hoteis magnificos, luxuosos mesmo, a sua falta em Calcutta e mesmo em quasi toda a India Ingleza.

O meu maior tormento nestas paragens foi sempre a questão da comida, perfeitamente intragavel com a serie infinita de condimentos que lhe deitam. A mim soube-me tudo sempre a côco, canella e noz moscada, com accentuada predominancia desta ultima droga. Devo, porêm, confessar que em poucos lugares tenho comido carne tão boa, tenra e macia como na India, apesar de ser aqui a terra do zebú.

Calcutta, á noite, é uma das cidades mais aborrecidas e enfadonhas do mundo. Não ha theatros que prestem e creio que não é sómente por causa de ser má a epocha do anno; custame a crêr que artistas de valor se venham metter neste verdadeiro inferno. Ha meia duzia de casas de cinematographo, em que nunca puz os pés, não só porque é genero de divertimento que deixei de apreciar desde que foi invadido pelas mais asnaticas historias romanticas que a falta de engenho tem criado, mas tambem porque para me arriscar a morrer assado não me parecia necessario sahir das ruas.

Janta-se muito tarde em todo o Oriente e depois desta refeição o unico passatempo é a ingestão de trinta mil drogas alcoolizadasissimas. Eu adopto e adoptei toda a minha vida um systema exactamente opposto ao dos inglezes e americanos: só bebo ás refeições. Elles, não, passam as tardes e as noites a beber como verdadeiros odres e, ás comidas, ingerem aguas mineraes.

Nestes climas eu não bebo absolutamente nada que tenha alcool e não vejo razão senão para me felicitar de ter sempre assim procedido.

Um dos meus primeiros cuidados ao chegar a Calcutta foi descobrir um criado para me servir como tal e de interprete nas minhas excursões por Bengala a dentro. O inglez aqui serve os estrangeiros, mas para os naturaes do paiz é indispensavel o conhecimento das suas linguas e dialectos. Como, porêm, por dois mezes não me valia a pena estar a quebrar mais uma vez a cabeça, tratei de arranjar um criado falando o inglez, systema aqui adoptado por todos os forasteiros e que me foi aconselhado. Serviu-me, primeiramente, um mahometano de uma figa, Kallós de nome, que me vi forçado a despedir pelas suas multiplas exigencias religiosas. Substitui-o vantajosamente por um sympathico hindu, que dava pelo suave nome de Kaliparchad, que depois me acompanhou a Burma.

O tal Kallós, devido á sua religião, recusava-se a carregar qualquer embrulho, por menor que fôsse, o que me obrigava a estar sempre á procura de carregadores, apesar de acompanhado de meu criado. A sua propria trouxinha de roupa não a carregava elle nas viagens que juntos fizemos. Vinguei-me obrigando-o a transportar sempre, mal sahiamos de qualquer povoado, a minha machina photographica. Despedi-o por occasião de um pic-nic que a colonia brasileira fez no Jardim Botanico de Calcutta, em que se recusou a pôr á mesa a travessa com um leitão á nossa moda.

O outro criado, o hindu, era uma verdadeira preciosidade. Vivia sorridente e satisfeito e sempre desejoso de me prestar um serviço. Quando eu nada tinha que lhe dar a fazer, descansava engraxando-me as botinas, coisa que fazia dezenas de vezes por dia. Confesso que nunca na minha vida as trouxe tão lustrosas. Era esperto como um rato, mas feio como um macaco. Quiz trazel-o commigo, mas as autoridades inglezas não m'o permittiram.

O meu primeiro criado, o mahometano, seguindo os preceitos da sua religião, era incapaz de tocar em comida feita por outra pessoa que não fôsse da sua seita. Muitas vezes, nas nossas excursões pelo interior de Bengala, para visitar culturas de juta, chegámos ás horas de refeições longe de qualquer povoado. Andavamos muitos kilometros, geralmente, antes de encontrar qualquer casa onde nos fôsse possivel arranjar uns ovos fritos, ou quentes, meio simples de evitar a immundicie natural daquella gente. Pois o sr. meu criado, apesar de saber que tão cedo não encontraríamos outro recurso, recusava-se terminantemente a comer, coisa que, devido a essa sua teimosia, só lhe foi possivel, muitas vezes, fazer ás nove ou dez da noite, depois de um dia inteiro de marcha, sob um sol de fritar linguças.

O odio que os mahometanos votam aos hindus chega a passar os limites do toleravel. Creio bem que, neste ponto, os outros nada lhes ficam a dever. Estou plenamente convencido de que, no dia em que desaparecesse da India a autoridade britannica, comiam-se uns aos outros com uma voracidade e rapidez verdadeiramente assombrosa.

De todas as seitas da India a mais sympathica é, sem duvida, a dos Parsis, que formam uma grande parte da população de Surat e Bombaim. São geralmente cultos, muito finos e procuram por todos os meios adaptar-se aos usos e costumes europeus. Soffreram atrozmente pela perseguição dos mahometanos, o povo mais intolerante e intoleravel do mundo, de

que só se viram livres com a occupação ingleza. Adoram o fogo sagrado e, em vez de enterrar ou queimar os seus mortos, expõem-n'os nas celebres Torres do Silencio para serem devorados pelos abutres.

O lado antipathico do Hinduismo está na sua divisão em castas, preconceito insistentemente defendido pelos seus padres como meio de lhes assegurar a sua especial supremacia. Os hindus acreditam na metempsychose e dizem haver nada menos de 8.400.000 differentes especies de animaes para as quaes podem as suas almas transmigrar. Para elles o mais sagrado de todos os animaes é a vacca, a que é tudo permittido na India. Para taes bichos, a entrada é franca em todos os templos e uma das coisas que mais chocam o estrangeiro que nelles penetra é a quantidade de vaccas que alli se encontram, a ponto de transformal-os, como tive ensejo de vêr em Benares, em verdadeiras vaccarias. Estas cidadãs passeiam pelas ruas das principaes cidades com uma liberdade que em muitas terras não é permittida á gente branca. Muitissimas vezes, vi os automoveis em que viajava, ou passeava, mudarem de rumo sómente para não perturbar o repouso de vaccas esparramadas no meio das ruas. Andam pelos passeios e calçadas, muito satisfeitas da vida, e não poucas vezes deitam a lingua a hortaliças e outro comestiveis expostos á porta de varios armazens. Creio até que os seus proprietarios devem ficar impando de satisfação deante de tão distincta preferencia.

O hindu supporta descomposturas, máus tratos e até pancada sem se alterar, mas é capaz de lynchar quem se atreva a tocar com a ponta de uma vara numa vacca. É o caso de dizer que, na India, não se bate numa vacca nem mesmo com uma flôr.

O hindu não mata animal nenhum, se exceptuarmos os cabritos que degollam aos milhares, em outubro, no tempo de Kalighat. Fui assistir a este sacrificio e vim de lá horrorisado com tanto sangue e tanta porcaria. A festa realiza-se a 14 de outubro e é conhecida pelo "Sacrificio dos cabritos", mas eu verifiquei que, como taes, passaram muitos bodes sacudidos e cabras velhas. A operação é simplissima: prendem entre duas barras de madeira, parallelas, a cabeça do paciente, um hindu segura-lhe as pernas, estica-as, emquanto o carrasco, de um certo golpe de foice, lhe corta o pescoço. Logo que se dá a decapitação, os assistentes, hindus, embebem os dedos no sangue e com elles fazem signaes cabalisticos na testa. Os outros caprinos que estão á espera da vez parece que desconfiam do negocio, porque abrem um berreiro ensurdecador e que

ainda mais desagradavel torna a scena. Lembrei-me da Russia bolsheviki.

Além dos hindus, tambem os jains não matam animal nenhum e isso dá em resultado haver uma bicharada desenfreada na India ardentissima, a começar pelos mosquitos. A proposito, contaram-me uma historia que eu levei á conta de "blague", mas em que passei a acreditar piamente, depois que conheci a força deste povo. Os percevejos são animaes que se encontram com extraordinaria frequencia em toda a India e os hindus ricos, embora não os queiram matar, não deixam de ser por elles perseguidos, chupados e atormentados. Para melhor conciliarem os preceitos religiosos com as commodidades do corpo, alugam a um tanto por dia uns desgraçados que, durante algumas horas, vão dormir nas suas camas, de modo a alimentar convenientemente os galantes insectos e fazer que deixem, assim, de incomodar os seus donos. Mostrei ao narrador que mais simples seria limpar as camas, tirando-lhes os percevejos, ao que o homem me retrucou, muito sériamente, que isso equivaleria a matal-os, privando-os dos meios de subsistencia.

Por estas e outras é que a vida se torna intoleravel neste paiz a qualquer cidadão civilizado. No pouco tempo em que por alli andei garanto que dei cabo de milhares de bichos e que fiz todos os esforços para contribuir, na medida do possivel, para a diminuição da fauna gangetica. Bicho que me passasse ao alcance, tinha a liquidação garantida.

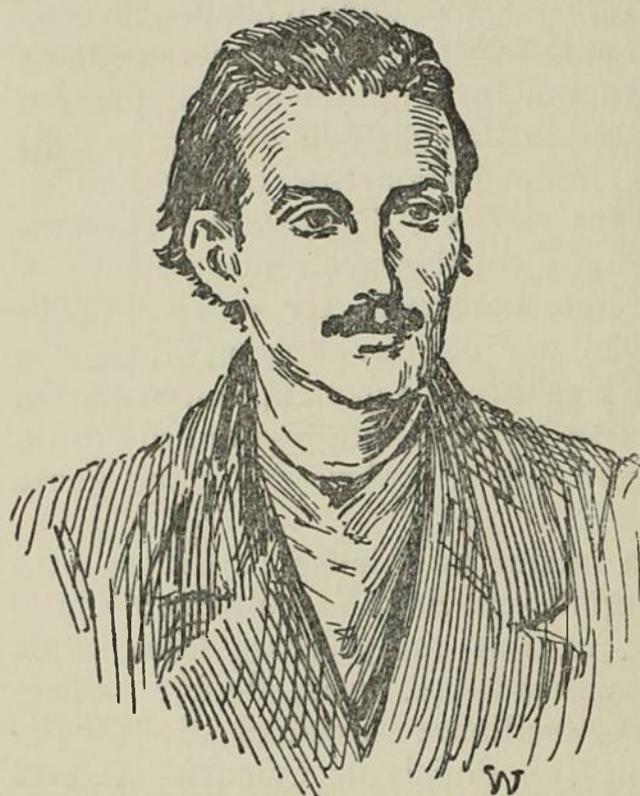
Eu desconfio que a bicharada sabe dos preceitos religiosos deste pessoal, porque é de um atrevimento, de uma ousadia só mesmo acreditaveis onde a religião lhe garanta aquillo que em muitos paizes tirou a milhares de seres humanos. Do que não ha duvida é da mansidão de animaes que estamos habituados a vêr ferozes, fugidios ou desconfiados. E parece que entre elles não ha esse negocio de castas, porque se dão admiravelmente. Em Mymensingh, tive ensejo de vêr banquetear-se fraternalmente num cabrito morto tres abutres, cinco corvos, um Perú e um cão !

Em Calcutta, um dos espectaculos mais curiosos, ao cahir da tarde, é a chegada ás arvores de Maidan de milhares de gralhas e pacós, com uma chiada medonha e pondo em risco, com as suas dejecções, a alvura das roupas que ostentam cá por baixo damas e cavalheiros, entretidos nos seus passeios de automovel. As gralhas eram credoras da minha profunda antipathia desde que não me deram repouso em Ceylão. Os pacós, a que os inglezes chamam "flyng-foxes", os hindus, "bádus" e os javanezes, "kalongs", apesar da sua fealdade, não me são

desagradáveis. Vi-os, ha annos, pela primeira vez, em Java e, depois, em Sumatra e Ceylão. Pude observal-os melhor, porém, em Bengala, onde são extremamente mansos e se deixam approximar sem receio. São morcegos gigantescos, que chegam a ter metro e meio de envergadura de azas, essencialmente frugivoros e que vivem nas florestas, passando o dia pendurados a grandes arvores, de cabeça para baixo. A primeira vez que os vi, sobre uma enorme paineira, em Java, deram-me a impressão de grandes frutos. O meu amigo Cramer deu um tiro em direcção da copa da arvore e, immediatamente, começaram os pacós a desprender-se dos seus ramos e deixando-a completamente despida. Fazem estragos consideráveis nos pomares e em todas as arvores fructiferas, parecendo ter especial predilecção pelas mangueiras, razão por que os indigenas lhes dão caça. Dizem que a sua carne é saborosa e que em muitas partes do Oriente é apreciada. Diz-se tambem que gostam muito do succo de certas palmeiras, com que se embriagam como gente grande.

Tendo disposto tudo para iniciar as minhas excursões pelo interior da provincia de Bengala, em visita ás culturas de juta, fui á Agencia Cook munir-me dos competentes bilhetes de estrada de ferro e vapor. Avisaram-me, então, de que as passagens só me seriam entregues mediante a exhibição do "Registration certificate and permit" da Policia de Calcutta. A esta me dirigi e, depois de uma espera de muitas horas, foi-me concedida a necessaria licença para viajar até Dacca. Fiz vêr ao funcionario indiano que a minha excursão, além daquela cidade, comprehendia Mymensingh e Serajgang, ao que me respondeu que sómente podia dar-me autorização até o primeiro ponto de parada, devendo eu alli procurar novamente a policia para a obtenção da licença necessaria para proseguir a minha viagem até o segundo ponto e assim successivamente. Fiz-lhe vêr que toda a minha excursão duraria, no maximo, de dez a doze dias, mas que, com todas essas exigencias, eu seria forçado a prolongal-a excessivamente, pelo tempo que me fariam perder em todos os logares a visitar, a calcular pelo que se déra em Calcutta. A nada o bruto se moveu.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



CASIMIRO DE ABREU

Patrono da cadeira n.º 6. Nasceu em Barra de São João, Estado do Rio de Janeiro, a 4 de Janeiro de 1837 e falleceu no mesmo município, na fazenda de Indayassú, a 18 de Outubro de 1860, sendo sepultado no cemiterio da Barra de São João, onde se ergue o seu modesto tumulo.

Bibliographia

CANÇÕES DO EXILIO — Lisbôa, 1854 — in-8.º (Segundo Sacramento Blake).

2 CAMÕES E O JÁO — scena dramatica, representada no Theatro D. Fernando em 18 de Janeiro de 1856, Lisbôa, Typ. Panorama, 23 pags., in-4.º port. — 1856.

3 AS PRIMAVERAS — poesias, 260 pgs. (1.ª edição) — Rio, Typ. de Paula Brito — 1859.

4 OBRAS COMPLETAS de C. de A, com introdução: Primaveras (Canções do exilio, Brasilianas, Canticos de amor, Poesias diversas, Livro negro) — Scena dramatica (Camões e o Jáo) — Obras em prosa (A virgem loura e Camillo, memorias de uma viagem) — 376 pgs. — 17.ª edição, Rio, H. Garnier.

A 2.ª edição das "Primaveras" é de 1866 (Porto, Typ. do Jornal do Porto); a 3.ª é de 1867 (Lisbôa, Typ. do Pancrama). E' o livro de versos que talvez conte maior numero de edições.

Casimiro de Abreu collaborou na *Illustração Luso-Brasileira* (1856) na *Revista Popular* e no *Almanack de Lembranças* de A. Magno de Castilho. Encontra-se a reproducção do seu retrato na *Revista Popular* tomo XVI (gravado em aço por F. Delannoy, por iniciativa do sr. B. L. Garnier que o cedeu para a edição do Porto e naturalmente o aproveitou em alguma das numerosas edições que fez), na edição de Lisbôa (lithographia), na *Lyra Popular*, na *Littérature Brésilienne* de V. Orban e em varias publicações.

Fontes para o estudo critico

- 1 Justiniano José da Rocha — Juizo critico nas Obras completas (reproducção do artigo publicado no *Brasil*, de 14 de Outubro de 1859).
- 2 Fernandes Pinheiro — Idem, idem (reproducção da Revista Popular, tomo IV, pag. 91).
- 3 Pedro Luiz — Idem, idem (10-2-1870) reproduzido na integra na edição da Livraria Chardron.
- 4 J. M. Velho da Silva — Idem, idem (da Revista Popular — tomo VIII, pag. 222).
- 5 Ernesto Cibrão — Idem, idem.
- 6 Reynaldo Carlos Montóro — Idem, idem (da Revista Popular, tomo XVI, pagina 351 — 1862).
- 7 Maciel do Amaral — Idem, idem (26-10-1864).
- 8 Ramalho Ortigão — Idem, idem (da edição do Porto).
- 9 Pinheiro Chagas — Idem, idem (da edição de Lisbôa)
- 10 J. Norberto de Souza — Noticia sobre o autor e suas obras (na edição Garnier).
- 11 Teixeira de Mello — Gazeta Litteraria I-124, Rio, 1884.
- 12 Sylvio Romero — Historia da Litteratura Brasileira, II pag. 314.
" " Livro do Centenario, I pag. 55.
- 13 J. Manoel de Macedo — Anno biographico, I pag. 13.
- 14 José Verissimo — Estudos da Litteratura brasileira, II pag. 47.
" " Historia da Litteratura Brasileira, pag. 307.
- 15 Julio Barbuda — Litteratura brasileira, pag. 330.
- 16 C. Castello Branco — Cancioneiro alegre II, pag. 145.
- 17 Sacramento Black — Diccionario bibliographico.
- 18 Victor Orban — Littérature brésilienne, pag. 73.
- 19 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 469.
- 20 Goulart de Andrade — Conferencia proferida na S. de Cultura Artistica de S. Paulo.
- 21 Ronald de Carvalho — Pequena Historia da litteratura brasileira, pagina 232.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico.

A morte prematura, aos 23 annos e meio de idade, impediu que attingisse o espirito do poeta á perfeição.

Como Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Dutra e Mello, Macedo Junior e outros poetas brasileiros, cedo arrebatados do mundo, não poude Casimiro de Abreu legar á litteratura brasileira a obra compativel com o seu talento e a decidida vocação poetica que revelou.

Alem da precocidade da inspiração, pôde-se dizer espontanea, apresentou outro caso de analogia com Millevoeye, foi um poeta contrariado.

Era filho de José Joaquim Marques de Abreu, negociante portuguez, e de D. Luiza Joaquina das Neves, de nacionalidade brasileira.

Nasceu Casimiro José Marques de Abreu na villa da Barra de São João, em uma choupana abrigada por uma velha e frondosa figueira, á margem do pequeno rio que desce de um contraforte da Serra dos Orgãos e desagua no oceano Atlantico.

Iniciou a sua educação primaria em Cabo Frio, dos 6 aos 9 annos. Com esta idade seu pae o conduziu para Nova Friburgo onde foi confiado ao professor inglez João Henrique Freese que mantinha um internato nessa pittoresca cidade. O velho educador recebeu especial recommendação de preparar o menino para a carreira commercial.

Aos 15 annos, a despeito da precaução paterna, escreveu os primeiros versos, inspirados na saudade que lhe amargurára o coração, ao pensar nos folguedos da irmãsita, quando o crepusculo traz á natureza a melancolia nostalgica.

Perpetrou o primeiro crime no Collegio, escrevendo "Ave Maria".

"Era um conto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu déra em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!" diz elle no prologo das "Primaveras", dirigindo-se a Francisco Octaviano.

Em "A virgem loura", paginas do coração, descreve as primicias do seu amor vehemente pela terna e mysteriosa Poesia.

Tambem na adolescencia amou gentil menina, a quem dedicou versos.

Contrariado por taes manifestações do espirito romantico, o seu pae arrebatou-o do collegio, apesar dos rogos e protestos do estudante e contra a vontade dos professores que lhe dispensavam amizade e confiavam no seu futuro. Levou-o para o Rio onde o deixou trabalhar no escriptorio de sua casa commercial.

"Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de Setembro.

Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira de um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, vida prosaica que absorve todas as faculdades num unico pensamento, — o dinheiro —, e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia."

Começou o supplicio do poeta desventurado e veio-lhe a tristeza a empanar os lampejos d'alma. Era continuamente vigiado, sentia-se privado do convivio dos livros, mas conseguia illudir a vigilancia, escrevendo pelas horas caladas da noite e lendo obras poeticas e de critica litteraria.

A primeira vocação manifestou-se para o desenho, attestado do seu poder imaginativo, o que despertou os afagos maternos, sempre dispensado ás sobejas provas do talento do infante.

Presentida a desobediencia, o honrado negociante, com a força da autoridade paterna, arrebatou-o do sonho, contrariou-lhe a vocação e decidiu que fosse o rapaz proseguir na carreira commercial, longe da patria e da familia, em Portugal.

A 13 de Novembro de 1853 embarcou elle no vapor Olinda e transpoz a barra da bahia do Guanabara, com destino a Lisbôa.

Narra o poeta no prologo de "Camões e o Jáo", a viagem triste e a longa permanencia na capital do reino lusitano, torturado pelas saudades, soffrendo os tormentos da nostalgia.

No fim de dous annos sentiu-se enfermo e, não lhe sendo licito contrariar a vontade paterna, procurou reconstituir a saude avariada nas margens do Minho e do Douro. "Nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia apagava-me a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões", disse elle ainda no prologo das "Primaveras".

Já havia escripto as "Canções do exilio" e em 1856 fez representar no Theatro D. Fernando, pelos actores Braz Martins e Santos, a scena dramatica "Camões e o Jáo".

Chegando ao conhecimento da familia a noticia de sua terrivel molestia, a tuberculose pulmonar, conseguiu a intervenção materna a revogação das ordens severas do pae e elle regressou á patria, chegando ao Rio no dia 11 de Julho de 1857, depois de quasi 4 annos de exilio.

Dirigiu-se immediatamente para a fazenda de Indayassu' onde costumava passar as ferias e teve o desgosto de encontrar morta a virgem que lhe despertára o coração.

Um mez depois, para satisfazer a vontade paterna, voltou á vida commercial onde se deteve ainda, por espaço de dous annos.

As noites, passava-as em casa do dr. Caetano Filgueiras, em companhia dos poetas Macedo Junior, Gonçalves Braga e Machado de Assis, inteiramente esquecido da monotonia do escriptorio onde lidava com o *razão* e o *diario*.

Viu, um a um, morrerem os seus amigos: o joven autor das "Açucenas", o poeta das "Tentativas" e Affonso Messeder.

Só a 13 de Junho de 1858 conseguiu a liberdade almejada, por haver progredido, de um modo assustador, a tuberculose, ceifadora de vidas primaveris.

Reconciliou-se com o pae austero que, antes de exhalar o ultimo suspiro, ouviu os versos do filho, exultou de alegria pelos elogios dispensados ao poeta das "Primaveras" e abençoou-o.

Frequentava, então, a Petalogica de Paula Brito e gozava a companhia de uma pleiade de escriptores.

Sentindo aggravar-se a enfermidade, dirigiu-se com sua extremosa mãe para Friburgo, a 24 de Julho de 1860. No dia 18 de Agosto do mesmo anno, circulou na cidade do Rio de Janeiro a noticia do seu fallecimento.

Quasi todos os jornaes publicaram sentidos necrologios e teceram-lhe elogios merecidos, até que surgiu a contestação assignada por Paula Brito, nove dias depois, no *Jornal do Commercio*.

Recrudescendo a molestia, deixou Friburgo a 3 de Outubro e falleceu na fazenda de Indayassu', cercado de entes caros e tendo o seu volume de versos á cabeceira, no dia 18 do mesmo mez, respondendo a uma exhortação materna com a phrase: — Pois é a morte tão temivel? —

Reynaldo Carlos Montóro descreveu os ultimos momentos do poeta, reproduzindo os dialogos entretidos com sua mãe e narrando o desespero dos circumstantes.

Foi sepultado no cemiterio da Barra de S. João, proximo do tumulo do romancista Manuel Antonio de Almeida.

Pertenceu Casimiro de Abreu á denominada geração romantica, com o titulo de "poeta do amor e da saudade", assim como Alvares de Azevedo foi cognominado o "poeta da duvida".

A sua obra capital é o volume das "Primaveras", dividido em quatro partes: "Canção do exilio", "Cantos de amor", "Poesias diversas" e "Livro negro" ou "Poesias elegiacas".

Nas edições posthumas foram reunidos ao livro editado por Paula Brito a scena dramatica já mencionada e os trabalhos em prosa: "A virgem loura" e "Camilla, memorias de uma viagem" (fragmento).

Sente-se a espontaneidade de inspiração do poeta; as suas producções reflectem candura de sentimento, emoção sincera e simplicidade nos processos. Decorre a tristeza nos seus versos não só do character essencial dos lyricos brasileiros, a partir de Gonzaga, como do seu temperamento e de sua existencia impregnada de contrariedades.

Evoca patria e familia no exilio, recorda-se da infancia despreoccupada e da primeira mulher que amou, em quasi todo o livro, principalmente nas "Canções do exilio", "Saudades", "Meu lar", "Minha mãe", "Rosa Murcha", "Jurity" e "Meus oito annos".

E' um engano admittir que tivesse o poeta um alaúde onde só cantava threnos e elegias. A musa tambem lhe proporcionou inspiração para os cantos alegres, emprestando-lhe feição humoristica e incutindo-lhe a volupia caracteristica do amor objectivo. Basta mencionar "Juramento" e "Amor e medo" para comprovar tal asserção.

Goulart de Andrade dedicou-lhe um estudo carinhoso, de extrema sympathia, em que salientou modalidades distinctas, subordinadas a sentimentos oppostos, no estro do autor das "Primaveras". E Olavo Bilac

demonstrou não ser a tristeza peculiar aos poetas brasileiros, nem delles a nota exclusiva.

Organisação poetica ingenita, soffreu uma serie de revezes, desde a adolescencia: teve os estudos interrompidos, contrariada a vocação, sopitado o primeiro amor, imposta uma carreira contraria á sua indole e, para cumulo dos castigos que inconscientemente o pae lhe infligiu, teve o exilio prolongado, distante da terra natal que elle soube amar.

Era, portanto, fatal a expansão de sentimentos nostalgicos e de farta dóse de melancolia nos seus trabalhos intellectuaes.

A sua obra, repassada de lyrismo suave e simples, foi a que maior numero de edições logrou no Brasil, exceptuada a "Marilia de Dirceu".

Tinha o poeta affinidade com Lamartine, o seu mestre favorito, a par de Gonçalves Dias e Thomaz Gonzaga. Era tambem admirador de Chateaubriand e lia com indizível carinho os poetas portuguezes.

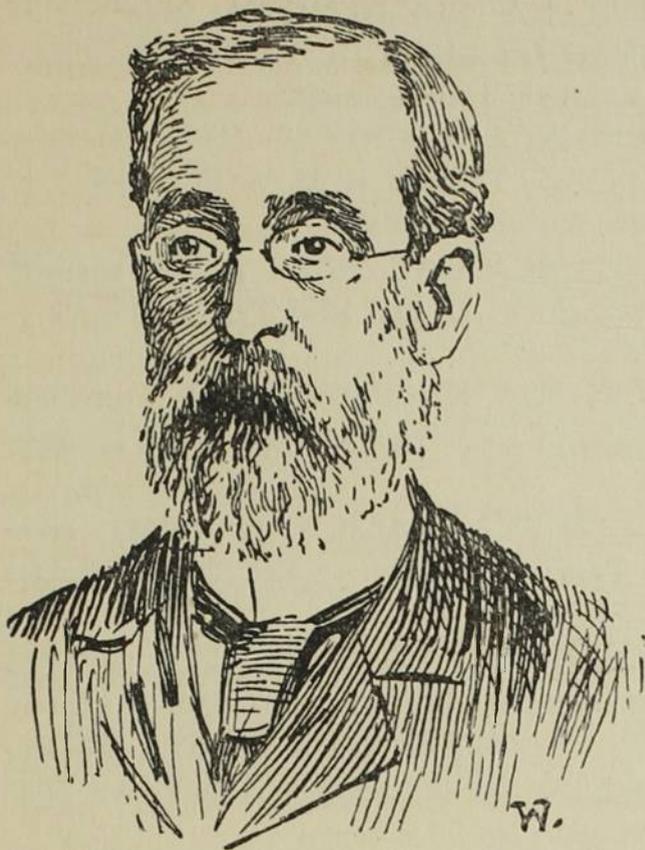
Distinguiram-se como seus companheiros e amigos Machado de Assis, Macedo Junior, Affonso Messeder, Faustino Novaes, Paula Brito, Teixeira de Mello, Gonçalves Braga e alguns outros.

A sua producção não é tão lida pela geração de hoje, como o foi em outros tempos, principalmente pelas moças e por todos os namorados, não só porque evoluiu o character da poesia, como tambem porque os recitativos dos declamadores e as modinhas ao som do violão exerceram a influencia dos realejos sobre as operas e operetas de accentuada popularidade. Mas a sua poesia sentimental e intima ha de perdurar na litteratura brasileira, como attestado do bello talento de Casimiro de Abreu. Apresenta defeitos de fórma e de concepção; notam-se falhas de metrificacão, pobreza de rimas e vulgaridade algumas vezes; mas a despeito dos senões, predominam as qualidades que tornam o bardo querido dos que têm, como elle, a alma simples e sem refulhos.

Como Alvares de Azevedo, teve o presentimento da morte prematura e, cercado de entes caros, viu extinguir-se o ultimo sopro de vida, no torrão natal, a 18 de Outubro de 1860.

Summario para um estudo completo

A infancia — Educação — Vocação contrariada — No commercio — Em Portugal — Regresso ao Brasil — A obra poetica — Nostalgia e tristeza — Outras notas predominantes — Os fragmentos em prosa — A scena dramatica — Seus contemporaneos e a critica — Epilogo de uma existencia infeliz.



**JOSÉ ALEXANDRE
TEIXEIRA DE MELLO**

*Fundador da cadeira n.
6. — Nasceu na cidade de
Campos (Estado do Rio
de Janeiro) a 28 de Ago-
sto de 1833 e falleceu a 10
de Abril de 1907.*

Bibliographia

- 1 SOMBRAS E SONHOS — poesias, X — 213 pgs. — Rio 1858.
- 2 THESE DE DOUTORANDO (Hospícios de expostos) — 85 pgs. (incluindo as proposições) — Rio, Typ. Universal de Laemmert — 1859.
- 3 DISCURSO MAÇONICO — 7 pags. Rio, 1858.
- 4 ESTUDOS DA LINGUA MATERNA — serie de artigos publicados no *Monitor Campista* e na *Lux* de Campos, 1874 (não foram editados em volume).
- 5 MYOSOTIS — poesias — 112 pags. — Rio, 1877.
- 6 EPHEMERIDES NACIONAES — 3 vols.: 436, 330, 110 (indice) — Rio, Typ. da Gazeta de Noticias, 1881 (Foram publicados na *Gazeta de Noticias*).
- 7 LIMITES DO BRASIL COM A CONFEDERAÇÃO ARGENTINA — memoria — acompanhada de um mappa — 278 pags. — Rio, Typ. Nacional, 1883.
- 8 CAMPOS DOS GOYTACAZES EM 1881 — memoria — 183 pgs 1886. Foi escripta para a exposição de historia da Bibliotheca Nacional, em 1881, com o titulo "Descripção historico-topographica do municipio dos Campos de Goytacazes, comarca do mesmo nome, provincia do Rio de Janeiro". Foi mais tarde lida no Instituto Historico e publicada no tomo 49.º, parte 2.ª, pags. 5 a 181 da revista trimensal. A edição do livro constou apenas de 50 exemplares. (Possú a separata da Rev. do Instituto Historico).

9 SUBSIDIOS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL PARA O ESTUDO DA QUESTÃO DE LIMITES DO BRASIL PELO OYAPOCK (1876) — 58 pgs., Rio Typ. Leuzinger 1895.

10 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1895), apresentado ao ministro Dr. Antonio Gonçalves Ferreira — 32 ps. Rio, Typ. Leuzinger, 1897.

11 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1896), apresentado ao ministro dr. Amaro Cavalcanti — 27 pgs. Rio, Typ. Leuzinger — 1897.

12 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1897), apresentado ao ministro dr. Amaro Cavalcanti — 32 pgs. — Rio, Typ. Leuzinger — 1899.

13 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL, (1898) apresentado ao ministro dr. Epitacio Pessoa — 45 pgs. — Rio Typ. Leuzinger — 1900.

14 RELATORIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL (1899), apresentado ao ministro dr. Epitacio Pessoa — 43 pgs. Typ. Leuzinger — 1900

15 TRAÇOS BIOGRAPHICOS DE LITTERATOS E ESTADISTAS CHILENOS, no livro *Chile e Brasil*, de 210 pgs. — Rio, Typ. Editor Dias da Silva Junior — 1889.

16 CLAUDIO MANOEL DA COSTA — (estudo) extrahido dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio*, tomo I, pags. 373, tomo II, pags. 209 a 246, tomo III pags. 310 a 323.

17 LAURINDO J. DA S. RABELLO (estudo) extrahido dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio*, tomo III, pags. 355 a 384.

18 CATALOGO POR ORDEM CHRONOLOGICA DAS BIBLIAS EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL — no tomo 17.º dos respectivos *Annaes*. — 337 pags. Imprensa Nacional — 1893.

19 CARTAS DO PADRE ANTONIO BLAIQUEZ, corrigidas por T. de Mello — Rio, 1886.

20 POESIAS, edição definitiva — 285 pgs., prefacio de Sylvio Romero — Liège Typ. F. Brimbois — 1914.

Collaborou no *Monitor Campista*, na *Alvorada Campista*, n' *O Paiz*, n' *O Cruzeiro* e na *Regeneração*, periodicos de Campos; no *Academico* (1855-56) dos estudantes da Faculdade de Medicina; no *Correio Mercantil* onde foi publicado 1-12-1859) o discurso que pronunciou na cerimonia de collação do gráu na F. de Medicina, em 29-11-1859; na *Lux*; foi redactor dos *Annaes da Academia Philosophica* (1858), da *Gazeta Litteraria* (1883-84); escreveu na *Revista Brasileira* (2.ª phase): A Luiz de Camões (poesia); na *Revista Popular*; na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, onde, além do trabalho mencionado, publicou o "Relatorio dos trabalhos annuaes de 1889 a 1890" e as biographias do dr. Joaquim Caetano da Silva, do Barão de Villa Franca e do Conselheiro J. Bernardino Baptista Pereira de Almeida. Na *Revista do Brasil* (n. 31) encontra-se a

carta que escreveu a Antonio Salles (Alguns autographos). Fez-se a reprodução do seu retrato nas "Poesias completas", na "Littérature brésilienne" de V. Orban e no "Almanack Garnier" de 1909.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Sylvio Romero* — Historia da Litteratura Brasileira, tomo II, pag. 303.
- " " — Livro do Centenario I, pg. 73.
- " " — Quadro synthetico da evolução dos generos.
- " " — Evolução do lyrismo brasileiro.
- " " — Prefacio das "Poesias" de Teixeira de Mello.
- " " e João Ribeiro — Compendio de litteratura brasileira, pg. 224.
- 2 *José Verissimo* — Historia da Litteratura Brasileira, pg. 312.
- 3 *Julio Barbuda* — Litteratura Brasileira, pag. 414.
- 4 *Innocencio da Silva* — Diccionario bibliographico, vol. 4.º, pg. 216.
- 5 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico, vol. 4.º, pg. 271.
- 6 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 467.
- 7 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira de Letras em 1915.
- 8 *Antonio Salles* — Os nossos academicos — Revista Brasileira (3.ª phase) tomo 10.º, pag. 141.
- 9 *Almanack Garnier* de 1919, pag. 384.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Como quasi todos os brasileiros que se dedicam á carreira litteraria, estreiou José Alexandre Teixeira de Mello, aos 25 annos de idade, com um volume de versos.

Começou, porém, a poetar dous annos antes, a julgar pelas datas das poesias contidas no livro "Sombras e sonhos", editado em 1858.

Filho legitimo de José Alexandre Teixeira de Mello e D. Eugenia Maria da Conceição Torres, nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes, fez o curso de humanidades no Seminario S. José e estudou na Faculdade de Melicina do Rio de Janeiro, onde defendeu these em 25 de Novembro de 1859.

Versou a sua dissertação sobre os hospicios de expostos, sendo o primeiro capitulo dedicado á historia desses estabelecimentos de assistencia e caridade. Nos capitulos subsequentes examinou os problemas de utilidade da instituição humanitaria para a criação das creanças abandonadas, de hygiene alimentar e de aleitamento artificial.

Concluidos os seus estudos scientificos, fixou residencia na cidade natal onde permaneceu, no exercicio da clinica e collaborando em jornaes, até 1875, quando se transferiu para o Rio de Janeiro.

Durante a phase academica foi membro effectivo da Academia de Philosophia, socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, membro honorario do Ensaio Philosophico Paulistano e escreveu o livro de poesias "Sombras e sonhos".

No *Corrcio Mercantil*, numero de 1.º do Dezembro de 1859, encontra-se o discurso que elle proferiu como orador da turma de doutorandos.

Por decreto de 24 de Março de 1876 recebeu a nomeação para o cargo de chefe de secção de manuscriptos da Bibliothca Nacional e no mesmo anno coordenou os subsidios existentes para o estudo da questão de limites do Brasil pelo Oyapock, publicados em folheto 19 annos mais tarde.

No anno seguinte publicou o segundo volume de versos "Myosotis" e abandonou quasi o genero poetico, devotando-se a estudos de historia patria, litteratura nacional e bibliographia.

Fez-se socio do Instituto Historico Brasileiro, onde desempenhou os cargos de 1.º Secretario e redactor da "Revista Trimensal".

Na Bibliotheca Nacional, além do trabalho mencionado, escreveu a monographia "Campos dos Goytacazes em 1881", para a exposição de historia, sendo o seu trabalho publicado no tomo 49.º da Revista do Instituto Historico e em volume á parte, numa edição de 50 exemplares. Escreveu ainda a memoria sobre "Limites do Brasil com a Confederação argentina", os estudos sobre Claudio Manuel da Costa e Laurindo Rabello, publicados nos *Annaes* da Bibliotheca, onde tambem reproduziu o catalogo das biblias existentes na collecção brasileira.

Na "Revista do Instituto Historico", além do que foi citado, escreveu as biographias do dr. Joaquim Caetano da Silva, Barão de Villa Franca, Conselheiro J. Bernardino Baptista Pereira de Almeida e o relatorio dos trabalhos annuaes de 1889 a 1890.

Quando a esquadra chilena veio prestar homenagens ao Brasil, no porto do Rio de Janeiro, o Instituto Historico realisou, em homenagem á respectiva officialidade, uma sessão solemne, sendo publicado um livro commemorativo que encerra o trabalho de Teixeira de Mello: — "Traços biographicos de litteratos e estadistas chilenos".

Em 1895 foi nomeado director da Bibliotheca Nacional, cargo que desempenhou até 1900, quando mereceu aposentadoria. Durante esse periodo publicou relatorios expondo as occorrencias no importante estabelecimento e organisando interessantes estatisticas.

Deixou-nos a "Gazeta Litteraria", de que foi redactor, prestando inestimaveis serviços ás letras no Brasil.

Como poeta pertenceu á geração de Casimiro de Abreu, Machado de Assis, Luiz Delfino, Pedro Calasans, Franklin Doria, Bittencourt Sampaio, Bruno Seabra, Luiz Guimarães e tantos outros.

Induzido pela correcção da metrica e o apuro da fórmula, Sylvio Romero considerou-o, ao lado de Machado de Assis e de Luiz Guimarães Junior, como um dos precursores dos parnasianos.

Os seus versos são simples, as imagens que compõe são inspiradas e affectam os moldes do lyrismo brasileiro, sempre impeccavel na fórmula e inspirado nas concepções.

Apresenta o cunho idealista e a feição dos que amam a natureza, tanto em "Sombras e sonhos", como em "Myosotis". A delicadeza dos sentimentos e o naturalismo das scenas descriptas predominam nas paginas dos seus livros, imprimindo-lhes a característica da verdadeira poesia. E' sempre calmo e sentimental, de uma placidez que reçuma momentos felizes, de um poder affectivo que revela a extrema bondade do seu coração.

Não se salientou entre os contemporaneos nem se impoz aos posterios, por dous motivos: a simplicidade de processos, a par de emoções tranquillias, e a modestia em exaggero.

Quando, em 1877, deu á publicidade o segundo livro "Myosotis", assim justificou a sua deserção:

"Estes versos são — o adeus de despedida — á minha mocidade: pudes-se eu tel-a passado toda para elles... morreria satisfeito de haver vivido.

Dei-lhes o nome que levam, porque, como aquellas flôrinhas vivem á sombra e com pouco sol murcham e seccam, assim terão elles de morrer á luz vivissima da publicidade.

São, além disso, fructos extemporaneos: quando cantam Machado de Assis, Luiz Delphino, Luiz Guimarães, Pedro Luiz, Joaquim Serra, Narcissa Amalia, Bernardo Guimarães, Gonçalves Crespo, e o senador F. Octaviano empunha de novo a lyra melodiosa para nacionalisar os cantos melancolicos de Selma e os sublimes arroubos do orgulhoso bardo de Albion — devo limitar-me a ouvil-os e a extasiar-me".

Fóra dos dominios da poesia, elle dedicou-se a assumptos de historia patria, rebuscando nos archivos de manuscriptos os documentos que deviam pleitear os nossos direitos a territorios contestados, servindo de base á argumentação de Joaquim Nabuco e do Barão do Rio Branco.

Com a paciencia evangelica dos que se dedicam ao culto do passado, ordenou factos e datas, feitos e glorias, vultos e heróes, e traçou, dia a dia, na *Gazeta de Noticias*, as "Ephemerides nacionaes" que foram mais tarde reunidas em volume.

Até hoje os estudiosos que buscam themas nacionaes, consultam as notas colligidas pelo paciente investigador do nosso passado, para illustrar memorias, precisar datas e esclarecer pontos duvidosos.

No Instituto Historico desenvolveu Teixeira de Mello acção proficua estudando individualidades merecedoras de gratidão das gerações que lhes succederam e assumindo attitude saliente entre os socios compenetrados dos seus deveres.

Mas onde se evidenciou o seu trabalho benedictino foi na Bibliotheca Nacional, sob a penumbra da modestia, preferindo a obscuridade do mineiro que descobre as bétas e vieiras nas rochas, aos esplendores do artifice que burila as joias de fino lavor.

Consultava manuscritos, catalogava livros raros e antigos, facilitando a pesquisa alheia, desentranhava do olvido assumptos preciosos como atestados do nosso valor.

E ahí estão, para corroborar a minha affirmativa, os relatorios que deixou e os estudos impressos nos "Annaes". Entre varios destacam-se os trabalhos sobre Claudio Manuel da Costa e Laurindo Rabello.

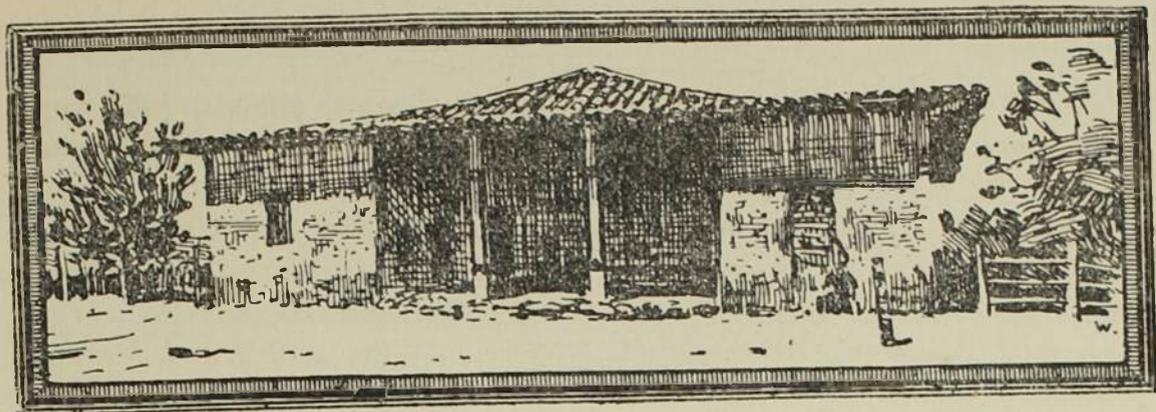
O unico descanço que conseguiu, proporcionou-lhe a viagem á Europa, durante os annos de 1892 e 1893.

Morreu Teixeira de Mello, com 74 annos de idade, a 10 de Abril de 1907 e legou á posteridade um padrão eloquente de dedicação ao trabalho e amor á Patria.

Summario para um estudo completo

Sua actividade durante a phase academica — O poeta romantico — A geração a que pertenceu e o logar que occupou — Rebuscando o passado— Vida consagrada aos livros — Seus estudos litterarios — Como integrador do nosso territorio — Além das nossas fronteiras — Quasi obscuro — Perante a critica.

ARTHUR MOTTA.



AUTOGRAPHOS

UMA CARTA DE SILVEIRA MARTINS
A ANDRADE FIGUEIRA

Meu caro compadre:

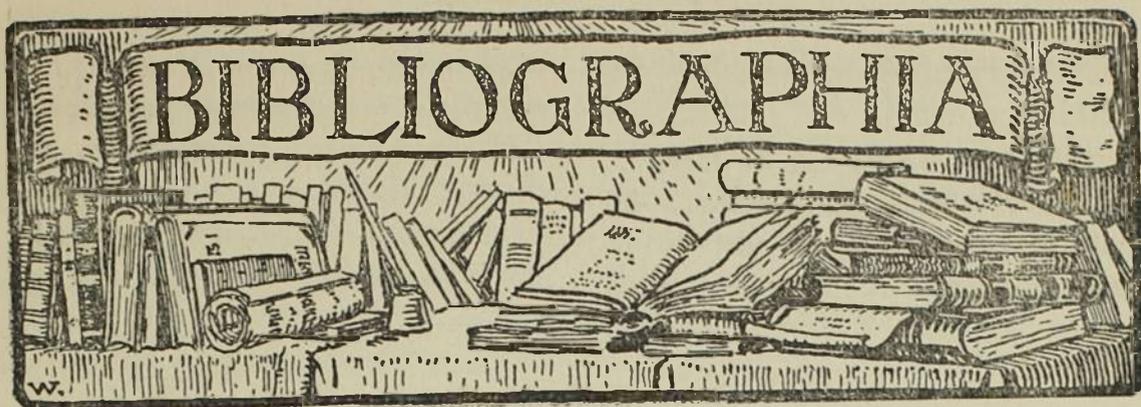
Hilario mandou pedir poderes para o Eduardo Prado poder contrahir um emprestimo para a revolução. Lá foram, ainda que nisso pouco confie. A revolução da esquadra, que podia ser decisiva se o Saldanha a tivesse dirigido, foi fatal á revolução do Rio Grande pelo elemento comtista, que apoderou-se do Mello e do governo de Santa Catharina. Afinal, como em janeiro lhes annunciei, deram com tudo no barro e vieram acolher-se ao Rio Grande como unica esperança de salvação. Está eliminado da revolução esse elemento, mas não extincto, continúa perturbando, intrigando, já que outra coisa não póde fazer. São sectarios, intransigentes, e não se desprenderão da Republica, para provar sua gratidão a S. M. o sr. D. Pedro II, que os plantou, cultivou, e os fez medrar sustentando com sua influencia de imperador Benjamin Constant na Escola Militar. A questão rio-grandense, que aspira ser nacional, é um governo livre apoiado na opinião publica, pelo regimen parlamentar. Sem duvida, a Republica parece mais precaria do que a Monarchia, mas esta tambem tem os seus contras — os representantes do principio nada fazem por si, querem que lhes caiam do céu as cotovias assadas, e que os pobres diabos se degolem, se devorem, para terem depois a satisfação de verem no throno D. Isabel, que poz fogo no estopim do canhão revolucionario, explorando a ambição dos homens, obrigando o ministerio conservador não a fazer uma reforma mas uma revolução, destruindo-se a si mesmo, derrocando o throno, e precipitando a patria no abyssmo da anarchia. A Republica é a obra do throno no Brasil! Por minha parte não terei mais satisfação do que obe-

decer á vontade nacional se esta quer a monarchia — que seja restaurada; se quer a Republica, não reconheço em ninguem direito de decretar o contrario. Eu não tenho com nenhum partido compromissos, só tenho deveres para com a patria. Com a liberdade, sem a qual não ha patria, aceito Republica ou Monarchia parlamentar. Muitas saudades a minha comadre, e dá ordens ao

comp.e e velho am.º e collega

G. Silveira Martins.

B. Ayres, 1.º de 8bro — 94.



FRUCTA DO MATTO — *Afranio Peixoto* — *Livraria Francisco Alves* — Rio 1920.

Si ha livros que resgatam toda a existencia incolor e improductiva de uma geração este é, por certo, um delles.

Termo a sua leitura com uma imprecisa e formidavel impressão de conjuncto e sinto o meu espirito nervoso, crispado numa ancia dolorosa como só m'a deixou igual, ha bem annos, esse extranho *Crime e Castigo*, de Dostoiwsky.

Paginas de um intenso fulgor emotivo incendeia-as o caprichoso espirito de um escriptor mui difficil de definir. Na musica de sua prosa tersa e burilada perpassam os sons de tantas cantigas já escutadas, e a vóz de tantos cantores já ouvidos. E de nenhum delles, por mais que a attenção se apure e o espirito se concentre, fica-nos a impressão bem clara de que seja de Euclides ou de Raymundo Corrêa, de Pompêa ou de Machado de Assis. Elle funde-os, os typos representantes verdadeiros de nossa cultura, num estylo seu, pessoalissimo, maneiroso e suave, de onde reçuma um scepticismo *raisonable* e sadio.

Acima de tudo apparece frizada — frizadissima aliás — a tendencia

de nossos prosadores modernos. Do ponto de vista do purismo classico, o estylo das nossas mais recentes producções nacionaes d'uma mescla barbara: é em *Urupês*, na *Floresta da Agua Negra*, em Juca Mulato, é até em *Saudade*, a obra didactica, destinada ás escolas primarias, de Thales de Andrade. E' assim tambem em *Fructa do Matto*: ha alli a mescla de nossa linguagem commum, producto do meio actuando 400 annos sobre o organismo vivo do vernaculo e o remanescente da lingua de Camões, aquillo que, arcabouço fundamental, não pôde ser alterado.

Explorado conscienciosa e prudentemente pelos escriptores modernos, elle tem sido um veio riquissimo para o brilho do estylo brasileiro. *Fructa do Matto* é assim: atravessam-n'a as vehementes rajadas de rythmos barbaros, estonteantes, é cheia de coruscações imprevistas, de reverberos, de fulgores, tão vivos, tão fortes, tão ao nosso paladar nacional que a gente não pôde deixar de reconhecer, mesmo quando por *parti-pris* grosseiro o não quizesse, que está diante de uma obra prima.

Attentem para a differença que separa este trecho de qualquer des-

cripção santificada pelas anthologias:

“Um enorme buraco de treva... um grande hiato de silencio... depois a penumbra que a vista accommodada parecia divulgar e o ruido eterno da vida, lá fóra, guinchos, trilos, piados, garganjos que me chegavam em surdina; gritos, besouros, roedores, aves penadas, que fazem o cantochão das noites sertanejas. Dominava um tan-tan de sapo ferreiro, compassado, atraz da casa, no brejo... Puz-me a querer discernir todas essas vozes dispersas e já confusas, quando adormeci...”

Bem pensado, isso representa, para o nacionalismo, um acontecimento de nossa independencia de bem mais alto valor que o proprio 7 de Setembro. Sim, porque, o brado do Ypiranga nos deu apenas a liberdade e a autonomia politica, deixando-nos jungidos á Metropole pelo sem numero de todas as outras ligações. Ao passo que neste improviso romper com o passado, exigindo na lingua escripta a documentação viva de nosso falar, ha um pouco mais, ha a integração formal de um povo, definitivo e differente de todos os outros.

Fructa do Matto não é propriamente um romance, como nos habituámos entendel-o, á moderna. Os nossos romances, hoje, são mais novellas que outra cousa, porque estudam sempre uma unica personagem. Quando muito duas: Elle e Ella. São monographias e de ordinario “puent le medicin”.

Fructa do Matto, encarada dessa forma, é uma galeria de typos, todos

inconfundiveis e todos magistralmente e differentemente traçados.

Ha-os talhados no marmore, audazes e violentos, como o Onofre, alma tragica de bandido, torturado por dois agulhões ferozes: a sua paixão por Joanhina e o seu odio ao branco e ao negro, que o engendram mulato. Ha-os estylizados em granito, typos de alma que se alimenta de odio, como o Iião, o Benedicto, a Sinhá Velha e o Corre-Costa. Ha-os recortados á tesoura da caricatura, impagaveis de graça e de chiste, como o juiz de direito dr. Espiridião e o tabellião Zoroastro. Ha-os aguarellados suavemente como a infeliz Firmina, que apparece, no livro, aureolada pelo martyrio. Ha-os ainda modelados em argila plastica e viventes, comtudo, como a Gracinha, o dr. Virgilio, o Eliziario, a Salvina. E ha, especialmente, a Joanhina, esse assombro de perversidade humana, que se não sabe dizer si é modelado, descripto, pintado, ou fundido no bronze, esse inferno feito mulher, encanto e desespero, fructa do matto, acida e corrompente, mas deliciosamente tentadora. É o dr. Virgilio que a descreve assim:

“Eu gostaria della, com extase e com pena, com medo e com admiração. É para ser amada com fervor e com demencia; doce e venenosa. Dizem que a glycerina, um liquido untuoso e assucarado, dá explosivos tremendos: por esta comparação venho a comprehender como presença tão gentil pode ser acompanhada de effeitos tão estonteadores, certamente funestos”.

Domina o livro a philosophia, eminentemente sceptica, que é sincera, sem deixar de ser aguda e percucien-

te, do dr. Virgilio, atraz de cuja figura se esconde a penna do autor.

Mas de entremeio a essa, que lembra, ás vezes, o rictus frio e sarcástico de Machado de Assis e a ironia impiedosa de Carlos de Laet, expandem-se os repentinos da philosophia popular, maximas tiradas dessa profunda mestra que é a experiencia da vida, vivas, certas, opportunas, pungentes ás vezes, ás vezes chocarreiras e que demonstram o poder de observação do autor e a sua capacidade emocional de sentir e pensar com as almas dos outros.

Não posso e nem quero pensar em sumir o romance. Elle é pejado de episodios, todos partes integrantes do entrecho. São sempre optimamente contados, alçam-se a miudo a excellentes e attingem a esse raro cume que é o sublime. A confissão de Onofre, na prisão, chega até lá muita vez. Si eu quizesse tentar o resumo, encheria paginas de papel, sem, ao cabo, ter contado nada. Melhor, nesse capitulo, é mandar o leitor directamente ao livro.

Mas como, afinal, isto é critica e é preciso documentar as affirmativas que acima ficaram, mostrarei alguns traços de algumas personagens principaes, traços colhidos não ao acaso no livro, mas de accordo com as minhas preferencias.

O dr. Virgilio de Aguiar, que escreve a historia e se autobiographa, é um typo interessantissimo, que pontilha as suas observações e as suas analyses, com graciosas piadas, cheias de uma ironia indulgente e zombeteira.

Retrata-se a si mesmo:

“Uma mulher é por mim desejada e desejavel até o momento em que

sinto que me escapa ainda ou ainda me é indifferente. Si se inclina para mim, não se perde commigo, perde-me para si, porque sou eu quem se desinteressa della. Aos outros ocorre isso por saciação ou decepção; a mim por antecipação. Nunca terei as honras do triumpho; minhas victorias serão as descontadas nos planos certos do estado-maior.

Eu vencerei no fim, si até lá proseguisse. Esse fim me desinteressa, se é previsto e fatal, ao alcance da minha intelligencia e de minha vontade. No theatro não assisto ao ultimo acto, se o prevejo; o livro acabo-o antes da ultima pagina, se é certa a terminação. O melhor negocio, eu o desfarei ao assignar a escriptura; levantaria o cerco de uma praça, se soubesse da rendição no dia immediato; colham os outros os fructos e os proveitos... que me importam? Basta-me ter roteado o campo, semeado, tratado, podado, admirado a flor, antegosado o fructo que desdenhei. No amor, creio que uma cabeça desejada e por fim caida no meu hombro, me impediria de a beijar... Casar-me-ei talvez com uma mulher de quem receio seja capaz de me dizer um “não” no altar; amal-a-ei certamente, se tiver de a conquistar sem treguas, se receiar, de longe, a possibilidade de perdel-a...”

Citei, propositalmente, este trecho, porque entre este discreto analysta de Virgilio e o seu modo de agir ha uma differença.

Viram o typo ideal de mulher que elle deseja? Pois bem, Joanhinha, a *Fruca do Matto*, ainda que perversa, realiza tal typo e, numa occasião, tentou-o. E elle, de medo, fu-

giu. Houve, pois, uma trinca no estudo psychologico de seu caracter...

Mas, o estudo das trincas do caracter, que geram os conflictos e ressaltam os contrastes, não é talvez, elle só, o pabulo eterno, e o perno gyrotorio de todas as literaturas de todos os tempos?

Foi nisso, com certeza, que o autor se estribou para lhe frizar o flagrante.

Tambem é só nesse ponto que Virgilio se contradiz. Nos outros actos, mostra-se, sempre, um apaixonado cultor de desejos.

Num passeio pelo campo, com Joanninha e Eliziario, elle tem esta :

“Quando o trilho era estreito iam os dois um após o outro, Eliziario em frente, ella ao meio, eu fechando a marcha, como se costuma nos caminhos da roça. Podia nestas occasiões, com vagar, olhal-a á vontade, é exacto que de costas, o que, pela liberdade, dava compensação ao pouco que via...

Ha caminhos faceis, agradaveis, que entretanto são como provações: Tantalo não experimentou o caminho da roça...”

Em outro ponto, encontrando-se com a Gracinha, que elle desprezara e que, por isso, despeitada, fugira com um pobre diabo, o Pulcherio, o dr. Virgilio se revolta de novo :

“No desamparo em que me vi, fugi daqui para longe. O pensamento me levou para lá, junto da outra, que me era tambem vedada, que entretanto me sorria e me affrontava com o Eliziario, como esta me sorrira e me affrontara com o Pulcherio...”

Consciencia, e escrupulo, honesti-

dade... está a que me reduzistes... ter inveja de dois pobres diabos...

É a vida !”

Onofre e Joanninha demandariam espaço para os pintar convenientemente. Uma passagem, entretanto, uma das mais bellas, mostra-lhes a ambos o caracter.

O mulato, irmão de criação e mesmo aparentado com Fructa do Matto, amou-a perdidamente, e apesar de seu genio bravio e violento, preso do encanto da moça, elle servia-a submisso: “Aquella tinha feitiço desde pequena. Não ha gente que pega cobra peçonhenta com a mão ?”

Quando Joanninha contractou casamento com o Americo, o mulato exasperou-se e no seu odio prometeu matar o noivo. A moça conhecia-o capaz disso e na vespera dos esponsaes, alta noite, seguida pela Umbelina, a mucama fiel, foi á casa do rapaz :

“Onofre, eu preciso lhe falar... Umbelina, assente aqui na porta e me espere.

Entrou dentro de casa, entramos e ella fechou a porta... O gallo cantava a primeira vez quando eu torci a taramella, para ella sair. Umbelina, cansada de esperar, ferrara no somno sentada no bante.

Eu fiquei só. Fiquei desarmado de meu proposito, porque jurei não offender ao moço e deixar que elles partissem...

Que me importavam mais ? Minha vingança estava tirada. Fiquei comprado pelo maior preço que existe, o que o ouro inteiro do mundo não paga, comprado sem preço, satisfeito

no meu odio, que nesse momento era maior que a minha paixão... Por isso é que eu os deixei se irem embora.

Si eu procedia assim, não era melhor ter morrido, nesta noite? Seria feliz... Só me lembrei disto mais tarde, quando tudo tinha passado. Muitas vezes chorei, arrependido, outras de raiva, desesperado de meu erro, como menino pequeno que não quer se consolar. E só vivi para a desforra desse engano... para isso que Vmcê vê...

Ah! si eu morresse naquella noite... Seria feliz!"

Pena que estes leves commentarios criticos não comportem um estudo demorado e consciencioso do capitulo VII, innegavelmente dos mais bellos, sinão o mais bello de todo o romance.

Em livros nacionaes, não conheço paginas de maior relevo e de mais accentuado vigor no contraste da indole do jagunço, fusão barbara de lyrismo suave e merencoreo e de banditismo heroico. Ha uma ingenuidade tocante naquellas scenas, mesmo no desfecho tragico em que descamba a porfia á viola. E' que ellas reflectem a alma cabocla, innocentemente sincera no amor, estupidamente sincera no odio.

Decididamente, o anno começou mal para os literatos.

Fruca do Matto é um estálão penoso: imital-o não ha de ser cousa facil, igualal-o... não sei, mas parece-me obra para tentar mui poucos engenhos.

Afranio Peixoto toca aqui o apogeu de sua grandeza. E' duvidoso

que elle seja sobrexcedido e, talvez, que elle se sobrexceda a si mesmo.

E caso curioso: os nossos autores, em regra geral, são precoces, estream sempre pela obra prima. Afranio, em literatura, estreou, já membro da Academia, com um romance onde ha qualidades bem vincadas, mas que, intrinsicamente, pouca cousa ficou acima do mediocre. *Esphynges*, si denuncia um futuro romancista de valor, não entreluz, absolutamente, essa gloriosa ascensão que remata agora em *Fruca do Matto*.

S. M.

THABOR — *Plinio Salgado* —
Typ. da "Secção de Obras do
"O Estado" — S. Paulo, 1919.

E' *Thabor* um bello livrinho de versos, o primeiro talvez que o sr. Plinio Salgado elaborou, reunindo os melhores poemas de sua composição. Com cerca de cem paginas magnificamente impressas, *Thabor* apresenta, entre esses trabalhos poeticos, que todos têm seu merito particular, algumas composições onde se revelam accentuadas qualidades de verdadeiro poeta, sabedor do seu officio. Poesias de varia emoção, sem obedecerem a uma unidade philosophica especial, nellas vasou o A. ora o seu enthusiasmo pelas cousas altas e bellas da vida, ora simples emotividade artistica, ante um episodio das chronicas, como neste soneto:

EXTASE

THURYBULOS de prata balouçados
ante o altar, espiraes de myrrha e incenso
soltam leves pelo ar. Sons inflammados
põem todo o povo extatico e suspenso.

Santa Thereza, de olhos exalçados,
num arroubo contempla o Deus immenso;
e de braços abertos, levantados,
freme e dejira num prazer intenso.

Passam no ar perfumado, estridulando,
notas breves de rapida volata,
c ora o som tem um quê de doce e brando...

E na humana delicia desse gozo,
a Santa, á luz das lampadas de prata,
desfallece, num sonho vaporoso!

**FACTOS E PERFIS DA CIRUR-
GIA BRASILEIRA** — *A. Gui-
marães Porto* — *Imp. Nacional*
— *Rio de Janeiro* — 1919.

Conferencia realisada em 1917 na
Bibliotheca Nacional e na qual o
A. estuda o desenvolvimento dessa
arte no Brasil, desde o seu ini-
cio, traçando os perfis dos seus
mais notaveis representantes, até
hoje.

**PROPHYLAXIA DO IMPALU-
DISMO** — *Em Villa Americana.*
*Nova Odessa, Carioba e Sal-
to Grande* — *Dr. Francisco*
Junior — *Typ. Weisflog Irmãos*
S. Paulo — 1919.

Nono fasciculo da serie de publi-
cações congeneres editada pelo
Serviço Sanitario do Estado de S.
Paulo, contem mais de 100 paginas
excellentemente impressas e orna-
das de nitidas photogravuras, nas
quaes o A. faz completa resenha
das condições topographicas e sa-
nitarias das regiões ennumeradas,
relatando os trabalhos de prophyl-
laxia já executados e os ainda em
andamento, promovidos por aquelle
departamento administrativo.

**BELGICA COROADA DE ESPI-
NHOS** — *Marcondes Cesar* — *S.*
Paulo — 1919 — Versos.

ANTONINA PREHISTORICA —
Ermelino A. de Leão — *Imp.*
Nacional — *Rio de Janeiro* —
1919.

Separata dos Archivos do Mu-
seu Nacional. Contem uma mono-
graphia em que o autor estuda os
documentos deixados pelos primi-
tivos habitantes da costa meridio-
nal do Brasil, conhecidos vulgar-
mente pela denominação de Sam-
baquis.

A CONJURAÇÃO MINEIRA —
Placido e Silva — *Typ. João*
Haupt & Cia. — *Corityba* — 1918.

Conferencia litteraria realisada
pelo A. no dia 21 de Abril de 1918,
na séde da Associação Coritybana
dos Empregados no Commercio.

**DISTRIBUIÇÃO E FREQUEN-
CIA DA LEISHMANIOSE EM**
S. PAULO — *Dr. Romeu Carlos*
da Silveira — *Casa Mayença* —
S. Paulo — 1919.

These de Doutoramento apresen-
tada á Congregação da Faculdade
de Medicina e Cirurgia de S. Paulo
e pela mesma approvada com dis-
tincção.

**THE MEAT & CATTLE INDUS-
TRY OF BRASIL** — *Roberto*
Cochrane Simonsen — *Ind. Pu-
blicity Service Ltd.* — *Londres*
— 1919.

Monographia publicada pelo A.
em sua viagem á Inglaterra, a con-
vite dos Industriaes e Commercian-
tes britannicos, e versando assum-
ptos da pecuaria e suas possibilida-
des no Brasil.

O IMPOSTO TERRITORIAL —
Marcos Konder — Itajahy —
 1919.

Neste folheto, de cerca de trinta paginas, colligiu o A. uma interessantissima serie de artigos, muitos dos quaes de sua propria autoria, visando todos enunciar e propagar as vantagens que a solução pelo Imposto Territorial traz ao problema da libertação do trabalho individual. Bem coordenado e escolhido, sem demasias de rhetoricas innocuas, o texto do presente opusculo offerece leitura proveitosa a quantos o manuseiem, apresentando com clareza conveniente as theorias que versa, pelo que muito é de recomendar-se.

EPISODIOS DRAMATICOS DA
INQUISIÇÃO PORTUGUEZA.

— V. I — Antonio Baião —
Ed. "Renascença Portuguesa"—
 Porto — 1919.

A empresa "Renascença Portuguesa", que já tantas obras interessantes tem dado a lume, no seu empenho de trazer ao estudo e á consideração dos contemporaneos as pessoas, as obras e as vidas dos vultos por quaesquer titulos consideraveis da historia lusitana — teve a boa inspiração de editar a obra emprehendida pelo sr. Antonio Baião, de que é o presente o primeiro volume que apparece.

Ha mais de tres lustros, conservador do Archivo da Torre do Tombo, de Lisboa, teve o A. enesejo de averiguar a vastidão e copia de documentos de alto valor litterario ou historico e até hoje com-

pletamente ignorados dos estudiosos ou delles conhecidos imperfeitamente, atravez de extractos ou transcripções defeituosas. Entre esses, chamaram-lhe a attenção os documentos deixados pelo Santo Officio, dos longos annos em que a celebre instituição vigorou em Portugal.

O sr. Baião reproduz nesta sua compilação, todos os autos e sentenças dos inquisidores, nos processos movidos a personalidades de algum destaque na historia das letras ou das armas portuguezas, illustrando-as com informações criteriosamente angariadas e illuminando as paginas do seu livro com a reproducção, em *fac-simile*, das assignaturas das personalidades em questão e dos rostos e particularidades curiosas das obras porventura publicadas pelos accusados naquelles tempos embryonarios da industria graphica.

Assim, este livro representa um bello serviço prestado tanto pelo A. como pela E. ás letras e á historia portuguezas, senão ás humanidades em geral, pois nelle se encontram materiaes valiosos para mais de uma ordem de estudos philosophicos.

NATAL — B. Querido — Typ. Rabello — Taubaté — 1919.

Natal é uma palestra, realisada no Centro dos Operarios Catholicos de Taubaté e na qual, em prosa rimada, A. desfia, singelamente, innumeradas tiradas de muito chiste e leveza, a proposito da data christã, sendo a sua leitura, no elegante folheto em que foi editada, entrete-

nimento extremamente agradável para todos os espiritos.

A REVOLTA DO IDOLO — Benjamin Lima — Comedia — Ed. Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro — 1919.

O sr. Benjamin Lima sacrificou um conto bastante original e muito interessante, para alargar-lhe os contornos e desdobrar-lhe a acção, fazendo d'elle peça de theatro. Andou malavisadamente, pois a obra só teve de perder com isso, dando uma serie de replicas morosas e longas, em que, cada personagem, por sua vez, mas todos com o mesmo estylo do autor, diz uma parte da narração, entremeiando-a de conceitos critico-philosophicos, que muito mal sabem num trabalho do genero.

Falta-lhe, assim, para que "A Revolta do Idolo" fosse uma regular peça de theatro, maior animação ás scenas, de par com mais accentuada individualisação das personagens sem o que, qualquer trabalho desta escola se arrisca a ser o que constitue muitas das peças de Bernstein — um rosario de pequenas conferencias, recitadas alternativamente por meia duzia de sujeitos a quem o autor incutiu uma especie de mania de dissertação.

Para comprovar o que attribuímos á pouca experiencia do A. em materia de theatro, que, aliás, mais demanda esperteza e malicia do que engenho — basta considerar a replica final, de que transcrevemos um bocado, com as respectivas rubricas, e em que o heroe da acção, por espaço de... duas paginas e tanto, põe remate á comedia:

"CARLOS

Silencio, pequenina scelerada! (*Suas mãos convulsivas estenderam-se para o gesto vingador. Mas no simples esboçar da violencia, o impeto animal se lhe dilúe, enquanto Maria, acovardada, certa da inutilidade de qualquer reacção, cõe de joelhos, aniquilando-se.*) Não quero que aggraves, com uma dissimulação inefficaz, esse nefando crime. É preciso que haja medida em tudo até mesmo na degradação. (*Contemplando Maria que lhe permanece cahida aos pés, numa especie de total dissolução da personalidade*) Prefiro vê-te assim, como que demolida pela abjecção consciente, e preparada para o castigo singular que me inspirou, muito naturalmente, a singularidade de tua infamia. Ah! seria muito commodo que vivesses a meu lado — condição essencial para que tua vaidade exultasse eternamente —, e secretamente me infligisses a mais cruel das affrontas, e fizesses descer sobre mim a onda conspurcadora do mais formidavel dos ridiculos!"

É de imaginar-se a perplexidade do ensaiador e do contra-regra, quando pretendessem obter dos actores os efeitos imaginados pelo A, a quem, entretanto, não fallecem dotes de imaginação e mesmo de estylo para a elaboração de optimos contos, novellas ou romances.

PARQUE ANTIGO — Galeão Coutinho — Saraiva & Cia. — S. Paulo — 1920.

Quem, abrindo este livro e lendo um só verso que seja, não irá até o

fim, sentindo n'alma o doce enlevo que só a verdadeira poesia é capaz de proporcionar? Nada de artifício, de preciosismo, de requintes amaneirados. Nada desse malabarismo de vocabulos — corcoveio engenhoso de sonoridades que muitos comprehendem como poesia. Palavras emprega-as Coutinho com o fim exclusivo de expressar a sensação poetica, e emprega-as do modo mais correntio e singelo, a geito de não perturbar a transmissão da idéa. E consegue-o superiormente. O que elle sentiu ao escrever, o leitor o sentirá ao ler. Após á leitura, terminada a sua funcção humilde de intermediarios de um pensamento, voltam os vocabulos para o livro, quietinhos, não ficando um só grudado ao cerebro do leitor como exotismo rebuscado e importuno. O leitor fica apenas com a sensação poetica — e é uma coisa deliciosa isso! O seu estylo é perfeitamente limpido, filtrado de todos os defeitos da empola e do máu gosto da moda. É fluente como um veio d'agua. É vernaculissimo. E para maior encanto é resaibado de uma leve tonalidade do bom portuguez de Portugal — Portugal dos bons tempos, reino, Anthero, João de Deus. Mas melhor que nossas palavras dirão de Coutinho umas breves transcripções. Vêde-lhe o correntio:

Teu nome hei de calar nos versos que
[componho
Como um altar vedado á multidão im-

[pura:
Doce luz a alumiar meu caminho medonho,
Serás, eternamente, humilde flor
[obscura.

Vêde agora a riqueza da imagem,
a boa qualidade da "poesia":

Anda agora o luar a ungir as alamedas
Do velho parque abandonado...
Ouves? Vae pela relva um roçagar de
[sedas...
Supponho que hão de ser acenos do
[passado.

Ha de ser certamente, a sombra frigidia
De uma dama taful que outr'ora aqui
[vivia
E que em noites assim, brancas e si-
[lenciosas,
Ia lá em baixo ouvir o queixume das
[rosas.
Pelas noites em que a lua esparge os seus
[alvares,
Poetas que ides a sonhar
Não presteis attenção a esses vagos
[rumores...
São fiandeiras do amor que velam, a fiar.

Para exemplificar cada qualidade de poetica do A. não é preciso citar uma poesia differente. Basta uma só, que elle sabe reunir em cada verso preciosas qualidades que raro soem apparecer reunidas. Para remate desta noticia transcreva-se a joia que é a

BALLADA Á PRINCEZA ISABEL

Seja ao som doce do alaude,
Em rythmo suave, embalador,
Que eu venha em verso menos rude
Entoar um regio, alto louvor!
E que tal gesto encantador
Não dê motivos a extranheza,
Pois eu me fiz vosso cantor
Porque inda sois nossa Princeza.

A ingratição vulgar não mude
Em desespero nossa dôr;
Antes maior torne a virtude,
Mais viva a fé, mais forte o amor.
Sêde, no exilio, como a flor,
Fanada embora de tristeza,
A conservar o mesmo ardor,
Porque inda sois nossa Princeza

Demais, me deu a solitude
A recompensa do valor;
Serenidade em que se escude
Vossa velhice sem terror.
O antigo escravo soffredor,
O vosso vulto de nobreza
Num halo evoca de esplendor
Porque inda sois nossa Princeza

Offerta

Em vossas mãos venho depor,
Na minha humilde singeleza,
Desta Ballada o aureo penhor,
Porque inda sois nossa Princeza.

Se isto não é poesia, não ha mais
poesia no mundo.

ARITHMETICA ELEMENTAR.

*G. A. Buchler — Ed. Weisflog
Irmãos — S. Paulo — 1919.*

Os srs. Weisflog Irmãos, que iniciaram a publicação de uma valiosa série de obras didacticas, acabam de prestar mais um optimo serviço ás letras desse genero, do Brasil, editando com o esmero graphico que lhes é peculiar, a presente obra do sr. Buchler, a qual constitue um optimo auxiliar dos professores no ensino da arithmetica ás creanças. Formam o volume 25 lições, orientadas segundo o methodo intuitivo, de accordo com os mais avançados e proficuos processos pedagogicos, e magnificamente illustradas, o que lhes acrescenta, sob o ponto de vista infantil, um grande attractivo, elemento consideravel em se tratando do ensino elementar.

O volume, que encerra mais de 200 paginas, é o primeiro de uma serie de tres, com os quaes qualquer professor bem orientado fará o ensino da disciplina em questão com grande suavidade e aproveitamento dos seus alumnos e poupando-se a fatigantes compilações e preparações previas de lições para as suas aulas diarias.

HISTORIA DE UM FOGO=MOR=

TO — *José Caldas — Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto — 1919.*

É este outro volume de grande interesse e valor, que a conhecida empresa de publicações historicas vem divulgando, enriquecendo assim as letras portuguezas e facultando aos estudiosos de Portugal e Brasil mais largo campo para os seus labores intellectuaes.

Consiste esta obra, que forma um bello volume de mais de 800 paginas, na historia da actual cidade portugueza de Vianna do Castello. Expondo-a, o A. offerece á curiosidade do leitor um sem numero de documentos curiosissimos, ordenando-os sob um criterio philosophicamente notavel e entremeiando-os de judiciosas e eruditas considerações, tudo numa linguagem correntia e desembaraçada, sem o tom massudo dos chronistas impertinentes, nem os malabarismos dos historiadores — literatos de que actualmente ha por toda a parte farta copia. Prendendo-se a historia da vetusta cidade lusitana a quasi todos os successos principaes da de Portugal, desde os seus primordios como nação, a leitura do trabalho do sr. José Caldas, sobre ser de muito proveito quanto ao seu objectivo immediato, traz igualmente grande mésse de esclarecimentos referentes á historia geral do Reino, para cujo estudo constitue não vulgar contribuição.

Recebemos:

MANUAL DO CODIGO CIVIL
— José Eduardo da Fonseca — Ed.
Henrique Velho & Comp. — Rio
de Janeiro — 1919.

Artigos insertos no "Diario de
Minas" e no "Jornal do Commer-
cio", em Setembro de 1918.

—ANEMIA BRASILEIRA—Dr.
Belisario Penna — Typ. d'"O Se-
ricultor" — Barbacena — 1919
— Conferencia realisada em Bar-
bacena, a 28 de Setembro de 1919.

— DISCURSO, proferido pelo
agronomo Gentil Ferreira da Silva,

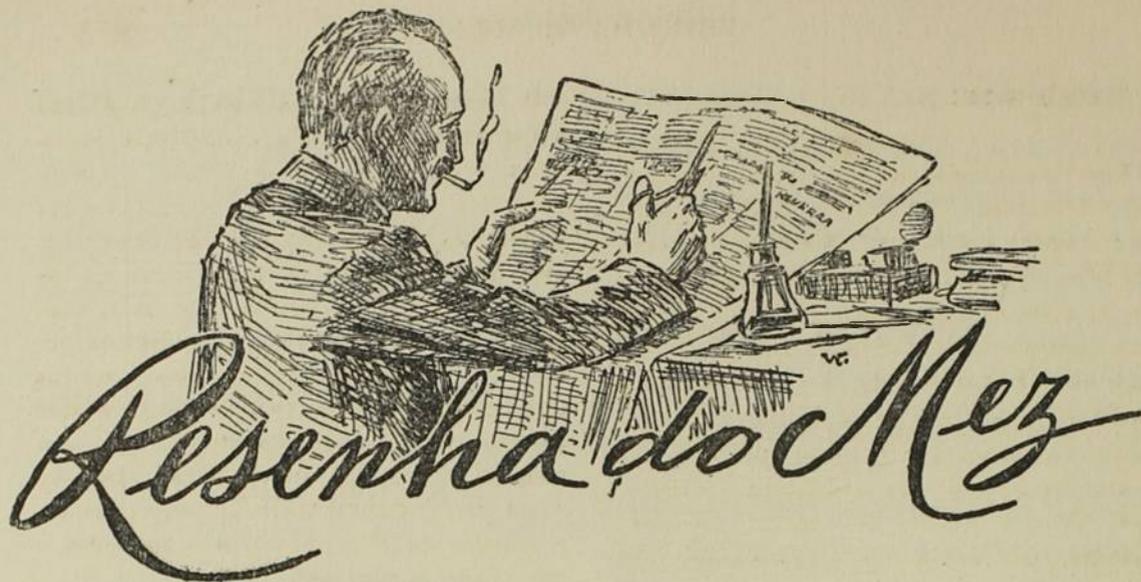
em Piracicaba, em 1918. Typ. Pocaí
& Comp. S. Paulo — 1919.

— ALMANACK DO BIOTONI-
CO PARA 1920 — Ed. Fontoura &
Serpe — S. Paulo — 1919.

Publicação de propaganda dos pro-
ductos do Instituto "Medicamen-
ta", de S. Paulo.

— AMAZONAS MEDICO —
Organ official da Sociedade de
Medicina e Cirurgia do Amazonas
— Anno II, Vol. II — N. 7 — Im-
prensa Publica — Manaus — 1919.





COISAS D'ANTANHO

Era um jury de sensação, mão de empenho de um dos mais temidos potentados da terra. Por um dos seus numerosos crimes, todos impunes, respondia famoso valentão daquella redondeza, chefe de numeroso, activo e bem armado cangaço, conhecido e respeitado em toda a zona sertaneja, de Pernambuco até os confins do Piauhy.

Ahi está porque a villa de XXX, na provincia do Rio Grande do Norte, amanhecera com aquelle desusado aspecto de animação quasi festiva, o seu aspecto dos domingos e dias santos de guarda. Tirante dos forasteiros, de maior ou menor distancia, que haviam chegado na vespera, cavalgatas mais ou menos numerosas e grupos de gente a pé haviam entrado pela manhã. Na feira, nas principaes casas de commercio e pelas immediações da casa da Camara, havia gente em quantidade, com caras e roupas de circumstancia.

A's 10 horas o sino municipal tocou reunir dos srs. jurados e estes foram chegando, dentro das suas farpellas das grandes occasiões, alguns soffrendo a incomparavel tortura das botas novas...

Passemos á organização do tribunal, á leitura do processo e aos debates. Tudo isso era, naquelle logarejo e naquelle tempo, como era na côrte e como é, ainda hoje, na capital da Republica, na fórma e no tundo, salvo pequenas differenças para melhor e... para peor.

A sala, cheia de gente, da qual se destacavam pela imponencia o mandachuva protector do réo e os seus sequa-

zes, apresentava aspecto ameaçador, e de longe percebia-se a coacção do tribunal. O juiz de direito e o promotor mostravam-se superiores ás injuncções das circumstancias, mas os srs. do jury não pareciam nada resolvidos a affronter as consequencias da condemnação, a que, aliás, obrigavam as provas insophismaveis contra o réo.

Formulados os quesitos, ao retirarem-se os jurados para a sala secreta, recommendou-lhes o juiz togado que, a qualquer duvida que tivessem, batessem na porta que sua senhoria iria esclarecel-os.

De facto, por duas vezes, no primeiro quarto de hora, o juiz foi consultado. Mas, depois, o jury parece que ficou de tal modo esclarecido, que não deu mais signal de si na sala secreta.

Passaram-se mais de duas horas, depois da ultima consulta e nem o jury voltava da sua deliberação nem da sala onde deliberava chegava o minimo ruido. Mais alguma espera e o official de justiça foi bater á porta. Silencio; nenhuma resposta; a inspecção pelo buraco da fechadura não logrou divulgar ninguém lá dentro; e, arrombada a porta, encontraram-se os quesitos do juiz sem resposta, tinta, papel e canetas, algumas pontas de cigarros e... ninguém lá dentro...

Já desembargador aposentado, o juiz presidente dessa celebre sessão, com grande indignação, relatou-nos esse episodio dos annaes judiciarios.

Conselheiro AYRES.

(D' "O Jornal", Rio).

A FOME UNIVERSAL

Por insistencia de T. Steeg, director de "L'Action Nationale", Charles Andler reuniu agora, em Paris, os artigos politicos e economicos que publicou antes da guerra, e que eram, como os factos demonstraram, verdadeiras prophcias de apostolo. A catastrophe de 1914 foi tão violenta, que revolucionou as altas regiões da economia politica, perturbando a marcha natural dos phenomenos estudados; Charles Andler foi, porém, tão previdente, ou, antes, tão clarividente, que se realisaram os seus prognosticos, mesmo aquelles que eram feitos, então, á revelia de leis economicas aparentemente invariaveis.

Nesse conjunto de estudos de interesse geral, um existe, entretanto, em que se revela, claramente, o destino do Brasil, o que devia ser meditado pelos homens que traçam, no tempo e na terra, a trajectoria da nossa prosperidade. E' aquelle em que Andler accentúa a transformação progressiva dos povos agricolas em povos, industriaes, de accordo com o aphorismo de List, e os perigos de fome que ameaçam o mundo com a industrialisação continua das populações.

Ante da guerra, os povos industriaes possuiam os seus celeiros, que eram já discriminados geographicamente por Gerhard Hildebrand, em 1912. A França possuia a Africa; a Inglaterra tinha a India e o Canadá; e a Allemanha, a Russia, a Hungria, o Brasil e a China. Pouco a pouco, porém, os paizes que forneciam o cereal e a materia prima para as industrias alheias, foram se tornando, tambem, manufactores. E o desequilibrio economico proveniente dessa transformação é formidavel, por dois factores essenciaes: pela redução agricola, em virtude da transformação do lavrador em operario, e pelo emprego da materia prima no proprio lugar de origem. Andler aponta como exemplo o movimento de exportação dos Estados Unidos, que não só restringiam de anno a anno as suas exportações de materia prima e de cereaes, como reduziam a importação de artigos manufacturados, preparando para a Europa, com isso, uma situação desesperadora.

O economista desses estudos, prevendo a industrialização dos grandes paizes agricolas, como a Russia, o Brasil, a China e a India, imagina um recurso artificial que impeça a marcha desse phenomeno. E esse recurso, que constituiria uma violencia em proveito da humanidade, seria conservar, quanto possivel, como regiões puramente agricolas, isto é, como celeiros universaes, essas grandes regiões de tres continentes. Por esse modo, a fome, que ameaça o mundo, seria, talvez, evitada, ou adiada, assegurando-se, ao mesmo tempo, a riqueza pacifica dos paizes agricolas e dos povos industriaes.

Tudo isso é, porém, impraticavel. As sociedades, como os rios de grande curso, podem ser detidas momentaneamente, mas não regressam á fonte. A fome universal ha de vir, e com ella a anarchia e a barbaria, de onde brote, depois, uma civilisação nova, purificada no soffrimento. A humanidade é uma grande arvore que se estruma com as propras fohas. E' preciso que as de hoje caiam e apodreçam, para que ella rebente, amanhã, em novas flores e em novos fructos.

MICROMEGAS.

(D' "O Imparcial", Rio)

A ENGUIA E OS SEUS HABITOS

O mysterio da vida da enguia só ha poucos annos nos foi revelado. Hoje a historia desse animal constitue um assumpto de grande interesse na sciencia natural, pois que a enguia é um dos mais mysteriosos animaes que existem.

Encontramos ás vezes a enguia num riacho, um pequeno lago ou até em qualquer velho pôço, e imaginamos que deve sempre lá ter vivido. A enguia é, pelo contrario, uma arrojada viajante que, antes de vir estabelecer-se nessas aguas tranquilas, conheceu do Oceano Atlantico profundidades inacessiveis ao homem. Os antigos suppunham que esses peixes nasciam por geração espontanea no lodo dos rios; ninguem vira com effeito jámais ovos de enguia, como ninguem os viu tambem agora.

No ultimo quarto do seculo, os homens de sciencia conseguiram descobrir a pouco e pouco alguma coisa dos seus curiosos habitos; e, ajuntando as noções

fragmentares, como num paciente trabalho de mosaico, conseguiram dar-nos a esse respeito uma informação completa.

As enguias effectuam uma emigração em massa dos rios para o mar; se encontram um obstaculo qualquer ao longo dessa via, sobem para as margens e, através campos e fossos, dirigem-se para o mais proximo curso d'agua, cuja presença lhes é revelada graças ao seu infallivel instincto. Estas jornadas por terra têm lugar de noite; e no seu caminho as enguias dão caça ás rãs, aos ratos e ás vezes até a patos pequeninos, para satisfazerem o seu appetite voraz.

A natureza forneceu-lhes um aparelho maravilhoso, que lhes permite viver muito tempo fóra d'agua. Com effeito, a enguia pode distender a pelle da cabeça de ambos os lados, formando duas especies de bolsas, nas quaes conserva uma certa quantidade de liquido, de modo a manterem os bronchios em estado de continua humidade. Tirando-se uma enguia do seu elemento natural e deixando-se durante algum tempo num lugar enxuto se em seguida se immerge a cabeça do animal num recipiente d'agua, observa-se que elle sorve immediatamente o liquido a grandes tragos, para encher novamente o seu reservatorio

Quando a enguia chega á foz de um rio, não pára, mas prosegue na sua viagem até centenas de milhas de distancia da costa; mantendo-se sempre junto ao fundo do mar, ahi põe os seus ovos sob a pressão enorme da agua sobrejacente, debaixo da qual um homem ficaria reduzido a pó. Nessas profundidades o ovo abre-se á vida. Mas — outro factio maravilhoso, ha pouco tempo descoberto — os dessa criação não são enguias, mas sim entzinhos chatos da fórma de folhas de arvore, e quasi tão transparentes como o vidro. Mesmo contra a luz, num recipiente cheio de agua, é difficilimo distinguil-os, tal é a transparencia.

Os homens de sciencia conheciam ha já bastante tempo estes animaculos, mas nunca lhes passára sequer pela idéa estabelecer uma relação qualquer entre elles e as enguias adultas; julgavam que elles pertencessem a um genero á parte ou a uma familia qualquer e haviam-lhe

dado o nome de *leptocephalos*, ou peixe de cabeça aguda.

Aconteceu porém uma vez que um naturalista, observando um *leptocephalo* num aquario em França, o viu tornar-se a pouco e pouco mais comprido e mais opaco, até adquirir a forma completamente cylindrica; como por uma sorte de prestidigitador desapareceu o *leptocephalo* e apresentou-se a enguia.

Esta noticia espalhou-se com vertiginosa rapidez pelo mundo scientifico que emprehendeu novas investigações sobre o surprehendente caso. Ficou dahi a pouco demonstrado que o *leptocephalo* não era um peixe especial, mas simplesmente uma enguia na primeira phase da sua existencia; assim como o gyryno é uma rã pequena e o bombyx uma borboleta em formação.

CHARLES BAY

(Do "*Chamber's Journal*", Londres).

NOS DOMINIOS DE JULIO VERNE

Os cientistas britannicos e a imprensa em geral mostram-se grandemente interessados pelas suggestões feitas pelo engenheiro italiano Guglielmo Marconi, inventor da telegraphia sem fios, de que é possivel que outros planetas estejam procurando enviar á Terra signaes por meio da telegraphia sem fios.

Em uma entrevista publicada pelo "Dailly Mail" o sabio Italiano declara que desde algum tempo os operadores de telegraphia sem fios têm sido surprehendidos por estranhas interrupções. Essas interrupções são aparentemente uma combinação de letras sem sentido. Marconi afasta a possibilidade de serem essas interrupções causadas por operadores amadores de telegraphia sem fios, porque têm occorrido interrupções identicos em estações radiographicas de mais de um continente.

"Nós já obtivemos, por vezes, uns sons radiographicos estranhos que podem ter sido originados fóra da Terra", disse o inventor italiano.

"Já registrámos desses sons na Inglaterra e na America. Nota-se nas interrupções que certas letras occorrem com maior frequencia do que as outras, especialmente a letra "S" do nosso co-

digo. Ainda não apanhamos coisa alguma que pudesse ser traduzida para uma mensagem definida, porém, a intensidade é idêntica em Nova York e Londres e indica que a sua origem está situada a grande distancia desses dois pontos.

“As interrupções podem ser concebidas como devidas a perturbações naturais, originadas a grande distancia, taes como as erupções no Sol, que causam perturbações electricas, porém eu não afasto a possibilidade de que outros planetas estejam procurando se comunicar com a Terra. Eu quero investigar profundamente esse assumpto, aventurando uma explicação definitiva”.

O publico aqui aceita um argumento sobre o assumpto e acha-se disposto a conceber que Marte ou a Lua talvez estejam procurando se comunicar com a Terra.

O “Evening News” diz ser possível que essas interrupções sejam devidas a perturbações electricas causadas pelo Sol, que “é também possível que sejam os esforços de certos habitantes inteligentes de algum outro planeta que estejam procurando falar conosco”.

“Se assim for, nós estamos na imminencia de descobertas que tornarão os feitos de Colombo triviaes e insignificantes”, acrescenta o jornal.

“Nós nem ousamos imaginar que novos mundos poderão cair dentro do nosso alcance”.

O “Globe” accentua a importancia das declarações de Marconi a respeito da repetição constante de tres pontos, o signal da letra “S”, com a mesma intensidade em diferentes estações radiotelegraphicas do mundo.

O jornal pergunta se os seres de um outro planeta poderiam ter adoptado caracteres arbitrarios, taes como os tres pontos, representando um triangulo, para se comunicar com a Terra.

Os astrônomos geralmente ridicularizam as sugestões de Marconi de que outros planetas estão procurando se comunicar com a Terra, chamando-as de absurdas e monstruosas.

O sr. Wesley, secretario da Royal Astronomical Society, declarou que mesmo muito poucos astrônomos mantiveram a crença de que seres inteligentes habitassem outros planetas e que nenhu-

ma razão foi ainda descoberta que pudesse indicar que qualquer dos planetas fosse habitado, mas por outro lado, muitas razões têm sido descobertas mostrando a impossibilidade de serem habitados os outros planetas.

Declara-se que o unico proeminente advogado da theoria da habitabilidade dos outros planetas foi o fallecido professor Lowell, que baseava a sua crença na idéa de que os canaes de Marte talvez fossem construidos por seres inteligentes. O professor Lowell teve poucos adeptos.

Discutindo o assumpto, o secretario Wesley declarou:

“Que eu saiba, os canaes de Marte foram a unica razão que até agora pôde induzir a se acreditar que esse planeta é habitado, ao passo que existem uma duzia de razões provando o contrario de tal idéa. Entre ellas estão as provas de um frio intenso e a ausencia de atmospheria e de agua. Do mesmo modo, não ha nada que indique que as ondas, taes como as que os instrumentos Marconi puderam registrar, possam ser transmittidas fóra da atmospheria da Terra, que, segundo se calcula, é apenas de algumas dezenas de milhas de espessura. Afirmam-se que as ondas radiographicas não poderiam tranpor os 40.000.000 de milhas que nos separam do planeta mais proximo.

CHARLES MC. CANN

(D“O Paiz, Rio).

A ILHA DE ROBINSON

Como appareceu o “Robinson Crusoe” — A vida de Daniel de Foe — O fidalgo “Domingo” e o semi-selvagem de Juan Fernandez — O novo Robinson suiso.

Como successo de livreria diz o sr. G. Lenotre no “Temps”,—não ha nada melhor do que a prodigiosa fortuna de “Robinson Crusoe”, publicado em 1719, e cujo bicentenario se celebra este anno. E’ curioso notar que todos os livreiros de Londres haviam se recusado a editar esse grande livro, que, segundo o seu diagnostico, “não seria vendavel”. Foi preciso que um amigo do autor se inte-

ressasse por elle, para que William Taylor consentisse, por caridade, em pagar "dez libras" por aquelle manuscripto desprezado. Entretanto, não era essa a estréa do autor: longe disso, Daniel de Foe tinha já escripto mais do que escreveram Voltaire e Dumas reunidos, e só os titulos das suas obras enchem 28 paginas in-folio. Mas a sorte não o protegia. Foe era modesto, escrupuloso e timido. Além disso, a sua honestidade confinava com a candura, e a Fortuna, cujas olhadellas não se dirigem senão para os temerarios, desdenhava esse moço esperançoso, amedrontado e reservado. Elle tinha feito tudo para conquistá-la: fabricante de "bonnets", politico, banqueiro, negociante, jornalista. Com isso tudo não conseguira enriquecer, e chegára apenas á bancarrota. Tanto que, para fugir aos seus credores, elle deixou Londres e refugiou-se em Bristol. Ahi se quedou elle, discreto sobre os seus caiporismos. Ninguem, nem mesmo o seu hospedeiro, sabia o seu nome ou o seu passado. Durante a semana, não sahia do quarto, mas aos domingos, elle passeava pelas ruas, da manhan á tarde; viam-no em todos os quarteirões, vestido de preto, com uma longa perruca, uma espada inofensiva e longos punhos de rendas. Entrava nas tabernas, frequentava de preferencia aquellas cuja clientela se constituia de operarios e marinheiros, e á tarde, quando soavam as sete horas, elle se sumia a todos os olhares, para reaparecer sómente dahi a sete dias. Por isso, toda a gente o conhecia por este appellido: o "Gentilhomem Domingo".

Um dia — um domingo, naturalmente, — como elle estivesse a almoçar na Hospedaria do "Leão Vermelho", no Castle Street, viu-se entrar na sala um homem, cujo vestuario se compunha apenas de pelles de cabras: bonet pontudo, casaco, calças, sapatos, tudo grosseiramente arranjado e costurado com grandes pontos de barbante. O homem exprimia-se com grande difficuldade, e tinha muito trabalho em combinar as suas palavras. O fidalgo Domingo, tendo muito poucas distracções, familiarisou-se com esse semi-selvagem, soube que elle se chamava Alexandre Selkirk, serviu-lhe de interprete, interrogou-o discretamente e conheceu as-

sim uma historia pouco banal. Alguns annos antes, esse Selkirk, originario de Lasgo, no condado do Fife, na Escossia, embarcára aos 27 annos, no navio "Os Cinco Portos", com destino ao Chile. Sujeito desmiolado, Selkirk teve uma rixa, durante a travessia, com o capitão. E como o navio passava á vista da ilha de Juan Fernandez, rochedo deserto, meio verdejante e meio esteril, elle pediu que o desembarcassem ahi, jurando que preferia a solidão á vida de bordo. O capitão deu-lhe vestes, uma barraca, uma espingarda, uma libra de polvora, balas, fumo, uma faca, e uma Biblia, e continuou a sua rota — a sua rota para a morte, porque pouco tempo depois o navio naufragava e percia toda a equipagem.

Selkirk, ignorando essa catastrophe, arrependeu-se logo do que fizera. Resignára-se a alguns dias de solidão, esperando que não havia de tardar a apparecer um navio que o repatriasse. Mas viu logo que não passavam navios pela ilha, e que lhe era forçoso ter muita paciencia. Viveu assim durante cinco annos, até que o vento levou ás proximidades da ilha o navio inglez "Duke", e elle poudo ser recolhido.

O Gentilhomem Domingo, a quem a reclusão de sete dias parecia já muito dura, interessou-se apaixonadamente pela historia desse desgraçado que ficara 1.800 dias sem vêr um ser humano. Conversou muitas vezes com Selkirk, esforçava-se em fazel-o falar, e, voltando á casa meditava durante toda a semana. "Robinson Crusóé" nasceu dessas meditações e desse recolhimento. A solidão é uma admiravel condição de trabalho. Ninguem imagina o que a literatura perdeu com a abolição das prisões por dividas, aborrecimento a que estão muito sujeitos os homens de letras, e graças ás quaes elles teriam um isolamento e uma tranquillidade hoje impossiveis de se obterem. Foi talvez por isso que "Robinson" sahiu uma obra perfeita, Daniel de Foe teve uma gloria immortal e a ilha Juan Fernandez a sua inapagavel celebridade.

Esse rochedo, perdido no Pacifico, a 676 kilometros das costas da America, teve, graças ao romance, uma fama extraordinaria. Como Santa Helena, essa ilha teve os seus exploradores, os seus peregrin-

nos, os seus historiadores. Todos a descreveram como um sitio encantador, criado para o idyllo e digno de rivalisar com o Paraiso de Adão. Quando o hespanhol Juan Fernandez a descobriu, em 1566, as phocas eram ahi em numero extraordinario. Fernandez destruiu as phocas, com as quaes fazia oleo, e importava cabras. Cento e quarenta annos mais tarde, quando o marinheiro Selkirk ahi aportou, as cabras pullulavam.

Depois da partida de Selkirk, o rochedo ficou deshabitado até 1750, data em que os hespanhões o transformaram em prisão. Em 1837 Juan Fernandez foi de novo abandonada durante trinta annos, no fim dos quaes o governo chileno tomou posse da ilha e annunciou pelos jornaes que a arrendaria. Só em 1877, porém, é que um europeu se offereceu para arrendal-a: era um suiso, então nos seus 44 annos, e chamado Alfredo de Rodt. Grande viajante, sempre com projectos aventureiros, fatigado da vida commercial e fervoroso admirador de "Robinson", Rodt formára o plano de viver como o seu heróe cujas maravilhosas aventuras encantaram a sua infancia, e propoz-se pagar 1.500 dollars por anno pela ilha, cuja superficie é de 95 kilometros quadrados. Os primeiros tempos foram deliciosos — e arduos. Nas duas Americas corria o boato de que o locatario da ilha era nada menos que o archiduque da Austria, João Orth, cuja mysteriosa desaparição fôra assignalada por esse tempo. Alfredo de Rodt não se incommodou com isso. Trouxera comsigo alguns colonos e gado numeroso. Iniciou logo as plantações, mas como desde os hespanhões as cabras haviam desaparecido, e no seu logar existiam apenas ratos, — ratos numa quantidade colossal — Rodt teve de dar cabo delles. O novo Robinson era não só governador da ilha, como director do correio; director da estação meteorologica, mestre-escola, juiz, official do registo civil, administrador do serviço funerario e capitão do porto. A sua frota compunha-se de um navio, a que foi dado, como era natural, o nome de "Robinson". Apesar das suas absorventes occupações, Rodt achou tempo para se casar: escolheu para isso uma hespanhola, que lhe deu cinco filhos.

Alfredo de Rodt ahi morreu a 4 de Julho de 1905, e a sua viuva e os seus cinco filhos ainda habitam essa ilha longinqua, com a qual têm sonhado todas as imaginagões infantis, desde que um romancista, perseguido pelos seus credores, ha dois seculos se refugiou em Bristol, e ahi se entreteve a escrever a maravilhosa historia que as gerações não se cansarão de ouvir.

(D' "O Estado de S. Paulo").

AS MULHERES SUL-AMERICANAS

"Estou fallando, ás mulheres norte-americanas, da mulher sul-americana como a encontrei. Ella não precisa nem de professores nem de prégadores nossos. Tem educação. Ha collegios lá que estavam trabalhando quando nós estavamos usando cabanas como escolas.

E ella está cançada de sermões... Tudo o que de nós precisa é de iniciativa na organização". A oradora foi mrs. Ira Clyde Clarke, collaboradora da "Pictorial Review".

Sua opinião sobre as mulheres sul-americanas foi formada pela convivencia entre ellas durante uns seis ou sete mezes. Mrs. Clarke voltou agora de sua viagem. As palavras escriptas acima foram ditas ás mulheres de Dallas, ha alguns dias passados. Interessado como sou em tudo que diz respeito ao meu paiz, tenho prazer em repetir as palavras de mrs. Clark e tambem adicionar algumas observações.

Uma vez perguntaram-me si as mulheres sul-americanas sabiam fazer outra cousa além das suas orações á Virgem Maria e dos quitutes que cozinham para o marido.

Talvez existam muitas — não sómente na America do Sul, porém em outras partes do mundo — que o não saibam.

Acreditem-me, mas ha muitas mulheres na America do Sul que sabem fazer muitas outras cousas além dos quitutes que cozinham para o marido e das orações que fazem á Virgem Maria e Santo Antonio — o santo favorito das moças e das solteironas. Algumas dellas se esqueceram da Virgem Maria e do miraculoso Santo Antonio e são membros de egrejas evangelicas de livres pensadores.

Isto é assombroso? Será talvez para aquelles que imaginam que a mulher sul-americana é sem ideal, ignorante e supersticiosa. Porém o observador quanto mais meticoloso é das condições das mulheres sul-americanas, mais cousas admiraveis encontra.

“Muitas qualidades que descobri na mulher sul-americana me assombraram” disse mrs. Clarke.

A mulher sul-americana é progressista porém não se esquece de que cosinhar o jantar do marido é uma das suas obrigações. Ella não se descuida dos seus afazeres no lar. E' a mais extremosa das mães, a mais carinhosa das irmãs e creio — a experiencia o confirmará — a esposa mais dedicada do mundo.

Garibaldi, o heroe italiano, assim se expressou quando tomou por esposa uma brasileira.

Um inglez — sabem como os inglezes antipathisam os estrangeiros — depois de visitar o Brasil, escreveu que achou a dona da casa brasileira “raras vezes desdenhando revestir o avental e dirigir pessoalmente os trabalhos na cosinha; muitas vezes tambem servindo os pratos com as suas proprias mãos e não consentindo que elles viessem da pastelaria de defronte”.

A moça sul-americana é educada num collegio catholico ou particular. Talvez ella não adquira uma bôa educação completa. Muito cuidado é dedicado ás linguas, musica, bordados, e outras cousas são negligenciadas. O ensino scientifico da sciencia domestica é negligenciado nas nossas escolas de moças. Porém estamos começando a dar a essas cousas praticas a devida attenção.

Hontem recebi uma carta de uma amiga minha no Brasil, uma joven americana, (*) diplomada pela Universidade de Colombia, na qual ella fala da brilhante perspectiva da escola domestica que dirige em Natal. Moças das familias mais distinctas do estado estão procurando aquella escola.

Nas universidades e collegios profissionaes encontram-se moças preparando-se para serem doutoras, dentistas, professoras, stenographas, etc. Já existem mulheres profissionaes activas nas grandes cidades sul-americanas.

“Encontrei mulheres tomando parte em toda a sorte de actividade”, disse mrs. Clarke, em Dallas.

Tem sido o costume de paes ricos mandar suas filhas ás escolas européas. A algumas das nossas moças o governo dá subvenções para irem á Europa estudar bellas-artes. Para exemplo citarei a senhorita Celia Torre, eximia violinista argentina, cujo talento foi maravilha para os criticos musicaes de Paris e Bruxellas.

Lembro tambem que uma das maiores pianistas do mundo actualmente, d. Guiomar Novaes — a “divina Guiomar”, como alguns gostam de chamal-a — é brasileira.

Outras mulheres sul-americanas têm triumphado nos centros artisticos da Europa — como musicistas e, pintoras, esculptoras e cantoras de opera. Alguns dias antes de deixar a minha cidade natal para vir a New-York tive o prazer de jantar com uma das mais brilhantes pintoras, d. Fedora Monteiro, cujos trabalhos têm sido grandemente elogiados por criticos parisienses.

No mundo das letras, especialmente em novellas e no jornalismo, a mulher sul-americana não fica atraz. Um dos mais celebres novellistas do nosso continente hoje, é uma senhora, d. Julia de Almeida. D. Albertina Bertha, do Rio, publicou recentemente uma novella á D'Annunzio que tem sido um successo. A serie de artigos que uma minha prima, d. Regina de Carvalho, publicou num jornal brasileiro, tratando de problemas sociaes, seria lida com interesse por qualquer estudante de taes assumptos neste paiz.

No theatro algumas mulheres sul-americanas têm se salientado. Mencionarei sómente d. Italia Fausta e d. Alice Fisher, ambas do Brasil.

Mrs. Clarke falou a verdade quando disse que a mulher sul-americana está tomando parte em todas as actividades. E isto é uma surpresa para aquelles que pensam que ella nada pôde fazer a não ser suas orações á Virgem Maria e aos Santos e cosinhar para o marido. Ella pôde ir além.

(*) Miss Leora James, directora da Escola Domestica, em Natal.

Gilberto Freyre.

(Diario de Pernambuco).

CURIOSIDADES POSTAES

Ha annos, no tempo em que havia ainda a Administração dos Correios do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro, um agente de correio do interior mandava sempre as malas de papel fechadas, lacradas, mas sem que estivesse impresso no lacre o sinete da agencia.

A antiga 8.^a Secção (hoje 4.^a) recebendo as malas assim não sinetadas, communicava o facto em officio ao Administrador, o velho Theodoro, que mandava officiar ao agente, chamando-lhe a attenção para a irregularidade.

O agente, bom homem simples do interior, respondeu a esse primeiro officio, desculpando-se com uma razão forte: — não sinetava as malas porque não tinha... sinete. Recebera a agencia do antigo serventuario sem esse utensilio indispensavel ao fechamento e segurança das malas, e como não podia reter a correspondencia, ia mandando as malas sem sinetar, até que a Administração lhe fornecesse o sinete já pedido, ha quasi seis mezes, logo depois da sua posse.

E as malas da agencia iam chegando diariamente á antiga 8.^a Secção, sempre não sinetadas; e o antigo chefe dessa Secção — parece que o Sr. Mesquita Soares, rispido e energico — ia diariamente reiterando ao Administrador os seus officios em que reclamava contra a grave falta commettida pelo agente numa reincidencia de todos os dias.

Afinal, um bello dia, o velho Theodoro já arreliado com tantas reclamações do chefe Mesquita, mandou lavar portaria multando o agente por inobservancia do art. tantos do Regulamento e mais pela desobediencia formal em não acatar as ordens da Administração.

A 1.^a Secção fez o officio communicando ao agente que havia sido multado por aquella falta: a teimosia de querer mandar sempre as malas não sinetadas.

O agente respondeu. Seu officio era um modelo de obediencia, de acatamento e de ironia. Aqui vae reproduzido como uma verdadeira curiosidade postal:

“Sr. Administrador:

Recebi o seu officio em que me communica que eu fui multado por causa de

mandar as malas sem estarem sinetadas. Esse officio e essa noticia da multa, recebi.

Agora o que ainda não recebi foi o sinete que estou pedindo a V. S. desde que tomei posse desta agencia, ha mais de seis mezes.”

O velho Theodoro achou graça na ironia bonachona do agente, em que se fazia uma critica formidavel ao serviço de fornecimento de material. Menos generoso fosse o agente e teria tambem mandado multar o Administrador por lhe não ter fornecido o sinete.

O velho Theodoro achou graça. Mandou declarar sem effeito a portaria de multa e fornecer immediatamente o sinete ao agente. — BOCH — (*União Postal* — Rio).

A DATA DE HONTEM

Houve quem commemorasse hontem, em phrases dithyrambicas, o primeiro anniversario da entrada do Brasil na guerra. Para esse conhecido escriptor, que não hoto prego sem estopa, a entrada do Brasil na grande guerra foi o maior facto historico, politico, financeiro, economico e até moral dos ultimos tempos no nosso paiz. Esquece-se esse conspicuo cidadão de que a nossa declaração de guerra á Allemanha foi apenas um arranjo financeiro realisado para favorecer meia duzia de espartalhões franco-luso-anglo-americano-brasileiros. Dizer que entramos na guerra por motivos idealistas, como quer o nosso pittoresco Dr. Nilo Peçanha, é mentir, mas mentir descaradamente. O Sr. Nilo empregou essa expressão — *por motivos idealistas* — quando respondeu á pressão que nos fazia o embaixador dos Estados Unidos, de combinação com a Inglaterra, afim de que confiscassemos toda a propriedade de allemães existentes no Brasil. Foi então que o Sr. Nilo, gingando, com aquelle seu fino sorriso diplomatico de Tayllerand cabinda, meneando as lunetas, declarou haver o Brasil entrado na guerra por motivos idealistas, e que esse confisco exigido pelas potencias aberrava das nossas tradições de povo culto. etc., etc. Reamente seria o cumulo da ladrocira legal chegarmos nós um bello dia aos allemães e dizer-lhes: — Olhem. Essa casa, essas fabricas, essas

lavouras e essas machinas vocês conseguiram ganhar com o seu suor. Mas os norte-americanos, os inglezes e os francezes querem tudo isso para elles. Vocês vieram para aqui, suppondo ser este um paiz civilisado, uma terra policiada, não? Enganaram-se. O Brasil é um velhacouto de aventureiros, dominados por inglezes, norte-americanos, francezes e até de gente vinda de paizes pequeninos que não têm a menor importancia no universo. As terras que vocês cultivaram vão passar para os norte-americanos, que dellas precisam para localisarem os negros dos Estados Unidos, cuja permanencia lá elles não querem mais...

Seria isso positivamente muito interessante. O governo, porém, não quiz satisfazer aos nossos inclytos senhores nessas suas tão honestas aspirações e com isso ficou profundamente convencido de ser um governo honrado. Apenas, esqueceu-se o governo de que, si roubar fabricas e terras é crime, roubar navios também é crime. Os navios allemães estavam nos nossos portos, confiando na lealdade da nossa bandeira positivoide, quando um bello dia resolvemos applicar-lhes uma coisa chamada *posse fiscal*. Depois de certo tempo, sem mais nem menos, resolvemos arrendal-os á França, sob a condição desta nos comprar café e cereaes! Agora a França entende que os navios são della e não nossos. Eis ahi a situação gloriosa em que ficamos com a guerra declarada á Allemanha. Roubamos para os francezes. Roubar para si é crime; mas roubar para dar aos outros, além de crime, é estupidez, salvo melhor juizo...

ANTONIO TORRES.

(Da "Gazeta de Noticias", Rio).

AMERICANADAS

Conta Jean Richepin que, durante a sua viagem á America, foi lá escripturado por um empresario para ir fazer uma conferencia em Boston. Apenas firmado o contracto, o empresario entregou-lhe a somma pactuada, dizendo-lhe:

— Tome lá: visto ter o dinheiro comigo, mais vale entregar-lh'o já.

— Muito bem — respondeu Richepin — a paga antecipada é optima para tornar a voz mais clara... Mas não lhe pa-

rece isto um pouco imprudente da sua parte?

— Sei muito bem que não faltará ao seu compromisso. O seu nome é demasiadamente conhecido!

— Agradeço-lhe a boa opinião que tem de mim — respondeu Richepin. Supponha, porém, que eu morra antes de chegar a Boston...

— Oh — declarou friamente o Americano — isso pouca importancia teria. Já calculei que lucraria muito mais com a exhibição do seu cadaver!

Outro grande escriptor enropeu, Rudyard Kipling, refere também o seguinte episodio como documento do espirito pratico dos Americanos:

"Por desastramento de um moço do hotel onde estive nos primeiros dias da minha chegada a Nova York, um dos meus bahu's cahira do *camion*, ficando arrombado e, o que era mais grave, ficando estragados uns objectos de grande valor que esse bahu' continha. Escrevi ao Director do hotel expondo-lhe o facto e pedindo uma indemnização. Não recebi resposta. Uma segunda carta que lhe escrevi, teve o mesmo resultado. Decidi-me, em vista disso, de ir pessoalmente fazer a minha queixa, e recebi delle a seguinte extraordinaria explicação: "Vendi a um colleccionador de autographos a sua primeira carta por vinte cinco dollars: a segunda por cincoenta. Estava á espera que o sr. continuasse a escrever-me para lhe poder pagar a indemnização a que tem direito, sem desembolso da minha parte!" Kipling achou tanta graça á engenhosa combinação do dono do hotel, que se contentou com 75 dollars

Digno de menção também aquelle medico americano chamado para tratar de um individuo atacado de somnambulismo e que depois de escrever a sua receita a manda levar á mais proxima loja de ferragens

— O sr. dr. quer dizer á mais proxima pharmacia — observa um membro da familia do doente.

— Qual pharmacia! Não vê que receitei um kilo de pregos?

— De pregos!

— Sim senhor, de pregos. Espalhe-os pelo chão, no quarto de cama do seu somnambulo e verá se não lhe passa de-

pressa a vontade de andar a passear á noite, de pés descalços!

Finalmente, para terminar venha a historia do gago de Nova York que conseguiu encontrar uma boa fonte de receita mediante uma especialissima profissão por elle imaginada. Quando acontece alguma desgraça na grande metropole, como por exemplo, se um individuo qualquer foi transportado para um hospital por ter quebrado uma perna, ou por ter sido atropelado por um carro, o acima mencionado gago recebe logo o encargo de ir prevenir á familia do desgraçado, não tendo para isso de tomar os necessarios resguardos, visto que a propria gaguêz lhe permite annunciar a má noticia sem as indispensaveis precauções oratorias...

(Do "*Jornal do Commercio*", Rio)

CANHÕES HISTORICOS

Os dois canhões que se encontram enterrados em duas esquinas formadas pelo jardim publico da praça Frei Baraúna, são duas reliquias historicas de Sorocaba. E é muito lamentavel que as duas peças ali estejam como que abandonadas, servindo de "frades de esquina", quando dignas eram de figurar em qualquer museu, ou, pelo menos, de ser distribuidas pelos dois Grupos Escolares locais, pois muito teriam os professores que ensinar a seus discipulos a respeito dellas, que relembram não só um dos factos mais notaveis de Sorocaba, senão tambem um dos acontecimentos importantissimos da historia do segundo imperio brasileiro: a revolução de 42, chefiada na então provincia de S. Paulo pelo brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.

Fizeram taes canhões parte de um parque de artilharia fundido no Ipanema pelo engenheiro Bloem, e destinavam-se á defesa da cidade ameaçada pelas forças

de Caxias, encarregado de debellar a revolução liberal.

O parque foi collocado na parte mais alta da praça hoje denominada dr. Fajardo, dominando a ponte. Por ali devia passar Caxias com suas forças, pois até então só a estrada de rodagem ligava S. Paulo á capital, procedencia daquelle militar.

As peças, entretanto, não chegaram a ser utilizadas, pois ao avistar as forças de Caxias, o artilheiro, aterrorizado como tantos outros soldados da revolução que debandaram logo após o desastre do Pirajussára, abandonou o seu posto, procurando na fuga a sua salvação.

Depois da tomada da cidade pelas forças imperiaes, depois da fuga de Tobias para o sul, quando já extincta a revolução, foram os canhões enterrados junto á ponte servindo de "frades" no tempo das feiras, e dali, mais tarde, foram transportados para o logar em que se encontram.

A praça em que foi collocado o parque chamava-se naquelles tempos, "Largo das Tropas", por ser o logar em que as tropas das feiras se reuniam para a contagem e pagamento de impostos de barreira. Depois do facto atrás narrado passou a ter o nome pomposo de "Praça da Artilharia". depois, em homenagem á mãe de Tobias, residente na ultima casa da rua da Ponte, numa esquina, actual n.º 39, foi chamada "Praça Santa Gertrudes", nome substituido pelo de "Praça Dr. Fajardo", homenagem de gratidão que o povo de Sorocaba prestou ao insigne medico.

Os canhões historicos enterrados de boca para baixo na praça Frei Baraúna, são um symbolo altiloquente do espirito nacional: amordaçado pela ignorancia e pelo desprezo das tradições patrias.

L. A. W.

(*Annuario do Gabinete Sorocabano de Leitura*).



— Então? Que ha de novo lá por baixo?
 — Tudo velho e sem importância; só se fala na crise de casas e no aumento dos alugueis...

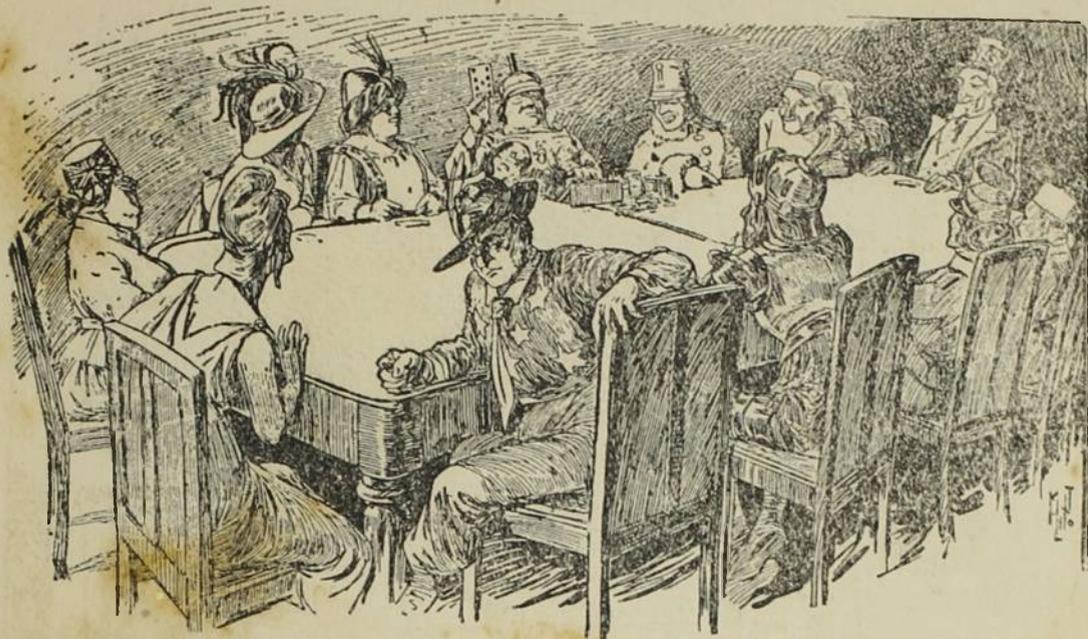
Raul (O Jornal — Rio)



Scenas da época

— Algum sultão "camouflé" ?
 — Não ; um simples açambarcador acumulante...

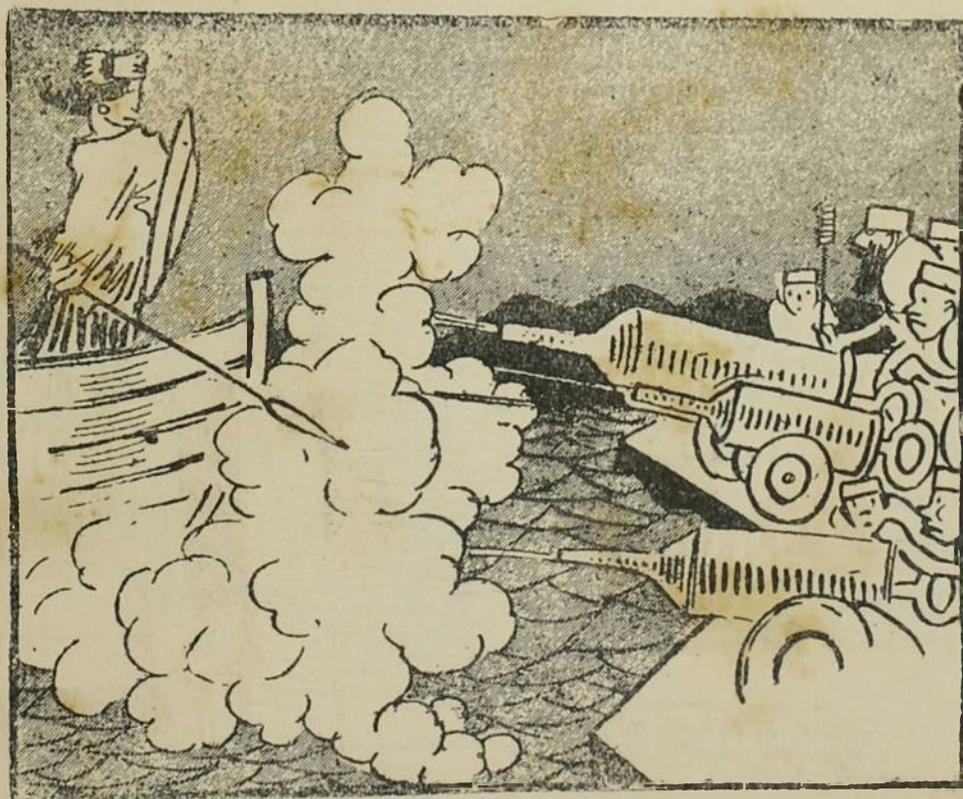
Araujo (D. Quirote — Rio)



A Allemanha, bancando o jogo, perdeu para todos; mas o Brasil
perdeu para a Allemanha. Já é pezar!

Kalixto (D. Quilrote — Rio)

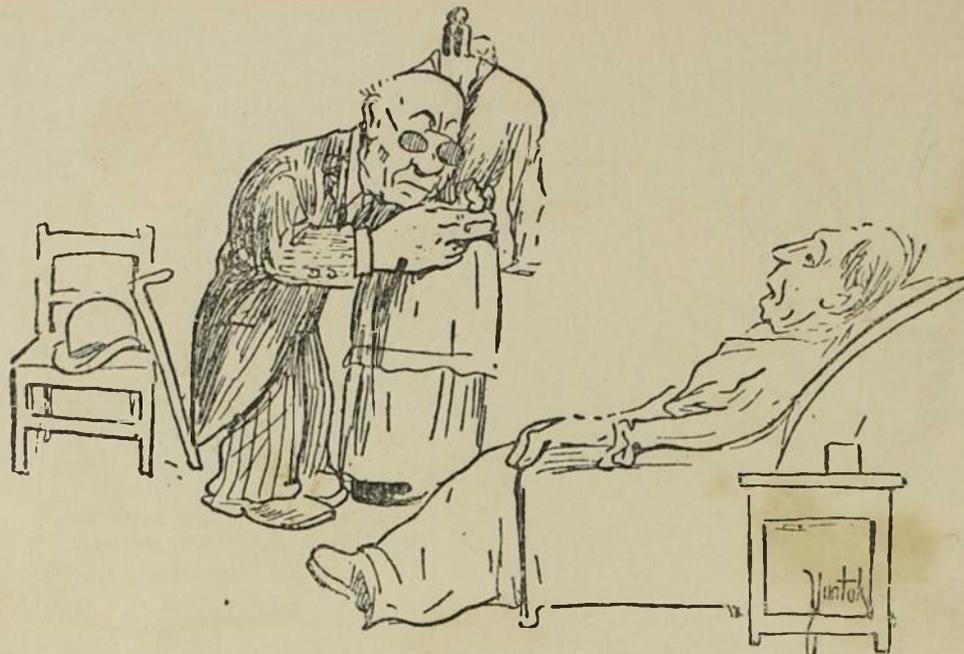
A NOVA OFFENSIVA HESPANHOLA E A
HEROICA RESISTENCIA DO SERVIÇO
SANITARIO



— Vae embora! Aqui não entra!

Voltolino (Pasquino)

DISTRACÇÃO

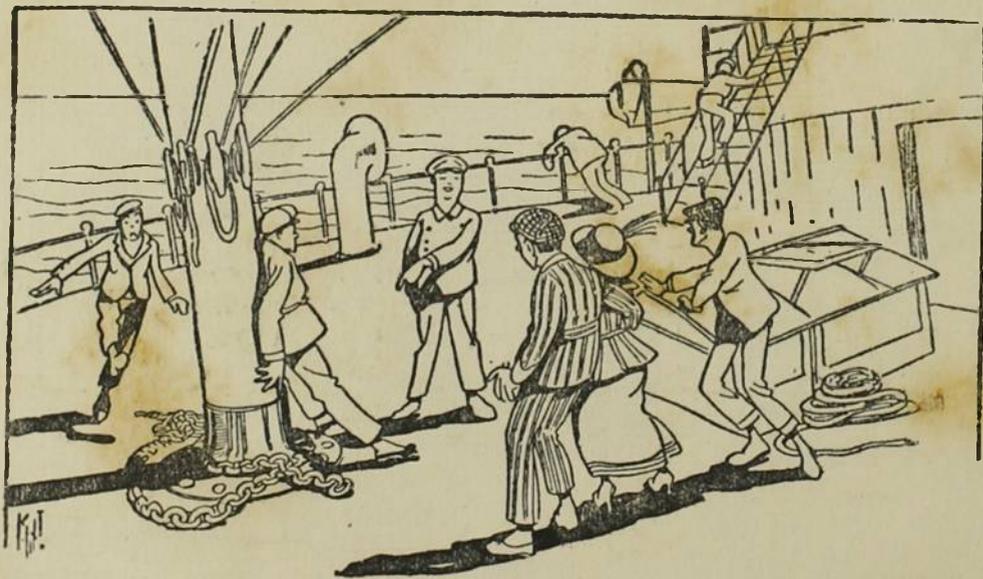


O doutor (distrahido, ausculta o manequim) — O caso é grave, minha senhora; o seu corpo não funciona, os órgãos estão endurecidos; só a autopsia poderá mostrar do que se trata.

Yantok (*D. Quixote* — Rio)

VIAGEM A SECCO

O governo americano prohibiu o uso de bebidas alcoolicas a bordo dos navios.



— Então, commandante, nem uma gotta?
 — Nada! em materia de vicios, contentem-se com o jogo... do navio.

Kalixto (*D. Quixote* — Rio)

ESTÁ CHEGANDO A HORA



Fritz (D. Quixote — Rio)

A Situação (preta): — Vae botando ether nos olhos desse palerma, enquanto eu vou abafando os casos...

ORGULHO PATERNO



— Minha mulher, esse Juquinha tem futuro! Comeu o doce do irmão e depois bateu-lhe. Ha de dar um bolshevik de primeira ordem!

Manolo (D. Quixote — Rio)

HONESTIDADE PRÁTICA



— Perdão, cavalheiro, o dinheiro que perdi, era uma nota de 200\$000.

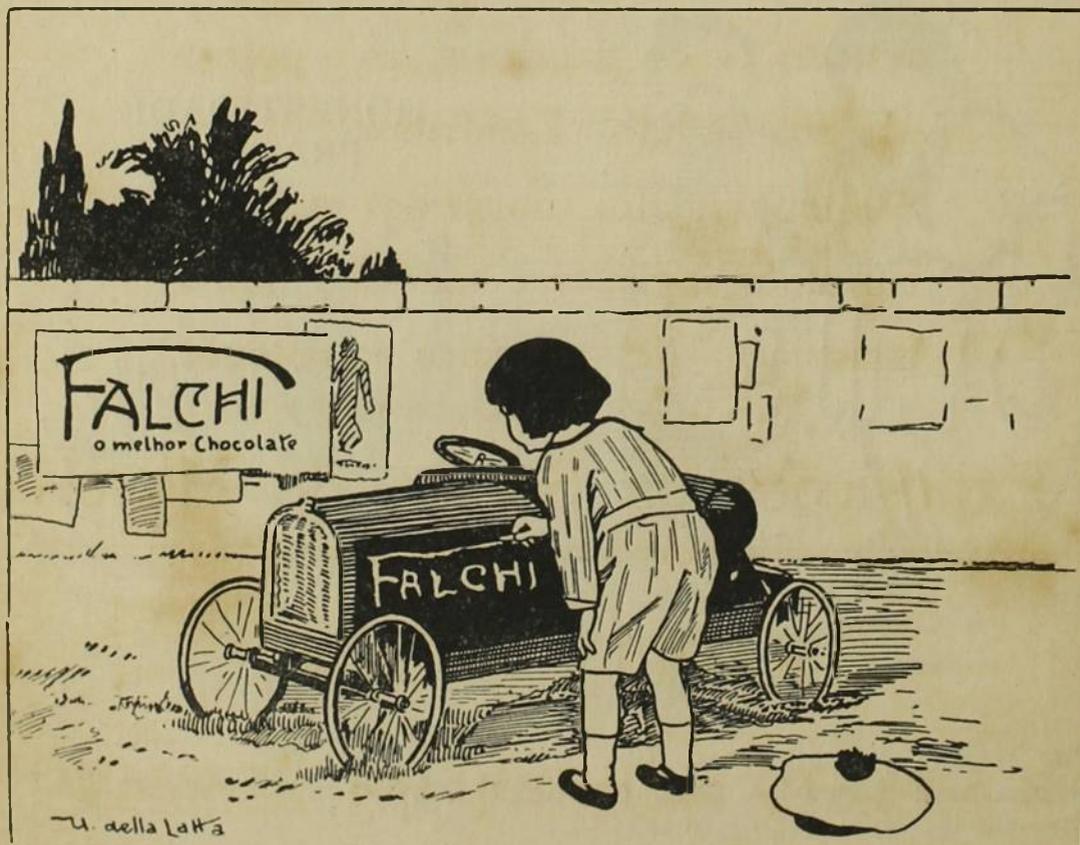
— Sim... mas é que eu já a troquei para facilitar a gratificação.

UM ESCANDALO



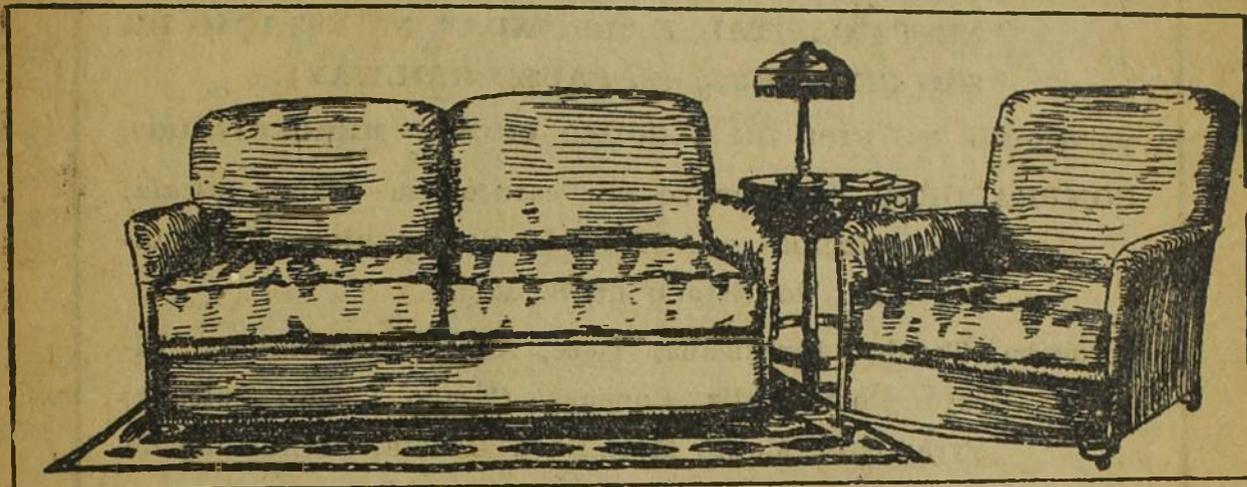
- Mataram alguém?...
- Não... Uma mulher que apareceu vestida!!

Storni (D. Quixote — Rio)



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ———

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TECIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA" NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS.

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5296 - CENTRAL
CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida
Agua Mineral

"PLATINA"

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Agua de mesa — Acção Medicinal — A Platina cuja Fonte Chapadão, está situada na estação da Prata, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a Vichy e é, como esta agua franceza

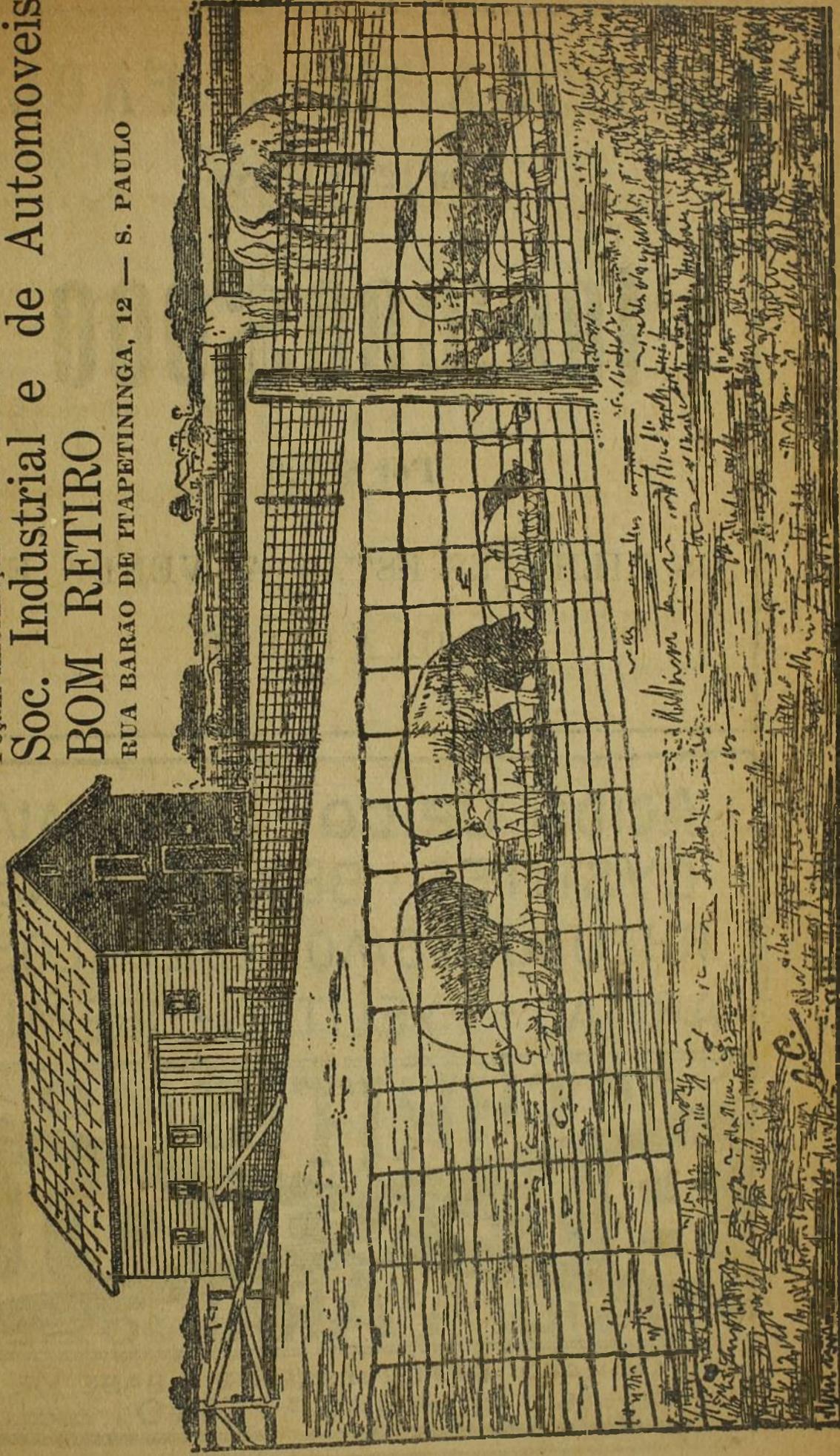
Vendida em garrafas escuras.

Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes.

Soc. Industrial e de Automoveis
BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 12 — S. PAULO



LOTERIA DE S. PAULO

Em 12 de Março

100:000\$000

Por 6\$500

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA-ARAÚJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade. —

Preço, pelo Correio, 3\$300. — Pedidos á RE-
VISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B. S. PAULO.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SEMENTES, PLANTAS, BOUQUET,
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

PEÇAM CATALOGOS

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluído o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDADORES.

LACTIFERO

ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da Pharmaceutica STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mammarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, Rua Conselheiro Furtado, 111 —

S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarios no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro N.º 61. —

Importantes certificados que confirmam
o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO & BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado N.º 111.

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos envlar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

**EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITAÇÕES**




QUINIUM. CARNE.
 LACTO PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA

**VINHO
 RECONSTITUINTE
 GRANADO**



TONICO e NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.



**EXIJAM A NOSSA
 MARCA**

HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do *Dr. Faria Lobato* — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO